

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA/MESTRADO**

**O CÓDIGO CULTURAL RELIGIÃO COMO UMA
DAS MANIFESTAÇÕES DA IDENTIDADE CULTURAL
DA QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO
ITALIANA/RS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Eunice Piccin

**Santa Maria, RS, Brasil
2009**

O CÓDIGO CULTURAL RELIGIÃO COMO UMA DAS MANIFESTAÇÕES DA IDENTIDADE CULTURAL DA QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA/RS

Por

Eunice Piccin

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em geografia e Geociências, Área de concentração Análise Ambiental e Dinâmica Espacial, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Geografia**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Meri Lourdes Bezzi

**Santa Maria, RS, Brasil
2009**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Naturais e Exatas
Programa de Pós-Graduação em Geografia/Mestrado**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a
Dissertação de Mestrado

**O CÓDIGO CULTURAL RELIGIÃO COMO UMA DAS
MANIFESTAÇÕES DA IDENTIDADE CULTURAL DA QUARTA
COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA/RS**

elaborado por
Eunice Piccin

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Geografia

COMISSÃO EXAMINADORA:

**Prof^ª. Meri Lourdes Bezzi, Dr^ª. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)**

Prof. Marcos Aurélio Saquet, Dr^º. (UNIOESTE)

Prof^ª. Sylvio Fausto Gil Filho, Dr^º. (UFPR)

Santa Maria, 11 de agosto de 2009

AGRADECIMENTOS

Minha trajetória não se fez sozinha, por isso, não posso deixar de agradecer:
A Deus pelo dom da vida.

A Universidade Federal de Santa Maria pela oportunidade de desenvolver esta pesquisa e pelo ensino gratuito e de qualidade.

A CAPES pelos 12 meses de bolsa de estudo as quais facilitaram realização do trabalho.

A Prof^a Dr^a Meri Lourdes Bezzi pelo empréstimo de livros, sugestões, paciência e profissionalismo em orientar esta pesquisa.

Aos padres e chefes do Departamento de Cultura e Turismo dos municípios que compõem a Quarta Colônia de Imigração Italiana pela colaboração e informações.

As secretárias das paróquias que compõe este recorte espacial que gentilmente atendiam minhas ligações e me recebiam, esclareciam dúvidas e selecionavam material a fim de contribuir com a pesquisa.

Um agradecimento todo especial aos habitantes dos municípios pertencentes à área de estudo que colaboraram respondendo os questionários e fornecendo informações extras sobre a localização dos símbolos religiosos, sua história e importância.

A meus pais, Ediseu e Geni, pelos ensinamentos, exemplos de luta e incentivos, os quais, fizeram-me vencer mais uma etapa de minha formação.

Ao meu irmão Édison e ao meu noivo João Guilherme que me acompanharam em quase todos os trabalhos de campo, agradeço a força, carinho e companheirismo.

Aos colegas do Mestrado e aos da Prefeitura Municipal de Pinhal Grande pelo aprendizado e momentos de descontração.

Aos amigos em especial a Fernanda, Monica, Maria Medianeira e Fabiano. A amizade e o incentivo de vocês foram fundamentais.

Obrigada!

“De tudo, fica a certeza de que é preciso continuar, fazendo de cada obstáculo um caminho, do sonho uma ponte e da procura um encontro, para que valha a pena existir”.

(autor desconhecido)

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Geografia
Universidade Federal de Santa Maria

O CÓDIGO CULTURAL RELIGIÃO COMO UMA DAS MANIFESTAÇÕES DA IDENTIDADE CULTURAL DA QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA/RS

Autora: Eunice Piccin
Orientadora: Meri Lourdes Bezzi
Data e Local da Defesa: Santa Maria 11 de agosto de 2009.

Para a Geografia, ciência que estuda as relações espaciais, é importante entender a religião, pois, a mesma, constitui-se em um código cultural que permite compreender as relações humanas e os acontecimentos socioculturais, pois, esta se materializa no espaço, influenciando e modificando a vivência de um povo. Assim, a presente pesquisa, tendo como área de estudo a Quarta Colônia de Imigração Italiana, visou (a) compreender o código religião na vida dos habitantes da Quarta Colônia de Imigração Italiana; (b) ressaltar alguns símbolos religiosos expressivos nos municípios que integram o recorte espacial em análise e, (c) elaborar, baseado na identidade local, o “Guia Turístico da Religião”, no qual constará dados relevantes da pesquisa e algumas fotos. Metodologicamente, fez-se entrevistas e aplicação de questionários a informantes qualificados. Posteriormente, realizou-se mapeamento dos símbolos religiosos significativos em cada município, onde os mesmos também foram fotografados. Como forma de compreender a religião como código cultural e fazer o resgate dos símbolos religiosos realizou-se entrevistas e aplicação de questionários qualitativos a população local de forma aleatória, juntamente com observações e conversas informais. Pode-se constatar que existe uma ampla relação entre imigração italiana e religiosidade. Esta se expressa através da construção e conservação dos símbolos religiosos, juntamente com a vivência diária dos habitantes deste recorte espacial, pois, a religião é considerada um código consolidado, transmitido às gerações futuras. Destaca-se que o folder confeccionado “Guia Turístico da Religião” permitiu uma melhor visibilidade do trabalho, destacando fotos e a localização de símbolos importantes que fazem parte da identidade cultural da Quarta Colônia de Imigração Italiana.

Palavras-chave: Religião; Geografia; Cultura.

RESUMEN

Disertación de Maestría
Programa de Pós-Graduação em Geografia
Universidade Federal de Santa Maria

EL CÓDIGO CULTURAL RELIGIÓN COMO UNA DE LAS MANIFESTACIONES DE LA IDENTIDAD CULTURAL DE LA CUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA/RS

Autora: Eunice Piccin

Orientadora: Meri Lourdes Bezzi

Fecha y local de defensa: Santa Maria, 11 de agosto de 2009.

A la Geografía, ciencia que estudia las relaciones espaciales, importa estudiar la religión, pues ésta se conforma como un código cultural que permite comprender las relaciones humanas y los hechos socioculturales, ya que ella se materializa en el espacio, influenciando y cambiando la vivencia de un pueblo. Así, con esta investigación, cuya área de estudio es la Quarta Colônia de Imigração Italiana, se pretende: a) comprender el código religión en la vida de los habitantes de este espacio; b) resaltar algunos símbolos religiosos expresivos en los municipios que componen el recorte espacial en análisis y c) elaborar, con base en la identidad local, el “Guia Turístico da Religião”, en el cual constará datos relevantes de la investigación y algunas fotos. Metodológicamente, se hizo entrevistas y aplicación de cuestionarios a informantes cualificados. Posteriormente, se realizó el mapeamiento de los símbolos religiosos más significativos en cada municipio y se los sacó fotos. A fin de entender la religión como código cultural y hacer el rescate de los símbolos religiosos, se realizó entrevistas y aplicación de cuestionarios cualitativos a la población local de forma aleatoria, juntamente con observaciones y charlas informales. Fue posible constatar que hay una amplia relación entre inmigración italiana y religiosidad. Ésta se expresa a través de la construcción y conservación de los símbolos religiosos, juntamente con la vivencia cotidiana de los habitantes del referido recorte espacial, pues, la religión es considerada un código consolidado, que se transmite a las generaciones futuras. Se enfatiza que el folleto construido “Guia Turístico da Religião” permitió una mejor visibilidad del trabajo, destacando las fotos y la localización de símbolos importantes que forman parte de la identidad cultural de la Quarta Colônia de Imigração Italiana.

Palabras-clave: Religión; Geografía; Cultura.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

MAPA 1 – Localização da área de estudo.....	14
FIGURA 1 – Sagrado e Profano – dimensões de análise.....	51
QUADRO 1 – As colônias de Imigração italiana no RS.....	64
QUADRO 2 – Emancipação dos municípios da Quarta Colônia de Imigração Italiana/RS.....	67
QUADRO 3 – Quadro síntese dos municípios que compõe a Quarta Colônia de Imigração Italiana/RS.....	72
FOTOGRAFIA 1 – Igreja Corpo de Deus – Vale Vêneto/São João do Polêsine/RS.....	104
FOTOGRAFIA 2 – Torre da Igreja São Antônio de Pádua – Silveira Martins/RS.....	105
FOTOGRAFIA 3 – Capitel Madona Della Guárdia – Ivorá/RS.....	107
FOTOGRAFIA 4 – Gruta Nossa Senhora de Lourdes – Nova Palma/RS.....	108
FOTOGRAFIA 5 – Ermida da Mãe Três Vezes Admirável de Schoenstatt.....	109
FOTOGRAFIA 6 – Casa de João Luiz Pozzobom – São João do Polêsine/RS.....	111
FOTOGRAFIA 7 – Cruz luminosa – Ivorá/RS.....	112
FOTOGRAFIA 8 – Santuário na casa de uma família em Pinhal Grande/RS	114
FOTOGRAFIA 9 – Romaria Nossa Senhora da Saúde – Linha Quarta/Silveira Martins/RS.....	115

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – População dos municípios pertencentes à Quarta Colônia de Imigração Italiana/RS.....	70
TABELA 2 – Número mínimo de símbolos a serem mapeados.....	81
TABELA 3– Número mínimo de pessoas a serem entrevistadas nos municípios que compõe o recorte espacial em estudo.....	82
TABELA 4 – Porcentagem de Católicos Apostólicos Romanos na Quarta Colônia de Imigração Italiana/RS.....	90
TABELA 5 – Você se considera uma pessoa religiosa?.....	92
TABELA 6 – Qual o evento religioso mais significativo para você?	96
TABELA 7 – As construções sacras da Quarta Colônia de Imigração Italiana/RS.....	102

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A - Questionário aplicado aos padres e chefes de Departamento de Cultura e Turismo dos municípios	142
ANEXO B – Questionários aplicado à população em geral.....	144
ANEXO C – Romaria Nossa Senhora da Saúde – Padroeira da Quarta Colônia de Imigração Italiana/RS	147
ANEXO D – A possível Beatificação de João Luiz Pozzobon, descendente de Italianos que residiu na Quarta Colônia de Imigração Italiana/RS.....	148

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
1.1 Cultura	17
1.2 A Geografia Cultural	21
1.3 Código Cultural	26
1.4 Identidade Cultural	27
1.5 Paisagem Cultural	30
1.6 A Geografia da Religião	33
1.6.1 A Religião e os Imigrantes Italianos.....	34
1.6.2 A Religião no contexto Geral.....	36
1.6.2.1 O Espaço Sagrado.....	46
1.6.2.2 O Espaço Profano.....	50
1.6.2.3 A Fé.....	53
1.6.3 Os Símbolos Religiosos.....	54
2 ABORDAGEM HISTÓRICA E SOCIOESPACIAL DA QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA	61
2.1 Abordagem histórica	61
2.2 Características econômicas e socioespaciais	67
3. METODOLOGIA	75
3.1 O método	75
3.2 Procedimentos técnicos	79
4. A RELIGIÃO MATERIALIZADA NA QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA	86
4.1 A compreensão do código cultural religião na vida dos habitantes da Quarta Colônia de Imigração Italiana/RS	86

4.2 A religião católica materializada nos símbolos religiosos.....	100
4.3 A religiosidade católica da Quarta Colônia de Imigração Italiana especializada no Guia Turístico da Religião	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
REFERÊNCIAS	133
ANEXOS.....	141

INTRODUÇÃO

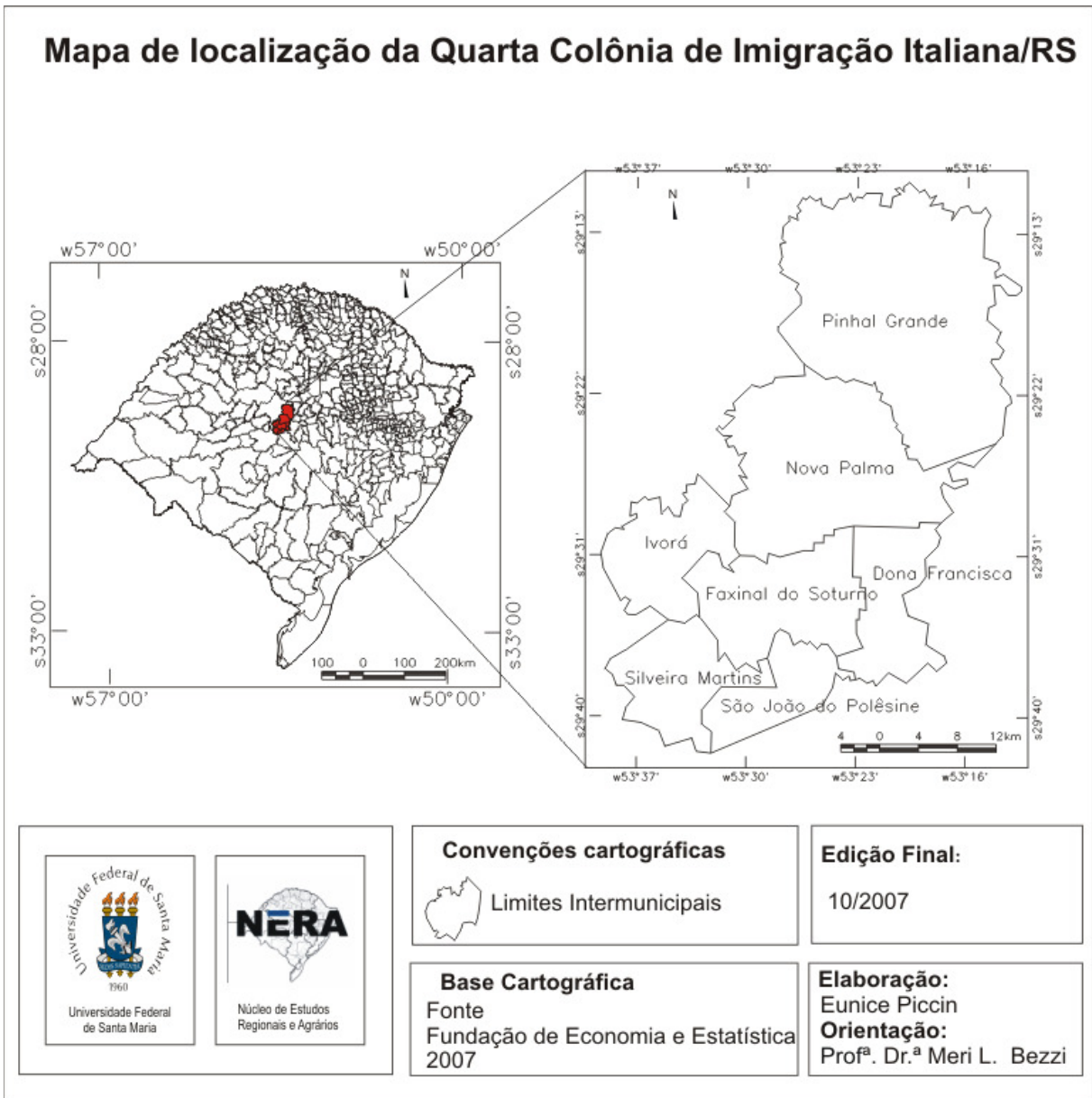
Esta dissertação investiga a questão cultural através do código religião. A materialização da religião pode ser considerada como uma das formas mais significativas para se compreender a Quarta Colônia de Imigração Italiana através de sua identidade cultural.

Novas temáticas relacionadas à Geografia Cultural emergem e passam a nortear inúmeros trabalhos, pois através desta abordagem, pode-se compreender o espaço e a vivência das pessoas. Considera-se que por meio da cultura se compreendem as relações humanas e os acontecimentos sociais, pois ela se materializa no espaço, influenciando e modificando a vivência de um povo. Para a Geografia, que busca a análise espacial, torna-se de fundamental importância esta reflexão. Neste contexto, Cosgrove (1998) destaca que a cultura é considerada um conjunto de práticas comuns a um grupo social, composta por aspectos materiais e imateriais, sendo transmitida ao decorrer das gerações.

Pode-se dizer então que através da cultura passa-se a entender a organização e a configuração dos grupos humanos no espaço. Neste sentido, teve-se por problemática de estudo investigar um dos códigos culturais – a religião¹ – na Quarta Colônia de Imigração Italiana, no contexto atual, na busca de respostas a alguns questionamentos, tais como: A religião católica, enquanto fenômeno cultural, é expressiva neste recorte espacial? Existe relação entre Imigração Italiana e religiosidade católica? Quais as diferentes formas de materialização de fé na área em estudo?

Selecionou-se para este estudo a Quarta Colônia de Imigração Italiana, uma vez que esta, em sua maioria, é composta por descendentes de italianos, os quais, configuraram um espaço significativo através da presença da religião católica. O recorte espacial é composto pelos municípios de Silveira Martins, São João do Polêsine, Faxinal do Soturno, Nova Palma, Pinhal Grande, Dona Francisca e Ivorá, estando localizados na região central do estado do Rio Grande do Sul (Mapa 1).

¹ Este trabalho visa investigar apenas a Religião Católica.



Mapa 1 – Localização da área de estudo.

Fonte: FEE – Mapa do Estado do RS (2005).

Org: PICCIN, E.; GIORDANI, A. C.; 2007.

Este trabalho justifica-se por considerar essencial que a Geografia se interesse pela temática cultural, mais precisamente a religiosa, pois a mesma enfoca as relações humanas, sociais e sua espacialidade. Desta forma, resgatar este código cultural faz com que se valorize a cultura deste povo, o qual materializa na paisagem sua manifestação de fé.

Cientificamente o trabalho se justifica, pois pretende contribuir com estudos culturais, relacionados à Geografia da Região. Socialmente, o mesmo possibilitará

uma maior divulgação da Quarta Colônia de Imigração Italiana, que tem no código religioso “marcas culturais” significativas que devem ser exploradas, visto que essa temática é recente para a Geografia. Assim, passa-se a valorizar as relações e manifestações de fé dos seus habitantes, fornecendo subsídios ao turismo religioso, o qual poderá vir a se constituir em uma fonte de renda, promovendo a população e a cultura local. Pessoalmente, justifica-se esta temática, uma vez que pertença a um dos municípios integrantes da Quarta Colônia de Imigração Italiana, Pinhal Grande, e minha família apresenta um forte elo religioso. Deste modo, este trabalho possibilitou-me compreender minha cultura e vivência religiosa, juntamente com os aspectos e hábitos religiosos importantes de um povo, que tem na religião um dos códigos que os identificam culturalmente, perante o estado gaúcho.

Como objetivo geral esta pesquisa visou contribuir para a Ciência Geográfica fornecendo subsídios teóricos relacionados à Geografia Cultural, a qual foi enfocada a partir da análise do código religião na Quarta Colônia de Imigração Italiana.

Especificamente buscou-se: (a) compreender o código religião na vida dos habitantes da Quarta Colônia de Imigração Italiana; (b) ressaltar alguns símbolos religiosos expressivos nos municípios que integram o recorte espacial em análise e, (c) elaborar, baseado na identidade local, o “Guia Turístico da Religião”, no qual constará dados relevantes da pesquisa e algumas fotos. O mesmo será disponibilizado nos municípios visando dinamizar o turismo local/regional frente a sua identidade cultural.

Nesse sentido, a dissertação apresenta no primeiro capítulo, a matriz teórica, ou seja, os conceitos norteadores da pesquisa. Primeiramente, destaca-se o conceito e entendimento de cultura, a partir da visão de geógrafos, antropólogos e sociólogos. Na seqüência, aborda-se conceitos relacionados a Geografia Cultural, Identidade Cultural, Código Cultural e Paisagem Cultural. A partir destes, parte-se para a análise da Religião, que se constitui no conceito chave deste trabalho. Posteriormente, desenvolve-se a análise do Espaço Sagrado, Espaço Profano e Fé, destacando alguns símbolos religiosos.

O capítulo dois foi destinado à apresentação dos aspectos históricos de formação da Quarta Colônia de Imigração Italiana, relatando os motivos da migração e as dificuldades enfrentadas por estes migrantes. Juntamente, destaca-se fatores socioeconômicos que caracterizam os municípios pertencentes ao recorte espacial

em análise. Para isso, fez-se um breve histórico de cada município apresentando dados relevantes como: ano de emancipação, número de habitantes, área, densidade demográfica, expectativa de vida, economia, transportes, entre outros aspectos, os quais se tornam importantes, pois buscam fornecer ao leitor, um maior conhecimento da área de estudo.

No terceiro capítulo aborda-se a metodologia. Enfatiza-se o método de pesquisa, a fenomenologia, como uma forma de entender o código cultural religião enquanto fenômeno presente na vida cotidiana dos imigrantes italianos e seus descendentes. Posteriormente, apresenta-se as etapas metodológicas seguidas para a realização desta dissertação.

Os resultados são apresentados no quarto capítulo. Estes foram analisados e interpretados a partir de observações realizadas em trabalho de campo, nas entrevistas e nos questionários aplicados a população local e aos informantes qualificados, a luz da teoria, dos objetivos e do método proposto.

Buscando elucidar de forma clara os resultados, este capítulo foi dividido em três sub-capítulos, os quais respondem a cada objetivo respectivamente. Assim, inicialmente disserta-se sobre “A compreensão do código cultural Religião na vida dos habitantes da Quarta Colônia de Imigração Italiana”, onde se busca descrever e explicar o fenômeno religião na vida diária dos habitantes deste recorte espacial. Posteriormente, no item 4.2 intitulado “A religião católica materializada nos símbolos religiosos” destaca-se a importância dos principais símbolos os quais expressam a religiosidade destes habitantes e, o último sub-item destaca “A religiosidade católica da Quarta Colônia de Imigração Italiana espacializada no Guia Turístico da Religião”. Neste, apresenta-se o folder confeccionado, o qual visa ilustrar a religião católica na Quarta Colônia de Imigração Italiana como um fenômeno consolidado e, de certa forma, complementa o item 4.2, pois traz fotos e a história de alguns símbolos religiosos importantes para a população de área de estudo.

No último capítulo apresenta-se as considerações finais do trabalho de pesquisa, relativa ao entendimento da religião como código cultural materializado na Quarta Colônia de Imigração Italiana. Após, apresenta-se também as referências consultadas, as quais subsidiaram os conceitos norteadores para a realização desta dissertação.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo aborda-se a matriz teórica, ou seja, os conceitos norteadores da pesquisa. Primeiramente, enfatiza-se o conceito e entendimento de Cultura, Geografia Cultural, Identidade Cultural, Código Cultural e Paisagem Cultural. A partir destes, parte-se para a análise da Religião, a qual se constitui no conceito chave de toda a investigação realizada. Posteriormente, desenvolve-se a análise do Espaço Sagrado, Espaço Profano e Fé, e, por último destaca-se alguns símbolos religiosos, os quais expressam a materialização da religião na área de estudo.

1.1 Cultura

Atualmente, a temática cultural vem sendo abordada por várias ciências. Na Geografia este estudo surge como uma linha de pesquisa que busca explicar as relações humanas e suas implicações no espaço. Debates e discussões ao longo deste conceito fizeram com que muitos estudos e conceituações surgissem, aprimorando-o como um dos conceitos chave para o estudo das relações homem-natureza.

Para Cuche (2002) a palavra cultura tem origem do latim e significa cuidado dispensado ao campo e ao gado, surgindo em fins do século XIII para designar uma parcela de terra cultivada.

Desta forma, pode-se ressaltar que a palavra cultura surge associada as atividades rurais. Brum Neto (2007, p. 20) lembra que “Inicialmente cultura reportava-se a questão agropecuária, como indicativo de plantação, ou seja, a cultura de uma determinada planta”.

Com o decorrer do tempo, surgem vários significados a cultura, a qual, passa a diferenciar as distintas populações do mundo. Para Cuche (2002, p. 21) “[...] a

cultura passa a ser vista como a soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade, considerada como totalidade, ao longo de sua história”.

Posteriormente, a cultura passou a ser vista como forma de evolução dos povos. No entanto, a palavra cultura surge na França. Cuche (2002, p. 18), enfatiza claramente que “É legítimo analisarmos particularmente o exemplo francês do uso de ‘cultura’, pois parece que a evolução semântica decisiva da palavra se produziu na língua francesa do século das Luzes, antes de se difundir por empréstimo lingüístico em outras línguas vizinhas (inglês, alemão)”.

Na Geografia Humana, a abordagem cultural passa a ser muito estudada, pois, esta diz respeito à humanidade como um todo, grupos que se interagem e se transformam no decorrer do tempo.

Cultura é uma preocupação contemporânea, bem viva nos tempos atuais. É uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro. O desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social (SANTOS, 2005, p. 7).

Nesta perspectiva, enfoca-se que, na busca de resgatar e ao mesmo tempo compreender os grupos humanos, a Geografia Cultural passa a ser geradora de vários estudos, alguns específicos de um determinado grupo humano, outros retratando a temática como um todo. No entanto, não só a Geografia, mas muitas outras ciências abordam esta temática. Deste modo, Santos (2005, p. 8) enfatiza que “[...] cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos”.

Neste contexto, surgem muitos debates com relação ao significado de cultura. Richtmann (1968) considera de forma simples e compreensível seu entendimento, enfocando sua relação com a religião. Para o autor a cultura é apenas o modo de vida de um determinado povo. Significa, pois, o resultado da relação entre o homem e a religião, na qual e da qual ele vive. Pode ser considerada como maneira de vida, tanto no ambiente natural que o cerca, como às suas necessidades econômicas. É, porém, impossível entender ou explicar uma sociedade unicamente por seus fatores materiais, sem considerar as influências religiosas, intelectuais e artísticas, que são precisamente, as que determinam a forma e expressão de sua vida cultural mais profunda.

Pivatto (2004, p. 8), em seu estudo sobre a cultura, aborda este conceito relacionado a fé, destacando que: “O termo cultura fica, assim, aberto como interlocução da fé. Deixa espaço a que tudo quanto diz respeito ao ser humano atual, possa, por um lado, ser objeto de estudo e debate á luz da fé; ou, por outro, interpele as formas históricas assumidas por esta mesma fé”.

Para se entender a questão cultural, deve-se considerar o meio físico, pois a cultura de alguma forma se materializa e transforma o espaço. Para Cosgrove (1996, p. 5) “A tarefa da Geografia Cultural é apreender e compreender esta dimensão da interação humana com a natureza e seu papel na ordenação do espaço”.

Seemann (2003, p. 266) também considera a importância do espaço na espacialidade da cultura, destacando que “O que é relevante para o geógrafo é que cultura não é apenas socialmente constituída e geograficamente expressa, mas também espacialmente constituída”.

Para os antropólogos o conceito de cultura constitui-se no conceito básico e central dessa ciência. No entanto, o termo não se restringe somente a esta área do conhecimento. Assim, Marconi; Presotto (2005, p. 21) abordam que “Para os antropólogos, a cultura tem significado amplo: engloba os modos comuns e aprendidos da vida, transmitidos pelos indivíduos e grupos, em sociedade”.

Porém, cultura na antropologia consiste em idéias, abstrações e comportamento que variam no tempo, no espaço e em sua essência (MARCONI; PRESOTTO, 2005).

Um dos primeiros conceitos de cultura desenvolvidos na Antropologia foi o de Edward B. Tylor. Deste modo, de acordo com Tylor (1871, apud Marconi; Presotto, 2005, p. 22), pode-se ressaltar que cultura é “[...] aquele todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade”.

Posteriormente Boas (1938 apud Marconi; Presotto 2005, p. 22) entende cultura como “[...] a totalidade das reações e atividades mentais e físicas que caracterizam o comportamento dos indivíduos que compõe um grupo social”.

A cultura, portanto, pode ser analisada, ao mesmo tempo, sob vários enfoques: idéias (conhecimento e filosofia); crenças (religião e superstição); valores (ideologias e moral); normas (costumes e leis); atitudes (preconceito e respeito ao próximo); padrão de conduta (monogamia, tabu); abstração do comportamento (símbolos e compromissos); instituições (família e sistemas

econômicos); técnicas (artes e habilidades); e artefatos (machado de pedra, telefone) (MARCONI; PRESOTTO, 2005, p. 24).

Nesta linha de raciocínio, o antropólogo, Beals (1971) apresenta de forma objetiva sua conceituação e entendimento de cultura, ressaltando que

Cultura puede significar “herencia social” o las cosas que los hombres aprenden cuando son entrenados dentro de un grupo humano particular. Cultura puede significar también aquella entidad que se expresa con palabras tales como esquimal, Francia, navajos, hindú, zulú, Samoa. Algunos antropólogos usan los términos “tradición” o “tradición cultural” para referirse a la primera acepción de cultura, y el término “sistema cultural” para referirse a la segunda acepción de cultura (BEALS, 1971, p. 7).

Pode-se dizer então que buscar o conceito de cultura em outras ciências torna-se necessário e interessante, visto que, na Geografia, este conceito está sendo novamente resgatado e tem se tornado fonte de várias pesquisas.

Assim, a Geografia busca privilegiar as relações homem-natureza, e através da Geografia Cultural, visa explicar a organização e reorganização do espaço. Deste modo, a cultura tornou-se um conceito chave para esta ciência, podendo-se argumentar considerando a leitura feita em Cosgrove (1998) que a cultura é considerada um conjunto de práticas de um grupo social, sendo composta por aspectos materiais e imateriais que são transmitidos no decorrer das gerações.

Deste modo, a cultura é expressa na paisagem através dos códigos culturais, os quais são responsáveis pela transmissão da mesma através das gerações. Costa Sobrinho, (2001, p. 185) complementa que: “A cultura tem alto grau de equilíbrio e estabilidade, canalizando em grande parte os hábitos de todos os indivíduos, e é transmitida de geração em geração oralmente e por gestos simples”.

Brum Neto conceitua cultura com base nos códigos culturais, destacando que

A cultura consiste, basicamente, num conjunto de crenças e valores que orientam as ações de um determinado grupo social, a partir de sistemas simbólicos que o tornam distinto dos demais, conferindo-lhes características singulares. Estas, por sua vez, definem o grupo social através do contraste, originando a identidade cultural (BRUM NETO, 2007, p. 31).

A Antropologia considera o aspecto social da cultura, destacando que a mesma é dinâmica e contínua em virtude de estar constantemente se modificando,

devido contatos com outros grupos ou com suas próprias descobertas e invenções, ampliando, dessa maneira, o acervo cultural de gerações.

A cultura é criada, aprendida e acumulada pelos membros do grupo e transmitida socialmente de uma geração a outra e perpetuada em sua forma original ou modificada. Os indivíduos aprendem a cultura ou os aspectos da cultura no transcurso de suas vidas, dos grupos em que nascem ou convivem. Dessa maneira é compartilhada por todos (MARCONI; PRESOTTO, 2005, p. 39).

Retomando novamente Marconi; Presotto (2005), destaca-se que a cultura pode ser classificada em: material ou imaterial (não material, espiritual), real ou ideal.

Para o autor a cultura material consiste em coisas materiais, incluindo instrumentos, artefatos e outros objetos materiais, fruto da criação humana e resultante de determinada tecnologia. Já a cultura imaterial refere-se a elementos intangíveis da cultura, que não tem subsistência material. Entre eles encontram-se crenças, conhecimentos, aptidões, hábito, significados, normas e valores. Já a cultura real é aquela em que todos os membros de uma sociedade praticam ou pensam em suas atividades cotidianas, e por fim, a cultura ideal consiste em um conjunto de comportamentos que, embora expressos verbalmente como bons, perfeitos, para o grupo, nem sempre são freqüentemente praticados. A cultura ideal seria a perfeita. (MARCONI; PRESOTTO, 2005).

Esta classificação de cultura dada pela Antropologia é também utilizada pela Geografia. No entanto, na Geografia, esta simbologia é denominada de códigos culturais. Neste sentido, os códigos culturais são classificados como materiais e imateriais, os quais são abordados por Claval (1999) com o desenvolvimento da Geografia Cultural.

1.2 A Geografia Cultural

Na Geografia, o aprimoramento do conceito de cultura ocorreu também na Europa. Brum Neto (2006, p. 5) ressalta “De modo geral, o conceito de cultura tem sua gênese na França e , é bastante antigo, sendo que o seu significado variou ao

longo da evolução do homem”. No entanto, este conceito teve destaque nos Estados Unidos, na escola de Berkeley. Corrêa (1999) aborda que em 1925 foi iniciada a Geografia Cultural norte-americana, liderada por Carl Sauer. Muitos outros geógrafos compartilharam dos estudos de Sauer, privilegiando alguns temas como a história da cultura no espaço, áreas culturais, paisagem cultural e ecologia cultural.

Acredita-se que o que se passou a denominar de Geografia Cultural se desenvolveu inicialmente em Berkeley primeiramente com os trabalhos de Carl Sauer, a partir do conhecimento dos estudos dos geógrafos alemães, franceses e ingleses e de contatos com antropólogos como Alfred Kroeber e Robert Lowie e com o historiador Herbert E. (MAIA, 2001, p. 88).

De acordo com Corrêa (2001) Sauer era de descendência alemã, mas sua terra natal era Warrenton, no estado de Missouri, EUA. Interessou-se pela história e recebe boas influências em Berkeley a partir de 1923, onde adquire novos conhecimentos. Entre seus trabalhos Sauer passa a se dedicar aos estudos culturais, sendo a ecologia cultural sua preocupação central. Assim, para Corrêa (2001, p. 15) “[...] o conceito de cultura em Sauer deriva da influência da antropologia de Kroeber, mas, em texto publicado posteriormente, Sauer define-a simplesmente como o modo de vida”.

Brum Neto (2006, p. 4) complementa que “[...] ao longo do caminho investigativo traçado pela Geografia, a cultura tem sido amplamente debatida, inicialmente na Alemanha (com Ratzel), na França (La Blache) e nos Estados Unidos (Sauer) e, posteriormente, difundindo-se para vários países”.

Sauer também teve muitos discípulos que enfocavam essa temática de estudo, dando continuidade a mesma e conseqüentemente permitindo a difusão de seus trabalhos.

O livro *Readings in cultural Geography*, organizado por dois discípulos de Sauer, Philip Wagner e Marvin Mikesell, reúne além de ensaios de geógrafos e não-geógrafos que, de alguma forma, compartilham interesses comuns. Publicado em 1962, em momento de pleno vigor da geografia teórico-quantitativa, ratifica a força de uma comunidade, ressaltando sua unidade num contexto de diversificação teórico-metodológica da geografia americana (CORRÊA, 2001, p. 18).

Não se pode deixar de se destacar que a Geografia Cultural desenvolvida nos Estados Unidos e também na Alemanha partem de uma concepção materialista de

cultura, ignorando as dimensões subjetivas. Assim, Brum Neto (2006, p. 11) ressalta “Percebe-se que, o desenvolvimento da Geografia Cultural nos EUA e na Alemanha seguiu pelo mesmo caminho, ou seja, considerava apenas a parte material da cultura, ou seja, o que é visível no espaço. No entanto, negligenciava os conhecimentos e valores culturais”.

Deste modo, muitas foram as críticas, internas e externas, a Geografia Cultural norte-americana durante as décadas de 1940 e 1970, por enfatizar e estudar apenas o que era palpável e visível com relação à cultura dos grupos. Corrêa (2001, p. 28) aponta que “Após cerca de 50 anos de prestígio, ainda que variável, e de intensa produção intelectual, a escola de Berkeley perde seu vigor”.

No entanto, esta linha de pesquisa ressurgiu com uma renovação temática e de abordagem, ampliando, deste modo, seus estudos.

O ressurgimento da geografia cultural, após um período de relativa perda de prestígio, entre 1940 e 1970, significou, tanto na Europa como nos Estados Unidos, uma renovação temática e, mais do que isso, uma renovação também da abordagem. [...] O ressurgimento da geografia cultural se faz num contexto pós-positivista e vem da consciência de que a cultura reflete e condiciona a diversidade da organização espacial e sua dinâmica. A dimensão cultural torna-se necessária para a compreensão do mundo (CORRÊA, 1999, p. 51).

Nesse contexto, a partir da década de 1970 a Geografia Cultural ressurgiu como importante linha de pesquisa para a Geografia. De acordo com Claval (1995), apud Corrêa (1999), a Geografia Cultural que renasce passa a receber influências da Geografia Cultural que a antecedia, do materialismo histórico e dialético que considerava a cultura reflexo da condição social e da Geografia Humanista que valoriza a experiência, inter-subjetividade, sentimentos e intuição.

A escola de Berkeley contribuiu efetivamente para que novas abordagens e temas fossem incorporados às pesquisas dos novos geógrafos culturais [...] trata-se de uma única geografia cultural que, ao longo de sua trajetória originada na Europa, especialmente na Alemanha e França, apresenta continuidade, mudanças e pluralidade de abordagens, assim como um crescente enriquecimento temático, ou, novos interesses, problemas não resolvidos e tarefas que persistem. Trata-se, pode-se dizer, de uma continuidade renovada, aberta a novos desafios, com ênfase no significado dos objetos e ações humanas, além de forte sentido crítico da realidade (CORRÊA, 2001, p. 28).

O próprio conceito de cultura é, a partir de então, redefinido como sendo o conjunto de técnicas, atitudes, idéias e valores, apresentando assim, componentes materiais, sociais, intelectuais e simbólicos; transmitido e inventado; não sendo constituído pela justaposição de traços independentes, mas ao contrário, seus componentes formam sistemas de relações mais ou menos coerentes; não sendo assimilado igualmente pelos membros de uma sociedade; e, vivido individualmente (CORRÊA, 1999).

Pode-se dizer então que novas temáticas de estudo, relacionadas a Geografia Cultural surgem, a fim de melhor compreender o espaço geográfico.

Entre as temáticas estudadas pela Geografia Cultural, após 1970, destaca-se a Geografia da Religião a qual vem se consolidando através dos estudos realizados pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC), criado em 1993, na UERJ, no Rio de Janeiro.

Corrêa (1999, p. 53) enfatiza que “As temáticas da religião, da percepção ambiental, da identidade espacial e a interpretação de textos (literatura, música, pintura e cinema) estão entre outras temáticas que emergiram ou foram retomadas”.

A geografia cultural do início do século XX foi muitas vezes criticada por dedicar atenção excessiva ao passado, por sua ignorância das sociedades contemporâneas e por sua incapacidade de fazer face às situações sociais atuais. A nova abordagem cultural é muito mais crítica. Com freqüência, coloca foco sobre as situações presentes, as lutas que as caracterizam e os problemas de justiça social: continua, de certa forma, a trazer a marca do radicalismo crítico que a inspirou em sua origem. Mas a nova abordagem cultural está, sobretudo atenta aos significados conferidos pelos homens ao Cosmo, à natureza, ao meio ambiente e à sociedade. Explora também as dimensões religiosas da experiência espacial e o papel das ideologias nas sociedades seculares modernas. As raízes humanistas e fenomenológicas da nova orientação estão, portanto, sempre ativas. Contudo, seu significado essencial acha-se em outro lugar. A nova abordagem cultural permite restituir coerência à disciplina sem sair de uma perspectiva relativista. Uma certa previsibilidade nas condutas sociais é introduzida pela experiência da comunicação (CLAVAL, 2001, p. 78).

Portanto, relacionando com a história do pensamento geográfico, pode-se dizer que a Geografia Cultural se desenvolveu na Geografia Tradicional (século XIX) na França e na Alemanha e, posteriormente, nos Estados Unidos. Entra em declínio na Nova Geografia (1950, 1960 e 1970), na qual os geógrafos estavam preocupados com os aspectos quantitativos, ou seja, aliar ao qualitativo o quantitativo. De acordo com Claval (1999), existem três razões para esse declínio: 1) é preciso uma reflexão mais sistêmica sobre a cultura; 2) considerar o progresso técnico, e 3)

analisar a diversidade de atividades que se inserem nas cidades, aprimorando a descrição dos gêneros de vida.

A partir da década de 1970, com a Geografia Crítica, ocorre uma renovação da Geografia Cultural, com a introdução de novas perspectivas de estudo, contribuindo para que o debate interno da Geografia passasse a repensar e aprofundar seus aspectos teórico-metodológicos uma vez que

A renovação da geografia cultural se deve a dois fatores. A disciplina é confrontada com novas formas de afirmação da diversidade dos grupos, as quais ela não pode ignorar. O trabalho de reflexão epistemológica, empreendido pelas ciências sociais e pela geografia desde o início dos anos 1960, chega a um ponto decisivo. Toma-se consciência das inconsistências dos princípios positivistas até então aceitos (CLAVAL, 1999, p. 63).

Nesse sentido, a Geografia Cultural reaparece entre os geógrafos diante das diversidades culturais presentes no mundo. As bases desta “nova Geografia Cultural” assenta-se tanto na Geografia alemã, com Passarge e Schlüter, quanto na França, com La Blache, Brunhes e Sorre. No entanto, é na Escola de Berkeley, com Sauer que esses estudos são mais desenvolvidos (CORRÊA, 1995).

Nesta perspectiva, Brum Neto (2007), complementa, que a partir de 1970 a Geografia Cultural passou por um processo de renovação, em virtude de inúmeras críticas, procurando assim novas abordagens, as quais vieram enriquecer esta linha de pesquisa.

Passa-se, então, a valorizar os aspectos materiais e imateriais da cultura, ressaltando a simbologia componente de cada cultura. Para Marconi; Presotto (2005, p. 30) “Símbolos são realidades físicas ou sensoriais às quais os indivíduos que os utilizam lhes atribuem valores ou significados específicos. Comumente representam ou implicam coisas concretas ou abstratas”.

Deste modo, passa-se a valorizar a simbologia concreta a abstrata de uma cultura. Porém, ao enfatizar a Geografia Cultural e sua simbologia, surge um outro conceito importante a ser abordado denominado Código Cultural.

1.3 Código cultural

Muitas são as formas de se visualizar uma determinada cultura no espaço, através da compreensão dos códigos culturais, os quais são claramente definidos por Brum Neto.

Os códigos constituem-se na simbologia responsável pela visualização da cultura e, também, pela sua transmissão. Encontram-se impressos nas diferentes paisagens, através do estilo das casas, vestuário típico, arte, gastronomia, música, religiosidade e festividades. Além desses, existem outros códigos que, embora não sejam visíveis, também são responsáveis pela materialização da cultura no espaço, como aportes culturais, com destaque para os valores, ideologias e convenções (BRUM NETO, 2007, p. 38).

Entre os códigos culturais, a religião constitui-se em um dos mais expressivos. Através deste, tem-se a união de diversas pessoas entorno de uma mesma crença durante toda a vida, ou então, conflitos gerados pelas divergências entre as distintas religiões. No entanto, Claval (1999, p. 115) ressalta “Partilhar as mesmas crenças religiosas ou metafísicas e participar dos mesmos ritos que reúnem os crentes constituem cimentos sociais muito sólidos”.

A religião tal qual entendemos hoje continua tendo um papel de extrema importância na sociedade atual, e como sistema simbólico possui uma específica estruturação e algumas regras que modelam a ordem social, as condutas culturais e passa a ser um fio condutor através do qual as pessoas olham para si mesmas, para o (a) outro (a) e para o mundo (OLIVEIRA, 2007, p. 7).

Embora a religião seja um sistema simbólico muito expressivo, existem outros códigos como a gastronomia, a arquitetura das casas, o folclore, a língua os quais se encontram materializadas na Quarta Colônia de Imigração Italiana ressaltando a identidade cultural deste recorte espacial. Brum Neto (2007) ressalta que a identidade cultural se origina com base nos códigos culturais, pois

De modo geral, a identidade se origina a partir dos códigos que identificam a cultura e, portanto, são determinantes. Estabelecidos os códigos e constituída a identidade, esta inicia um processo de consolidação ao longo do tempo, onde seus códigos serão permanentemente testados. Assim, estes podem permanecer, caso sejam “sólidos” o suficiente, ou desaparecer, caso mostrem-se frágeis podem também serem substituídos por outros, ou agregam novos elementos e sofrerem uma reformulação (BRUM NETO, 2007, p. 33).

Desta forma, a religião, considerada um dos códigos da Geografia Cultural é composta por aspectos materiais e imateriais. Os aspectos materiais são expressos na paisagem, por meio das construções de capitéis, igrejas e grutas, por exemplo. Já os imateriais constituem a fé e a devoção, sendo transmitido no decorrer das gerações.

Os códigos culturais configuram-se como convenções simbólicas partilhadas por uma mesma comunidade social. E, responsável pela sua identificação, salientando a diferença, uma vez que cada grupo cultural é permeado por um sistema simbólico de representação particular, (re)construído no constante processo evolutivo das sociedades. [...] A cultura, mediada pelos códigos é representada e materializada no espaço, originando formas típicas, passíveis de reconhecimento pelos demais grupos sociais. Decifrar e interpretar os códigos significa entender a dinâmica da cultura em questão, os valores e crenças que orientam as atitudes e ações. Estas, por sua vez, são repetidas maquinalmente como um padrão orientador comum (BRUM NETO, 2007, p. 43).

Muitos geógrafos passam a abordar a temática cultural em suas análises, considerando os aspectos materiais e imateriais da cultura. Assim, considera-se a presença de símbolos que são representados na paisagem e que possuem um significado próprio. Claval (1999) aborda que estes símbolos denominam-se códigos culturais e englobam desde a linguagem até as convenções mais particulares de cada cultura.

Desta forma, a partir dos códigos culturais tem-se a identidade cultural. Nessa pesquisa a religião constitui-se o código cultural “chave” a ser investigado, com base nas experiências de fé e relatos de vida dos descendentes de italianos, bem como da demonstração da mesma materializada nas igrejas, capitéis, grutas, entre outras formas.

1.4 Identidade cultural

De acordo com o sociólogo Hall (1997) a questão da identidade cultural está sendo amplamente discutida na teoria social com base em aspectos relacionados a nossa identidade de pertencimento as culturas étnicas, raciais, lingüísticas,

religiosas e acima de tudo, nacionais. No entanto, o autor aborda que este conceito é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e compreendido pela ciência contemporânea.

Hall (1997) traz uma importante contribuição para os estudos dessa natureza quando distingue a identidade do sujeito do iluminismo, sociológico e pós-moderno ressaltando que com o decorrer do tempo, o homem passa a ser composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Desta forma, os símbolos que representam uma cultura passam a não ser tão valorizados e venerados como no passado, onde os mesmos continham e perpetuavam a experiência de gerações. Percebe-se, então, que os códigos culturais também vão agregando valores em detrimento de outros mediante as transformações que o mundo global impõe, inclusive para a cultura.

Esta não valorização dos símbolos ocorre também no código religião, onde, muitas vezes, para o jovem, os mesmos, passam a ser motivo de vergonha. No entanto, Hall (1997, p. 79) esclarece que “[...] a identidade está profundamente envolvida no processo de representação”.

Porém, com o decorrer do tempo as pessoas percebem que a simbologia religiosa faz parte de sua cultura, ou seja, de seu mundo vivido. Para Hall (1997, p. 42) “[...] a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade”.

A identidade é algo que se constrói, um processo em andamento, estando associada aos vínculos com o lugar de origem e tradições. Mais uma vez Hall (1997) complementa que com o processo de globalização surge a possibilidade de um fortalecimento de identidades locais ou à produção de novas identidades, onde as identidades nacionais permanecem fortes, especialmente com respeito às coisas como direitos legais e de cidadania, mas as identidades locais, regionais e comunitárias tornam-se mais importantes.

Desta forma, Heidrich (2004, p. 218) ao abordar os aspectos culturais e ideológicos da construção da regionalidade gaúcha, enfatiza a identidade cultural do povo gaúcho, os quais buscaram se consolidar através de características e peculiaridades regionais “A construção das identidades próprias dos estados coexistiu com a produção do ideário nacional”.

Na Quarta Colônia de Imigração Italiana a identidade local permanece perceptível e se propaga através das gerações por meio dos códigos culturais, diferenciando-os das demais culturas. Ao se deslocar para este recorte espacial, logo se passa a atribuir características aos seus habitantes no sentido de seu pertencimento à cultura italiana, a qual é visualizada e concretizada através da simbologia cultural representada principalmente na religião.

Para Woodward (2000, p. 9) “A identidade é marcada por meio de símbolos”. No entanto, o autor aborda também, a relação entre identidade e diferença, destacando

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos – nós/eles (por exemplo, servos e croatas); eu/outro (WOODWARD, 2000, p. 39).

Pode-se dizer, então, que, a identidade e a diferença mantêm uma certa ligação, mas não são sinônimas. Silva (2000, p. 89) complementa “Para a teoria cultural contemporânea, a identidade e a diferença estão estreitamente associadas a sistemas de representação”.

Nesta perspectiva, enfatiza-se que

Identidade e diferença não são sinônimos, apenas mantêm uma relação de dependência. Pois a identidade define “o que se é” a partir de características comuns partilhadas por um mesmo grupo, ou seja, “nós somos assim”. Enquanto que, a diferença define “o que os outros são” a partir de características totalmente distintas (BRUM NETO, 2007, p. 32).

No entanto, ainda são poucos os autores que trabalham com o conceito de identidade cultural na Geografia. Tal temática torna-se um desafio, pois para esta ciência, os estudos desta dimensão são recentes, visto que, desde seus antecedentes na história pré-científica o conhecimento geográfico se detinha a partir da preocupação com a localização no espaço e com a descrição das paisagens.

No período da pré-história pode-se dizer que os conhecimentos geográficos eram bastante restritos e a sua contribuição esteve ligada a questões de

localização. A pergunta “onde”, começa a despertar, cada vez mais, o interesse desses povos. Tal preocupação é justificada, pois é este um período em que se iniciam os intercâmbios culturais, e também, a necessidade da localização voltada principalmente para a sobrevivência. Para a geografia, a resposta à pergunta “onde”, é fundamental, e esta passa a ser fornecida com certo rigor, pois, é possível localizar, com determinada precisão, num mapa, qualquer ponto da superfície terrestre (BEZZI; MARAFON, 2003, p. 9).

Porém, percebeu-se que a cultura se materializa na paisagem através dos diferentes grupos que se individualizam via identidade cultural. Desta forma, a paisagem, também passou a ser percebida de forma diferenciada de acordo com a formação cultural de cada indivíduo.

1.5 Paisagem cultural

A paisagem é considerada um conceito chave da Geografia, sendo capaz de fornecer unidade e identidade a esta ciência, contribui, portanto para a afirmação da disciplina. Sua importância tem variado ao longo da história do pensamento geográfico, sendo de grande importância, juntamente com os conceitos de região, espaço, território e lugar, pois constituem as categorias do espaço geográfico.

Silva (2003) ressalta que o conceito de paisagem surge na arte, somente no século XIX origina-se na Geografia, com os estudos dos geógrafos alemães. Sua origem está associada ao método de observação realizadas pelos europeus em viagens científicas.

A paisagem é considerada como sendo composta de elementos geográficos que se articulam uns em relação aos outros, e os elementos podem ser de domínio natural, humano, social ou econômico. O predomínio da noção de paisagem tem origem na geografia alemã com o conceito de “Landschaft”. A idéia de Landschaft é complexa e ambígua, mas parte do pressuposto de que a natureza do mundo pode ser concebido como um evento visual, total e unido (CHRISTOFOLLETTI, 1976, p. 11).

Rodrigues (2001) ressalta que a percepção da paisagem faz com que uma mesma cena observada por várias pessoas produza diferentes paisagens em cada uma delas, pois é condicionado a três fatores básicos: fatores inerentes ao próprio indivíduo, fatores educativos e culturais condicionantes, fatores emotivos, efetivos e

sensitivos. Ou seja, as características fisiológicas do ser humano influenciam na percepção da paisagem, juntamente com seu caráter, personalidade, influências sociais e culturais.

A geografia através da dinâmica do seu objeto de estudo, teve na paisagem, desde os primórdios da sua estruturação como ciência, uma das categorias de análise do espaço. Inicialmente, privilegiou os elementos naturais que a compunham, com objetivo de descrevê-las. Salienta-se que, o conceito de paisagem passou a ter um caráter cultural, através da sua construção, via desenvolvimento de técnicas por um grupo social, o que assimilava a dimensão cultural da paisagem (BRUM NETO, 2007, p. 50).

A Geografia Humana emerge como um aspecto significativo, e muitas vezes, como explicação para os fatores físicos presentes na paisagem. Para Cosgrove (1998), a paisagem está intimamente ligada com a Geografia Humana, com a cultura, com a idéia de formas visíveis sobre a superfície da terra e com a sua composição. A paisagem está em toda parte. O local é um lugar simbólico, onde muitas culturas se encontram e talvez entrem em conflito.

É na paisagem que a cultura se materializa, então não se pode abordar a cultura e seus códigos sem considerar a mesma. Holzer (1999, p. 165) aborda “[...] o conceito de paisagem não pode perder seu significado essencial, no sentido fenomenológico, de uma formatação intersubjetiva de determinada porção da Terra delimitada por cultura e reflexo do trabalho coletivo do homem sobre a Terra”.

[...] diante dos novos aportes e orientações para o conceito de paisagem, tem-se que a mesma, atualmente, não é a simples adição de elementos naturais e culturais. É num determinado recorte espacial, o resultado da união de todos os elementos que a compõem, materiais e imateriais, que fazem da paisagem um conjunto único. Como resultado, tem-se a paisagem total, integrando todas as implicações da ação antrópica (BRUM NETO, 2007, p. 54).

Relacionando com o código religião, pode-se dizer que no positivismo, o ser humano é visto apenas como um dos elementos constitutivos da paisagem, não considerando os aspectos culturais e os religiosos.

Neste sentido, o tema da religião era negligenciado: o positivismo caracteriza-se por um agnosticismo no qual nega a razão e à fé o poder de provar a existência de Deus. Tudo que transcende o plano dos sentidos é inacessível ao conhecimento humano e, portanto, não demonstrável. A existência de Deus constitui-se em questão metafísica, fora do âmbito da ciência positiva (ROSENDAHL, 1996, p. 20).

As relações sociais não eram consideradas e aprofundadas, tudo era abordado em relação à paisagem. Os geógrafos da época limitavam seu estudo, sendo a questão religiosa, pouco abordada. Rosendahl (1996, p. 21) comenta “[...] a dimensão religiosa era abordada em análises regionais, constituindo-se em classificações dos tipos de efeitos da religião sobre a paisagem”.

Os geógrafos marxistas passam a abordar questões socioeconômicas. No entanto, nesta escola, a Geografia da religião era completamente negada, pois consideravam a religião uma utopia. Rosendahl (1996, p. 22) aborda “Para os geógrafos marxistas, a religião é uma utopia que mantém as classes populares na ignorância e lhes retira as possibilidades de adquirir consciência política”.

Este fato difere o pensamento com relação à religião da escola positivista para a marxista. Mais uma vez resgata-se Rosendahl (1996, p. 22) quando a autora enfatiza esta diferenciação. “Em realidade, o materialismo histórico e dialético é ateu, isto é, diferentemente de considerar a existência de Deus uma questão não científica, como no positivismo que admite plenamente, com base na visão materialista, a inexistência de Deus”.

Para tanto, o movimento humanista defende o subjetivo, o imaginário. Deste modo, torna-se possível, um estudo mais aprofundado sobre a temática religião.

Sendo assim, os geógrafos da religião ganham ânimo em penetrar em esferas potencialmente férteis, embora ainda não conquistadas, principalmente no Brasil, de compreender o sentido que a religião dá à razão humana, bem como a vivência e a prática religiosa como caracterizadoras dos espaços geográficos (ROSENDAHL, 1996, p. 24).

Neste contexto, a Geografia ao estudar a religião, busca uma maior compreensão da cultura e da organização de um povo, retratando a sua dinâmica sócio-espacial. Muitas ciências se interessam por esta temática, principalmente pela grande influência e diversidade religiosa que existe no Brasil. No entanto, a Geografia analisa este fenômeno inserido nos rearranjos espaciais, considerando os elementos que nele se inserem e os processos de transformação da paisagem.

A partir de então, a Geografia ao analisar a paisagem considera também as transformações fruto da religião. Brum Neto (2007) ressalta que não se deve considerar somente a forma, mas os aspectos subjetivos que moldam a paisagem por meio dos costumes e crenças de um povo, visto que a identidade da paisagem

pode ser determinada pela visibilidade da forma, além do sentimento que desperta no observador. Assim, a paisagem cultural expressa o código da cultura que a transformou, sendo possível identificar através de formas típicas, os hábitos de um povo.

1.6 A Geografia da Religião

A Geografia Cultural firma-se nos fins do século XIX e no início do século XX, onde os geógrafos tem-se dedicado, cada vez mais a essa temática. Dentre os estudos culturais, é enfatizado o estudo relacionado à religião, como uma das formas de análise, que busca compreender os relacionamentos socioculturais, as formas de expressão de fé, juntamente com a materialização e expansão religiosa no espaço.

Rosendahl (1996) ressalta que, os estudos realizados com a temática Geografia da religião, possuem diversos sentidos de análise, os quais incluem a diversidade dos fenômenos religiosos e as inúmeras possibilidades que essa apresenta na busca de explicar a expansão de diferentes religiões no espaço e no tempo.

Os primeiros vestígios de expressões religiosas encontradas pela arqueologia aparecem por volta de cem (100) mil anos, com o homem de Neandertal. Espécie do gênero humano marcada por uma aguçada compreensão do mundo ao seu redor, por uma tecnologia mais complexa que as anteriores e por um maior desenvolvimento social. (SILVA, 2007, p. 33).

Rosendahl (1995) destaca que a Geografia e a religião são duas práticas sociais. O homem sempre fez Geografia e a religião sempre foi parte integrante de sua vida, como se fosse uma necessidade para entender a vida. Ambas, se encontram através da dimensão espacial, uma porque analisa o espaço, e a outra porque, como fenômeno cultural, ocorre espacialmente.

1.6.1 A religião e os imigrantes italianos

A religião assume uma dimensão fundamental na vida das pessoas, principalmente entre os imigrantes italianos, os quais tiveram nela um alicerce para lutar contra as dificuldades. Ela foi a que impulsionou e encorajou estes imigrantes a continuarem no Brasil e lutarem por uma vida melhor. A religião constitui-se em um elo, o qual permitiu a integração deste povo. Através dela se ajudavam mutuamente e também nos momentos de saudades onde relembavam da pátria mãe, a Itália, uma vez que, tinham deixado muitos dos seus familiares na busca de melhores condições de vida na América.

A religião serviu como elo integrador e de significação progressista para os imigrantes, onde cada localidade se fazia necessário a construção de uma capela que servia com referência e status para toda a vida social da comunidade, que, quanto maior a organização, maior era a superioridade em relação as outras (GUAZINA,1995, p. 10).

As migrações constituem-se o fator chave que visa explicar a organização do espaço pelos grupos culturais. Brum Neto (2007, p. 45) destaca que “As migrações pressupõem perda de vínculo territorial e também, um processo de adaptação frente à nova realidade que se propõe. Ao sair do espaço vivido, o grupo social leva consigo a ‘herança cultural’, os hábitos, os valores e os costumes”.

Torna-se necessário destacar que a religião se faz presente na vida dos habitantes da Quarta Colônia de Imigração Italiana de forma significativa, contribuindo para a criação de uma identidade cultural própria. Erthal (2005, p. 94) aponta “O imigrante italiano, que geralmente era do meio agrário, possuía o fator religioso como o mais relevante em sua vida, pois era o principal suporte que o impelia de lutar frente às inúmeras dificuldades vividas”.

A religião é um dos elementos de identidade cultural, por isso, o desafio da etnia se desenvolveu também pela experiência religiosa e por suas tradições. A força da religiosidade expressa por meio do catolicismo, presente na região de Colonização Italiana, tem a ver com a presença da igreja desde a formação dos núcleos coloniais, bem como com o papel que a religião desempenhou na integração cultural dos grupos imigrantes. A prática religiosa foi elemento aglutinador das diferenças culturais trazidas por esses europeus, na medida em que mantiveram seus costumes, tradições e dialetos na nova pátria. A integração se deu em vários locais, principalmente na organização social (GIRON; HERÉDIA, 2007, p. 118).

Os imigrantes Italianos materializam no Brasil suas expressões de fé. Os símbolos religiosos como as igrejas, capitéis, grutas, entre outros, começam a ser construídos, seguindo o conhecimento trazido da Itália. Giron; Herédia (2007, p. 119) a este respeito aborda “A religião católica, por meio de suas igrejas, capelas e de seus ritos, estimulou um sentimento de unidade, constituindo o centro das comunidades”. Nesta perspectiva, pode-se dizer que

No Brasil, a criação de novos santuários - igrejas dedicadas a uma devoção específica - ocorre em épocas históricas distintas, mas por motivos semelhantes: o aumento demográfico e a dificuldade dos paroquianos em realizar a peregrinação aos santuários existentes, distantes de suas paróquias (CORRÊA; ROSENDAHL, 2001, p. 14).

A religião se torna um importante código cultural, influenciando na vivência dos cristãos e convertendo novos adeptos. Tem-se a difusão de novas idéias, símbolos e a criação de lugares sagrados.

A população migrante era de origem católica e tinha necessidade de manter vivo os ensinamentos e as práticas religiosas. Além dessas necessidades, sofria uma série de dificuldades decorrentes do processo imigratório, que incluía enfrentar doenças, perdas, nascimentos, enfim dar conta das necessidades básicas. Essas demandas impunham relações com instituições sociais que pudessem ajudar os imigrantes a resolver essas questões. A igreja acaba sendo o elo do imigrante com a nova terra e essa ligação fortalece o vínculo com a religião (GIRON; HERÉDIA, 2007, p. 119).

Deste modo, dentre os imigrantes italianos muitos códigos culturais “sólidos” são preservados e difundidos no Brasil, outros acabam sendo “esquecidos” ou superados no momento em que se agregam novos costumes brasileiros. Brum Neto (2006, p. 18) assinala “[...] os imigrantes mantêm muitos traços da sua cultura de origem, mas também agregam novos códigos, fruto de processo evolutivo natural”.

Percebe-se então, que a religião contribuiu para a manutenção de uma cultura que passou a registrar suas características, as marcas culturais, em suas colônias de imigração das quais a Quarta Colônia de Imigração Italiana é um exemplo no Rio Grande do Sul, juntamente com as colônias Conde D’ Eu, Dona Isabel e Duque de Caxias.

O desenvolvimento dos municípios da Quarta Colônia é conseqüência do fator religioso, o qual manteve os italianos e seus descendentes unidos, superando o impacto inicial com o novo ambiente, pois tinham na religiosidade o modelo o qual se

identificavam totalmente. Manfroi (2001, p. 122) explica que “A religião, longe de ser um ‘ópio do povo’, foi um fator de integração e uma força dinâmica que permitiu ao colono italiano fugir de desintegração social, oferecendo-lhe um quadro sociocultural no qual ele se reconhecia e se expandia”.

Os imigrantes italianos do Rio Grande do Sul, eram, em sua maioria absoluta, católicos praticantes. A participação das celebrações litúrgicas, nos domingos e dias de festa, era obrigação moral, pois só o praticante era considerado pessoa de fé, digno da estima e aceito pelos demais. O sacerdote gozava da mais alta consideração e suas palavras tinham, em geral, a persuasão da lei. Essa educação eles a receberam, desde o berço, em suas regiões de origem, principalmente no Vêneto, onde a presença da religião e do clero era determinante na vida da sociedade (MANFROI, 2001, p. 122).

Assim, este recorte espacial é lembrado pela forte presença de códigos culturais consolidados, no entanto economicamente não se desenvolveu. Saquet (1999) ao enfatizar a ex-colônia de Silveira Martins apresenta fatores de seu declínio econômico.

É devido a todo processo de declínio sócio-econômico que na Ex-colônia Silveira Martins ainda hoje as cidades são pequenas; que predomina a população residindo no espaço agrário; estradas sem pavimentação; etc. muitos dos que ficaram amarguram o baixo grau de desenvolvimento, e se mantêm como pequenos comerciantes, pequenos fabricantes de móveis e artefatos de madeira, ferreiros, moinheiros, pequenos produtores agrários de vinho, oleiros, agricultores, etc (SAQUET, 1999, p. 72).

Porém, um dos códigos culturais consolidados, nestes municípios é a religião, a qual, de acordo com Manfroi (2001, p. 156) “Sem o quadro religioso dominical, os imigrantes não teriam suportado a solidão colonial, o vazio dos domingos, a saudade da pátria [...] a igreja, a liturgia dominical, o padre e a prática religiosa em geral eram parte integrante de sua identidade cultural”.

1.6.2 A Religião no contexto geral

A religião é fruto das relações sociais materializada no espaço e está fortemente vinculada a Geografia, a qual tem o espaço como objeto de análise. No entanto, Gil Filho (2007) esclarece que ao reduzir a religião a uma instituição

humana, pode-se dizer que a religião é projeção simbólica e condição que permite de forma dissimulada a coerência das relações sociais e que, a religião é uma projeção distorcida da realidade que cumpre a função da manutenção da coerência sob o ponto de vista daqueles grupos que exercem o poder.

A religião, de modo geral, reforça e mantém os valores culturais, estando muitos deles ligados à ética e à moral, pelo menos implicitamente. Sustenta e incute normas particulares de comportamento culturalmente aprovadas, exercendo, até certo ponto, poder coercitivo. Ajuda na conservação de conhecimentos ao transmitir, através de rituais e cerimônias dramatizadas, os procedimentos ou normas de conduta importantes em determinada cultura (MARCONI; PRESOTTO, 2005, p. 160).

Entendendo a religião como prática social Gil Filho (2007, p. 10) complementa “[...] a religião implementou um caráter objetivo às práticas sociais, endossando a tese de que, a religião possui um propósito preponderantemente econômico”.

De acordo com o dicionário Luft (2001, p. 569) religião é conceituada como “[...] crença na existência de uma força ou forças sobrenaturais, criadoras e reguladoras do Universo, que provêm o homem de uma natureza espiritual, que se perpetua após a morte. Cada um dos vários sistemas de fé baseados em tal crença”.

No entanto, deve-se considerar que

Definir o que é religião não é uma tarefa fácil e nem completamente possível, pois, se trata de um elemento cultural. Os elementos culturais – conhecimentos, crenças, valores, normas, símbolos, aptidões, costumes – são concebidos pelas sociedades humanas de acordo com a realidade geográfica, condições biológicas e anseios específicos, diferentes de uma região para outra (SILVA, 2007, p. 37).

Muitos antropólogos concordam que a religião é formada por um sistema de crenças e práticas e que todas as sociedades possuem a sua “visão do universo”. Para Beals; Hoijer (1969, p. 589 apud Marconi; Presotto, 2005, p. 152) religião é conceituada como “[...] crença em seres sobrenaturais cujas ações relativas ao homem podem ser influenciadas e até dirigidas”.

Para Gil Filho (2007) a religião é a autoridade consagrada a qual redimensiona através de suas doutrinas os pensamentos, os desejos do mundo natural e social. Age através de suas normas e faz com que a transferência da práxis religiosa para a norma consagrada, legitime um estilo de vida específico. Quando apropriada por um determinado grupo social, reveste-se de uma função ideológica.

Silva (2007, p. 37) ao longo de sua análise assinala “[...] podemos definir religião como: um sistema de crenças em seres sobrenaturais, que orienta o comportamento humano, articula práticas que viabilizem a comunicação deste com a divindade, na tentativa de adquirir proteção e respostas para a sua existência”.

Buscando as várias definições de religião o Guia Prático de Antropologia (1971, p. 224) diz que “A religião se caracteriza por uma crença num ser ou seres sobrenaturais, uma atitude emocional em relação a eles e um modo formal, ritual, de dirigir-se a eles. Existem, mitos ligados ao conjunto de crenças, e estes se refletem tanto na forma quanto no conteúdo do ritual”.

Considerando todas as definições sobre religião percebe-se sua importância para o ser humano, para o seu grupo uma vez que ela faz parte da cultura e do contexto histórico de uma população. Nesta perspectiva ressalta-se

A religião tem fundamental importância para a sociedade contemporânea; pode-se afirmar que ela é uma instituição com matrizes inseridas nos múltiplos contextos históricos [...] insere-se no âmbito das manifestações religiosas contemporâneas e nos componentes culturais de uma determinada sociedade (suas crenças, normas, ritos e apropriação simbólica), bem como as representações dos elementos difundidos universalmente, pois há uma crença de que é na religião que [os fiéis] vão readquirir a dignidade de uma existência mais justa, igualitária e o estímulo de viver (SILVA, 2001, p. 229).

Nesta concepção, é a partir de determinadas normas, ritos, crenças e símbolos que conhecesse uma dada religião e a cultura que ali se faz presente. Pagotti (2001, p. 65) aborda a relação entre religião e psicologia, enfocando que a religião se faz importante para a sociedade humana, pois “Para Freud a evolução da sociedade humana passa pelas fases anímica, religiosa e científica”.

Pode-se dizer então que passamos a compreender uma determinada sociedade através de sua vivência religiosa, por isso não só a Geografia, mas outras ciências se interessam por esta temática.

Neste contexto, Rosendahl, (1995) enfatiza que não só a Geografia, mas também a psicologia, estuda a religião através da valorização dos sonhos, fantasias, mitos e seus ritos, também, outras ciências como a Sociologia, a Antropologia trazem como temática de estudo a cultura e a religião.

Para Silva (2007) a religião é um elemento rico em detalhes e características, principalmente quando analisado em um contexto cultural específico. Entretanto, defini a crença e o ritual como bases da estrutura geral do fenômeno religioso,

entendendo que a crença corresponde ao corpo teórico da religião. Já o ritual refere-se ao aspecto prático da fé, é a expressão em atos do que se pensa, acredita-se e deseja-se.

A religião faz parte da vida das pessoas, é reflexo e expressão de uma cultura demonstrada através de um conjunto de símbolos culturais. Esses são manifestados através da expressão de fé, de roupas especiais, da alimentação, da música e de comportamentos diferenciados. Cita-se, por exemplo, que muitas religiões proíbem certos alimentos, exigem roupas específicas durante as cerimônias religiosas, possuem cânticos específicos para seus rituais, apresentam particularidades na sua arquitetura tanto externa quanto interna. Veneram ou não imagens sacras entre outras especificidades.

Na perspectiva da relação religião sociedade, Gil Filho (2007, p. 10), complementa “A crítica da religião é a crítica da própria sociedade. A religião é um ilusório das contradições sociais e seria mais eficaz eliminar suas raízes sociais subordinando-a à luta de classes”.

De acordo com Marconi; Presotto (2005, p. 152) ressalta-se que “As crenças religiosas implicam a existência de algo superior, sobre-humano. São importantes tanto pelo seu conteúdo emocional quanto pelo intelectual”.

Para Saraiva; Silva (2003), o fator religioso possui força e constitui-se em um dos modificadores da espacialidade do grupo que traz à tona momentos de grande importância para o estudo do modo de vida, dos costumes, do cotidiano, das representações simbólicas e religiosas. Constitui-se então em um amplo caminho para o encontro e conhecimento do humano que é a essência do papel da ciência.

Pivatto (2004) destaca a relação entre os estudos da religião e a fenomenologia, lembrando que se deve levar em consideração a vivência do pesquisador, pois é este que vai perceber a experiência religiosa do grupo cultural.

Recordemos, por um instante, nossa trajetória pessoal: como era nossa família, sua vida, seus valores, sua prática religiosa, sua inserção numa comunidade geralmente bem organizada que tinha por centro uma igreja e uma escola; lembremos também o fascínio que nos causava o progresso da ciência, com o controle do conhecimento, a repetibilidade das experiências e seus resultados surpreendentes; mas não esqueçamos as muitas e variadas perguntas que surgem em relação à fé e à moral (PIVATTO, 2004, p. 14).

Através da convivência e das inúmeras relações sociais, os costumes e crenças religiosas vão se perpetuando. Deste modo, a religião ganha força e passa a modificar as atitudes das pessoas. Através da religião e de suas crenças as pessoas transformam-se diante do que acreditam. Pagotti, (2001, p. 71) diz que “[...] as velas, as rezas, as mandigas, o pensamento positivo e tanto outros meios são utilizados magicamente para provocar mudanças”.

Essas mudanças e manifestações religiosas ocorrem de forma diferenciada, de acordo com o imaginário religioso de cada indivíduo.

En el imaginario religioso de las personas que tienen una presencia más activa en la comunidad, el cielo no solamente es localizado sino que es representado a través de la fantasía como un palacio, unas veces, y otras, como un paraíso, ambas siempre muy bonitos (GONZÁLEZ; DOMINGOS, 2004, p. 1786).

Gil Filho (2007), nesta perspectiva, ressalta que um objeto divino pode ser percebido a partir da experiência religiosa, pelo sentimento religioso. Complementa que a religião não se restringe a uma modalidade social, mas vai além desta premissa, pois ela também se configura em um sistema simbólico reunido em torno da experiência do concreto, não só na dimensão da sociedade, mas de cada e qualquer indivíduo desta sociedade.

Cada indivíduo passa a perceber o universo através de seu conhecimento de mundo e a compreender-se no universo através dos significados que lhe atribui, com base em sua religião. Para Silva (2001, p. 230) a religião supõe que a ordem humana é projetada na totalidade do ser, ou seja, “[...] a religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo mediante práticas que integram as atividades dos indivíduos como manifestações sobrenaturais”.

Nesse mesmo enfoque Silva (2007, p. 56) aponta que: “[...] a divindade é um elemento cultural, ou seja, uma dedução e construção humana. No entanto, esta construção não nos impede de reconhecer algo que também fica evidente, que Deus é o maior e mais consolador desejo humano”.

Pagotti, (2001) em seus estudos de psicologia, afirma que a religião nasce pela incapacidade, pelo medo que o homem tem de enfrentar o seu futuro, o seu cotidiano, as incertezas quanto à morte e suas relações com a natureza. Para o autor

A religião tem uma função social, cultural e terapêutica. Ela representa um alívio, em algumas circunstâncias, para a dor humana, oferece um código moral que é imanente nas relações sociais e tem um valor histórico integrado às diversas culturas (PAGOTTI, 2001, p. 70).

Em muitos casos, a religião é imposta pela família. No entanto, acredita-se que o ser humano, frente a suas dificuldades e incertezas, tende a buscar inconscientemente, na espiritualidade o alívio a sua dor. Nesta totalidade Pagotti (2001, p. 64) diz que “A religiosidade é caracterizada como um sistema neurótico de uma problemática infantil. E deve-se ressaltar que todo o contexto social e a aprendizagem de uma religiosidade são menosprezados, valorizando-se o inconsciente”.

Para Marconi; Presotto (2005, p.151) “As normas religiosas de comportamento baseiam-se nas incertezas da vida e variam muito de uma sociedade para outra. Entretanto, tornam-se mais evidentes nos momentos de crise, ou seja, nascimento, adolescência, casamento, enfermidade, fome, morte, etc”.

Considera-se que a religião torna-se sinônimo de cura dos males sociais, substituindo o aparato público de atendimento aos cidadãos. Reverte-se, deste modo, o próprio conceito de religião, transformando-a, de busca de compreensão existencial e de iluminação, num suporte de atendimento material e social (PAGOTTI, 2001).

É importante enfatizar que ao se resgatar os conceitos referentes à temática religiosa os mesmos tornam-se interessantes e, ao mesmo tempo, complexos, pois, muitos são as definições e as abordagens a partir da questão religiosa. Também, destaca-se os conflitos existentes entre as diferentes religiões.

Acontecimentos recentes tem materializado conflitos e expressado a face violenta dos embates religiosos, o que exige novas e diferentes abordagens para entender e transformar o mundo. Nessa perspectiva, como afirma Habermas, é preciso desarmar os espíritos e entender o que significa religião e secularização em nossas próprias sociedades pós-secularizadas (SAUER, 2003, p. 70).

No entanto, alguns autores concordam que a religião é algo que parte do “eu” – interior de cada indivíduo - e torna-se uma representação coletiva que exprime realidades coletivas. Para Silva (2001, p. 231) “O fenômeno religioso é um mecanismo utilizado pelos homens no seu mundo real e imaginário, mesclando-o nos seus mitos e preconceitos, crenças e práticas”.

O mito é parte integral de uma religião e como tal proclama uma realidade fundamental e abstrata que, ao mesmo tempo, é transcendente e imanente. Transcendente, válida para todas as épocas e lugares, imanente válida aqui e agora (MONINI, 2001, p. 171).

O mito é revelação da universalidade do fenômeno religioso, é manifestação de que a cultura e a natureza são epifanias do sagrado, é ocasião que mostra que o absoluto transcendente fica imanentemente manifesto. O mito é o modo pelo qual os antigos deuses ainda continuam a nos falar (MONINI, 2001).

Através dos mitos as religiões se difundem através das gerações, que buscam interpretar a história, ensinamentos e desvendar os enigmas, frente, talvez, a uma utopia. Pagotti (2001, p. 67) afirma “As idéias religiosas são ensinamentos e afirmações sobre fatos e condições da realidade externa ou interna que nos dizem algo que não descobrimos e que reivindicam nossa crença”.

No entanto, não se pode confundir religião com magia embora, muitas vezes, se encontram associadas.

A religião implica a crença em seres espirituais, deuses, o sobrenatural, sendo a oração a técnica usada pelos adeptos para relacionar-se com eles. A atitude religiosa é de humildade, submissão, reverência e adoração. [...] A magia não recorre aos seres espirituais. Vale-se de técnicas para controlar os poderes sobrenaturais. A atitude do mágico é de arrogância e autoconfiança, de compulsão, ou seja, coação sobre as forças da natureza (MARCONI; PRESOTTO, 2005, p. 165).

Para Pagotti (2001) o estudo da religião é também uma análise histórica. Assim, para poder compreendê-la deve-se buscar a gênese das religiões, seus significados em cada momento histórico, no contexto em que ela se apresenta, além do sentido com que ela se reflete nos indivíduos.

Rosendahl (1995) enfatiza que o cristianismo é a religião que reconhece Jesus Cristo como seu fundador. Deste modo, para a autora, a difusão do cristianismo através do império romano é um exemplo de difusão hierárquica. Esta difusão proporcionou a estabilidade política através da comunicação favorecida pelo uso de uma língua comum, o grego falado pelos povos na parte oriental do império e o latim nas demais áreas, mas também pela proteção das rotas de comércio e de suas estradas. A mensagem de Cristo teve sua maior difusão auxiliada pelo Império Romano. O cristianismo foi adotado como religião do estado pelo imperador romano

Constantino, convertido no ano de 337 e, a partir de Roma, espalhou-se ao longo das rotas de comércio do mundo romano.

O cristianismo tem três ramos que são o catolicismo, o protestantismo e a Igreja Ortodoxa. Assim torna-se importante argumentar de acordo com Azevedo que

O cristianismo identifica a religião fundada por Jesus Cristo, cujos dogmas e princípios gravitam em torno de seus postulados e de seus milagres. [...] Se ramifica em três diferentes confissões, a partir de cismas em diferentes períodos da história: a católica romana, a católica ortodoxa e a protestante. Do século XVI ao XIX, as divergências entre as igrejas cristãs aumentaram, provocadas pelo surgimento de luteranos, anglicanos, batistas, metodistas, velhos-católicos e outras denominações em permanente questionamento, num clima de polêmica desunião e endurecimento confessional (AZEVEDO, 2002, p. 117).

Desta forma, o catolicismo segundo Azevedo (2002), é uma modalidade do cristianismo praticada pela Igreja Católica Romana, sendo esta a religião que mais adeptos possui em todo o mundo.

Torna-se fundamental abordar sobre o cristianismo e o catolicismo, uma vez que, esta pesquisa, tem como preocupação central o código cultural religião, mais especificamente, a religião católica praticada pelos imigrantes italianos e seus descendentes na Quarta Colônia de Imigração Italiana. Assim, destaca-se

A atuação da igreja católica em seu processo de constituição de dioceses no estado do Rio Grande do Sul privilegiou, em um primeiro momento, a formação de territórios religiosos contíguos às áreas de campo [...] assim, são elencadas os desmembramentos sofridos por Porto Alegre que em seu primeiro tempo de difusão originou as dioceses de Pelotas, Santa Maria e Uruguaiana e, mais tardiamente, em um segundo tempo de difusão, originou as dioceses de Vacaria de Caxias do Sul (ANDRADE, 2007, p. 15).

Também Andrade (2007) ressalta que a igreja católica se difunde, com o decorrer do tempo, por todo o estado gaúcho onde são fundadas as dioceses de Santa Cruz do Sul, Santo Ângelo, Frederico Westphalen, Novo Hamburgo, Passo Fundo, Bagé e posteriormente, Cruz Alta, Erechim, Rio Grande, Cachoeira do Sul e Osório.

Deste modo, através da criação das dioceses a igreja católica foi difundindo sua hierarquia enquanto criadora de territórios. Gil Filho (2007) enfatiza o papel da instituição católica enquanto criadora de territórios e legitimadora dos mesmos, via estabelecimento de territorialidades. Assim, a igreja católica desenvolve um

processo de difusão particular que colabora para a manutenção de sua rede de dioceses.

Nesta linha de raciocínio Rosendahl (1995) chama atenção para o fato de que a religião, enquanto instituição é uma poderosa estratégia geográfica de controle de pessoas e coisas, ampliando, muitas vezes, o controle sobre os territórios. Para Rosendahl (1995) entende-se que a territorialidade significa o conjunto de práticas desenvolvidas por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território.

Uma organização complexa como a igreja católica romana desenvolveu exemplos notáveis do uso da territorialidade em diferentes espaços, durante o longo tempo de sua história. A igreja católica articula-se num sistema territorial hierárquico e burocrático talvez como a mais antiga e duradoura das organizações (ROSENDAHL, 1995, p. 56).

O Brasil é um grande exemplo, no qual a Igreja Católica difundiu-se. Através do processo de territorialização, expandiu seu poder e conquistou muitos fiéis. Para Lorenzoni (2006, p. 38) “A presença significativa de católicos no país, 73,6% de sua população, faz do catolicismo a principal religião. A fé católica desembarcou com os portugueses no século XVI e hoje torna o Brasil o maior país de fé católica no mundo”.

Os homens se movem de um território religioso para outro e, conseqüentemente, exigem a adaptação da Igreja às novas circunstâncias. A reorganização espacial de seu território ocorre de maneira diferente em cada país e em cada região, pois a ação política eclesial não ignora a evolução demográfica nem os modos de vida de seus fiéis. [...] Este arranjo espacial está estritamente ligado ao crescimento demográfico e ao despovoamento rural, que ocorrem em diferentes sociedades e exigem da igreja Católica uma política espacial (ROSENDAHL, 2001, p. 16).

De acordo com Haesbaert (2001, p. 126) ao analisar a questão cultural não se pode esquecer da noção de território e de des-territorialização, pois “Numa leitura de território que enfatiza a dimensão cultural, temos a des-territorialização vinculada ao desenraizamento e ao enfraquecimento das identidades territoriais”.

A igreja, enquanto instituição, se materializa no espaço geográfico, como forma de se manter presente diante dos fiéis, consagrar o espaço e fortalecer suas territorialidades.

A instituição Católica Apostólica Romana pode ser entendida como uma instituição religiosa, política e cultural, que a partir de suas atuações sobre o espaço geográfico tende simultaneamente à legitimação de seus territórios religiosos e ao fortalecimento de suas territorialidades religiosas, apresentando uma organização que lhe é peculiar (ANDRADE, 2007, p. 01).

No entanto, a religião é regida a partir de uma certa hierarquia, as quais controlam sua organização. A Igreja Católica Romana tem sua hierarquia dividida em paróquia, diocese e arquidioceses.

A igreja católica Romana divide seu domínio em hierarquias territoriais de paróquias, dioceses e arquidioceses. Cada um destes territórios é chefiado por um funcionário da igreja, cujo posto na administração geral corresponde ao posto na hierarquia. Os sacerdotes tem jurisdição sobre a paróquia, os bispos sobre as dioceses, os arcebispos sobre as arquidioceses e o papa, em Roma, sobre todos os níveis hierárquicos (ROSENDAHL, 1995, p. 57).

Dentro da própria igreja existe a hierarquia do sagrado. Rosendahl (1995, p. 69) ressalta que “Primeiramente, o altar como o lugar mais sagrado; em seguida, o lugar destinado ao coro e em terceiro, o lugar ocupado pela comunidade de leigos”.

No entanto, pode-se dizer que além de uma instituição hierárquica, a igreja, é também uma instituição política e econômica. De acordo com Rosendahl (1995), na idade média, a paróquia freqüentemente representava uma unidade político-administrativa e econômica, além da função religiosa, os senhores ricos fundavam igrejas e davam propriedades para o seu sustento e, como retorno, queriam assegurar o controle sobre elas.

Percebe-se que a igreja exercia seu poder, através dos “poderosos”, frente a grande maioria da população, em troca de benefícios econômicos. Com isso construíam-se imagens e igrejas cobertas de ouro e adquiriam-se grandes propriedades de terra, ou seja, a partir da troca de favores político-administrativos e econômicos a igreja buscava consagrar o espaço através de símbolos e construções.

No entanto, é através do espaço sagrado que se tem a materialização da fé. Nesse sentido pode-se fazer algumas indagações: Que fé é essa que se utiliza de meios profanos para consagrar o espaço? Será que os símbolos religiosos realmente querem expressar a fé, ou apenas são utilizados para a difusão de uma religião?

Pode-se dizer que a igreja católica, na busca pelo poder cometeu erros. Porém, a fé se faz presente na vida das pessoas, marcada por meio do código cultural religião que se expressa através da consagração do espaço. Assim, ela está presente na construção das igrejas, capitéis, das festas religiosas, nas orações da família, nas imagens de santos, em muitos outros símbolos e acontecimentos que passam a expressar a cultura de um povo.

Reconhecer a religião apenas como sistema simbólico ou como ideologia é subestimar-la no seu aspecto mais legítimo e essencial: concordamos que nas circunstâncias mais abrangentes de análise para as ciências humanas a religião é a experiência do sagrado (GIL FILHO, 2007, p. 3).

Neste contexto, torna-se necessário uma abordagem mais profunda referente aos conceitos de espaço sagrado e espaço profano, pois os mesmos são fundamentais no estudo da Geografia da Religião.

1.6.2.1 O Espaço Sagrado

O Espaço sagrado de acordo com Rosendahl (1996), manifesta-se como uma realidade diferente da realidade cotidiana. Implica em algo misterioso, elevando e transportando as pessoas para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. Para alguns pode ser algo terrível, para outros fascinante, fazendo com que muitos o temam e outros sejam atraídos para ele. Relaciona-se com a divindade, onde por meio de símbolos, mitos e dos ritos tem-se a mediação entre o homem e a divindade. A devoção religiosa faz com que o homem idealize e se sinta atraído pelo espaço sagrado. Este é um espaço de paz e de ligação com o divino.

O homem religioso sente necessidade de viver numa atmosfera impregnada do sagrado; é por essa razão que se elaboram técnicas de construção do sagrado. Esse trabalho humano de consagrar um espaço, essa necessidade de construir ritualmente o espaço sagrado, nos revela que o mundo é, para o homem religioso, um mundo sagrado (ROSENDAHL, 1996, p. 30).

No entanto, Rosendahl (1996) complementa que o espaço sagrado possui características distintas de acordo com cada grupo religioso que o frequenta. Deste modo, a igreja, além de ser o lugar de reunião e encontro dos fiéis, é o espaço

protegido da influência do meio profano. Para tanto, sagrado e profano se opõem e se atraem, mas jamais se misturam, constituindo, a produção do espaço.

Para Marconi; Presotto (2005, p. 163) “O espaço sagrado refere-se ao incomum, ao extraordinário, ao sobrenatural; gera atitude de medo, de circunspeção, de sensação do desconhecido”.

Os lugares sagrados constituem-se em demonstração de fé que adquire uma nítida espacialidade, pois envolve o deslocamento de um lugar a outro, ou seja, os espaços e tempo, fixos, os lugares sagrados, e fluxos, a peregrinação (ROSENDAHL, 1995).

As peregrinações aos lugares sagrados, deram origem ao turismo religioso que além da questão religiosa, influencia a atividade econômica dos lugares a serem visitado. Neles ocorre uma transformação espacial, pois atrelado ao aspecto turístico e religioso temos a existência de comércio, hotéis, transporte, restaurantes, entre outros fatores. Lorenzoni (2006) enfatiza que o turismo não é apenas um elemento de aproximação, de difusão e de valorização cultural, mas também ocupa, hoje, destaque nas atividades econômicas de uma região provocando sua promoção e a geração de riquezas internas. Neste contexto, o turismo religioso, por ser capaz de movimentar grande quantidade de pessoas tem se constituído em atrativo valorizador de regiões socioculturais.

As peregrinações a lugares sagrados tem-se expandido em todo o mundo. Estas ocorrem como demonstração de fé em todas as religiões. Para Rosendahl (1995, p. 51) “Os locais de peregrinação surgem, declinam e, por vezes, se propagam”.

Estas peregrinações, realizada pelos cristãos, ocorrem como forma de agradecimento, promessas e até mesmo, devido à importância que o católico atribui ao espaço sagrado. De acordo com Rosendahl (1995, p. 52) “A peregrinação cristã, que data do século V, também é conhecida como romaria pelo fato de constituir inicialmente na ida de devotos de suas localidades para Roma”.

Os habitantes da Quarta Colônia de Imigração Italiana buscam consagrar o espaço onde vivem através de sua fé, por meio da construção de capitéis, igrejas e monumentos religiosos. Rosendahl (1995, p. 64) ressalta “O homem consagra o espaço porque sente necessidade de viver num mundo sagrado, de mover-se em um espaço sagrado”.

Para Silva (2001) a representação simbólica confere estabilidade e identidade para os indivíduos que assiduamente buscam nesses cultos uma ordem de dimensão sagrada da vida social.

O entendimento do espaço sagrado é essencial para análise de uma cultura que se utiliza da religião como código cultural. Deste modo, afirma-se que

O sagrado é tudo que se destaca do lugar comum e da rotina. Naturalmente nem tudo que é excluído espacialmente é espaço sagrado e nem toda interrupção da rotina é uma hierofania. A palavra sagrado significa separação e definição, sugere sentido de ordem, totalidade e força. Sagrado, por si só, é um conceito religioso. Espaços sagrados são qualitativamente fortes, onde o sagrado se manifestou. E para o homem religioso essa manifestação pode estar contida num objeto, numa pessoa, em inúmeros lugares. Para o homem religioso a natureza não é exclusivamente natural, está sempre carregada de um valor sagrado (TUAN 1972 apud ROSENDAHL, 1995, p. 57).

Gil Filho (2007) enfoca que a experiência do sagrado nos remete a um atributo imanente religioso. O sagrado é único enquanto categoria, sendo exclusivamente explicado em sua própria escala, ou seja, a religiosa. No entanto, não se pode esquecer que este espaço é dinâmico e evolui com a sociedade.

A geografia do sagrado não é a consideração pura e simples das espacialidades dos objetos e fenômenos sagrados e por conseguinte de seu aspecto funcional e locacional. A geografia do sagrado está muito mais afeta à rede de relação em torno da experiência do sagrado do que propriamente às molduras perenes de um espaço sagrado coisificado. (GIL FILHO, 2007, p. 12).

Nesta perspectiva resgata-se novamente Rosendahl (1995) quando a autora complementa que a definição de um lugar como sagrado reflete a percepção do grupo envolvido, uma vez que, a percepção varia de grupo para grupo. Dificilmente se pode generalizar sobre os princípios do lugar sagrado. Assim, o espaço sagrado torna-se fundamental na percepção religiosa. Para Gil Filho (2007, p. 5) “O sagrado é o coração da experiência religiosa que não pode ser reduzida a nenhuma outra categoria”.

Gil Filho (2007) assinala que a religião manifesta-se, para análise, como fato, representação, revelação, tradição ou fenômeno. No entanto, o poder está presente em todos eles. O poder religioso justifica-se sob o sagrado e se materializa na instituição hierarquizada. É através do espaço sagrado que a religião se materializa, refletindo uma cultura. De acordo com Gil Filho (2007, p. 12) “O fato religioso revela,

através dos símbolos sagrados, a síntese do ethos de uma determinada comunidade”.

Uma prática religiosa é o resultado de uma experiência específica, na qual o ato religioso se torna indispensável para a construção da concepção de fé, bem como do espaço sagrado em que emerge como algo verdadeiro (SILVA, 2001 p. 230).

No entanto, de acordo com a dimensão do sagrado, destaca-se que esta inclui muito mais do que somente a dimensão religiosa. Enfatiza-se que

Refletir religião, religiosidade e sagrado não se constitui um problema pessoal, porque pressuponho que eles são parte da condição humana [...] o sagrado não é mais místico do que lógico, estético ou político. Inclui todas estas dimensões, mas não se reduz a nenhuma delas. (SIQUEIRA, 2003, p. 76).

Nesta mesma linha de raciocínio, Siqueira (2003, p. 80) retoma sua análise explicando “O sagrado expressa a constante necessidade de ressignificar palavras e de reencantar o mundo, no sentido de que cada coisa, caso isso descole, potencialize seu alcance de microcosmos”.

Carvalho (2001) esclarece que o espaço, que pode ser físico, legal, jurídico, medido e imaginado, concreto e ocupado é, ao mesmo tempo, o espaço dos homens, os quais se utilizam do mesmo para sua sobrevivência, e o espaço de Deus, a medida que o espaço se torna sagrado.

Concordando com essas abordagens Saraiva; Silva (2003, p. 51) salientam que o espaço sagrado é aquele dedicado a devoção aos santos padroeiros, destacando “O que vai dar o caráter de sacralidade ao espaço é a vivência baseada na relação do devoto com o santo, ou seja, a maneira como o homem se comunica com a figura do santo padroeiro; que será traduzida na forma de festas religiosas”.

Há um amplo debate sobre o significado atual da retomada da dimensão religiosa ou sagrada. Assim como na discussão da Pós-modernidade e nas interpretações das transformações sociais e culturais contemporâneas, as opiniões e reflexões teóricas são extremamente sobre o significado atual da religião e do crescimento de movimentos fundamentalistas (SAUER, 2003, p. 62).

Assim, considerar e analisar o espaço sagrado é fundamental ao se abordar a temática religiosa. Porém, é necessário ir além, compreendendo seu significado na vida das pessoas. Para isso, deve-se também abordar o entendimento do espaço profano, uma vez que, ambos são perceptíveis na análise da paisagem.

1.6.2.2 O Espaço Profano

O Espaço profano para Rosendahl (1996), caracteriza-se como o espaço ao entorno do espaço sagrado, onde é o espaço sagrado que o delimita. Em torno dele desenvolve-se o comércio e o lazer. A partir desta abordagem pode-se considerar que tudo o que não for espaço sagrado, será obrigatoriamente profano ou o não sagrado.

A experiência religiosa capacita o homem a distinguir o espaço sagrado do espaço não-sagrado. Os espaços são demarcados pelo poder da mente de extrapolar muito além do percebido; os homens não apenas criam espaços sagrados, como também procuram materializar seus sentimentos, imagens e pensamentos neles (ROSENDAHL, 1996, p. 33).

A exemplo disso tem-se a porta da igreja, a qual é considerada o elo que separa os dois espaços (sagrado e profano), pois a igreja encontra-se num ambiente diferenciado da rua onde se localiza. Para Siqueira (2003, p. 77), “A distinção entre coisas sagradas e profanas seria uma das principais características de todas as religiões”.

Procurando contribuir com este conceito Marconi; Presotto (2005, p. 163) afirmam que “O espaço profano significa o cotidiano, o natural, o comum; implica atitude de aceitação, familiaridade, do conhecimento”.

Torna-se fundamental que a Geografia relacione o entendimento de espaço profano e do sagrado no contexto da religião como suporte para o entendimento e organização do espaço geográfico.

Gil Filho (2007) esclarece que a dualidade sagrado e profano perfaz o entendimento da realidade. Se não conseguimos afirmar o que é sagrado em sua plenitude não pode-se caracterizar o que não é, pois quando a reflexão parte da negação do que seja o sagrado passa-se a reconhecer o não-sagrado.

A partir do momento em que a religião se constitui em um serviço que transcende o próprio campo religioso (uma atuação que está além da fé religiosa de seus adeptos), ela desempenha uma importância na esfera profana da sociedade (SAUER, 2003, p. 63).

Rosendahl (2003) ao enfatizar a perspectiva cultural, ressaltando a Geografia da religião, também propõem uma análise das dimensões econômicas, políticas e do lugar, que relacionam o sagrado e o profano à sociedade e ao espaço. A autora traz em seu estudo um esquema destas relações. (Figura 1).

Com relação a dimensão econômica da religião e sua espacialidade através das relações entre bens simbólicos, mercados e redes, Rosendahl destaca

O capital religioso é, sem dúvida, um instrumento de poder e de estratégia fortemente vinculado à política econômica do capital global. A atual conjuntura mundial reflete um momento de grande efervescência nos espaços religiosos, quer, de um lado, pelo retorno de fundamentalistas, quer, de outro, pelos estilhaços de novas sensibilidades mágico-religiosas em formas espaciais variadíssimas. (ROSENDAHL, 2003, p. 190).

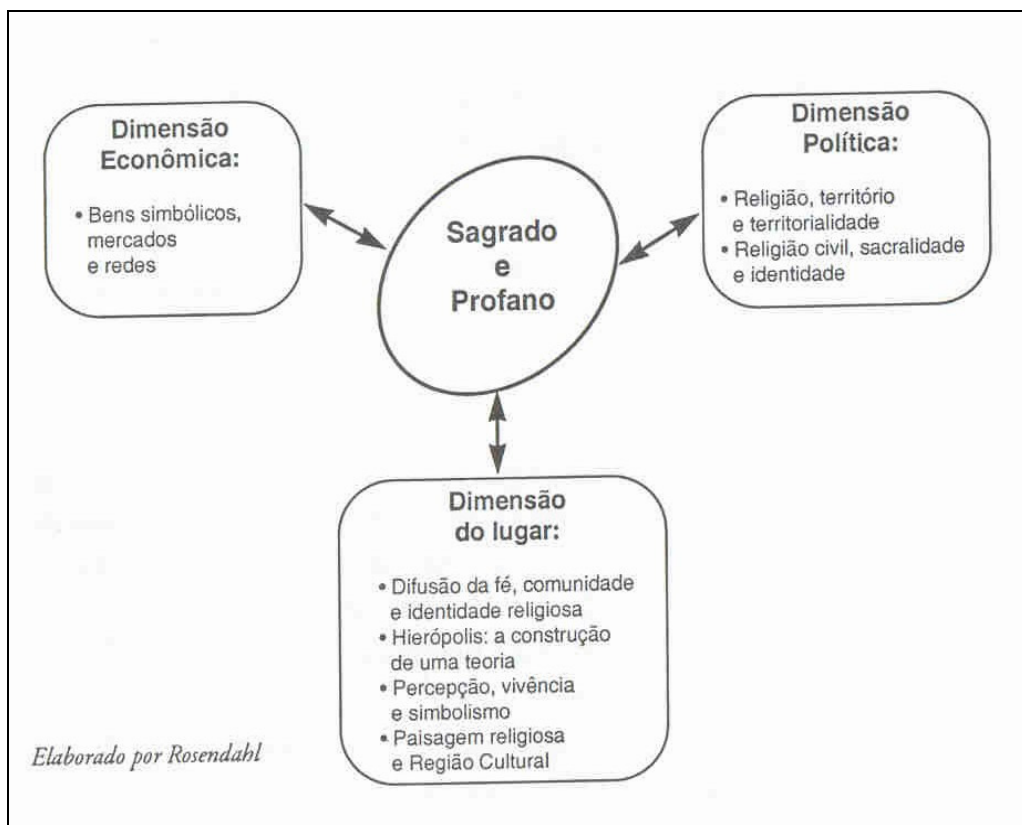


Figura 1 – Sagrado e Profano – dimensões de análise.

Fonte: ROSENDAHL, Z., 2003.

Pode-se dizer então que, em muitos casos, a dimensão religiosa é vista como mercadoria geradora de grandes lucros. Utiliza-se dos símbolos religiosos para a

formação de uma rede de comércio, explorando de certo modo, a fé e a ingenuidade das pessoas devotas.

Enfocando a dimensão política, destaca-se que a experiência religiosa é ao mesmo tempo individual e coletiva.

A idéia de que o homem é religioso significa dizer que o homem é motivado pela fé em sua experiência na vida. Essa noção permite a leitura do poder sagrado na constituição de territórios religiosos. A dimensão política do sagrado permite conhecer as múltiplas estratégias espaciais existentes entre religião e espaço. O estudo da territorialidade tem significado tanto para as sociedades modernas quanto para aquelas que permanecem tradicionais. O espaço assume uma dimensão simbólica e cultural onde se enraízam seus valores e através do qual se afirma a sua identidade. Ao mesmo tempo, as estratégias espaciais acentuam o domínio político de grupos nacionais que possuem autoridade quase-religiosa (ROSENDAHL, 2003, p. 194).

A própria igreja católica, enquanto instituição possui uma dimensão política, por ser hierárquica, geradora de territorialidades, por atribuir sacralidade e identidade ao espaço. Rosendahl (2003, p. 200), chama atenção a essa questão quando diz “A construção de espaços que sustentam as identidades religiosas fica, muitas vezes, dependente do poder político de controle dos lugares religiosos, sejam eles escolas, mosteiros, igrejas ou santuários”.

Com relação a terceira dimensão, a do lugar a autora enfatiza que

A experiência religiosa produz na paisagem formas e funções religiosas [...] a leitura do sagrado e do profano privilegiará o papel simultâneo de sua marca e matriz no lugar, a partir dos temas da difusão, da hierópolis, da vivência do sentimento religioso e, finalmente, do papel do sagrado na organização espacial e na relação cosmogônica da paisagem religiosa. (ROSENDAHL, 2003, p. 202).

Deste modo, o lugar no contexto religioso se apresenta como sagrado ou profano, sendo simbólico e perceptível através da experiência pessoal. Rosendahl (2003, p. 203), nesta perspectiva, complementa “O lugar simbólico não é meramente descoberto, fundado ou constituído. Ele é reivindicado, possuído e operado pela comunidade religiosa”.

No entanto, pode-se ressaltar que a construção de espaços sagrados e profanos ocorrem a partir da experiência da fé. Emerge outro conceito importante e fundamental a ser discutido, pois é a partir desta – da fé - que se pode ou não identificar-se com o espaço sagrado.

1.6.2.3 A Fé

Ao analisar a fé Rosendahl (2003, p. 203) destaca que “A difusão da fé torna-se particularmente importante para a Geografia ao se refletir sobre a ação missionária de expansão de idéias e condicionamentos simbólicos, algumas vezes resolvida através de trocas dramáticas no processo de aculturação”. Neste mesmo contexto ressalta-se

A fé aparece à consciência humana como confiança e certeza de que alguém ou uma realidade superior nos sustenta. Do ponto de vista teológico, é entendida subjetivamente como correspondência humana à presença gratuita de Deus: objetivamente, como a formulação comunicável de verdades aceitas em determinadas comunidades. Em ambos os casos, está claro que sempre é condicionada pela maneira de ver, compreender e viver a realidade. O ato de crer e expressar assume a forma concreta da cultura e do conhecimento do ser humano envolvido (PIVATTO, 2004, p. 7).

A partir da fé passa-se a contribuir com a construção e manutenção do espaço sagrado, respeitando e contemplando o mesmo. Deste modo, pode-se ressaltar que, dentre os imigrantes italianos, principalmente os que se fixaram na Quarta Colônia de Imigração Italiana, à fé sempre esteve presente, sendo transmitida de geração em geração. Tal fato contribuiu para a construção e manutenção de significativos símbolos e templos religiosos.

Pode-se dizer, de modo geral, que a experiência da fé nos classifica como crentes e descrentes. A fé identifica o crente num sistema religioso e o investe de poderes que só ele adquire em sua experiência religiosa. A fé, no contexto judaico-cristão, leva a que tudo seja possível para Deus e também para o homem (ROSENDAHL, 1996, p. 49).

Para Pagotti (2001), a fé parece ser um mecanismo integrador do homem com a crença. Pode-se tanto crer nos dogmas da religião como, de forma atéia, na evolução da humanidade. Ambas pressupõem a fé racional se for entendida como produtiva.

Para Pivatto (2004, p. 23) “A fé cristã não precisa justificar-se diante da ciência, nem precisa da ciência para fundamentar-se. A religiosidade é uma dimensão fundamental da vida humana, sobre a qual podem erguer-se inúmeras interpretações e mesmo instituições”.

A fé consiste em um sentimento de respeito, submissão, reverência, confiança e até de medo em relação ao sobrenatural, ao desconhecido. Não supõe compreensão. Pode-se dizer que é o desejo de aceitar qualquer coisa, provocada por algo misterioso, mas sem demonstração ou prova tangível. Seria a aceitação voluntária de uma ordem de coisas que não pode ser provada pela lógica ou pelos sentidos. O indivíduo reconhece e aceita a superioridade do sobrenatural (MARCONI; PRESOTTO, 2005, p. 152).

A fé no contexto judaico-cristão leva a que tudo seja possível para Deus e também para o homem. Assim a perspectiva que interessa aos geógrafos está na análise da experiência da fé no tempo e no espaço em que ela ocorre (ROSENDAHL, 1995).

Deste modo, a fé se manifesta no espaço por meio de símbolos. Na religião católica, muitos são os símbolos religiosos, expressos através do código cultural religião. Dentre eles destacam-se as igrejas, capitéis, nichos, imagens de santos, a cruz, sinos, o terço, promessas, festas sacras, família, entre outros. Ressalta-se que os mesmos se fazem presente, de forma significativa, na Quarta Colônia de Imigração Italiana – área de estudo desta dissertação.

1.6.3 Os símbolos religiosos

Os símbolos religiosos tendem a reafirmar a religiosidade. Para Carvalho (2001, p. 34) “O campo dos símbolos religiosos condiciona e é condicionado por um conjunto de instituições ligadas á estrutura social, à política e à economia”.

O primeiro exemplo de símbolo religioso Brasileiro é o de João Camargo, um místico brasileiro, negro, escravo, ex-escravo, nascido em 1858, que viveu em Sorocaba, onde faleceu em 1942, tendo gerado em torno de si um culto religioso de magníficas proporções (CARVALHO, 2001, p. 45).

Estes de certo modo, passam a consagrar o espaço. Assim, as pessoas religiosas, através das construções sacras, transformam o espaço profano em sagrado. Para, Silva (2004, p. 334) “O espaço sagrado é visto e marcado por signos

e significados, a conferir uma simbologia religiosa, apreendida via os agentes religiosos”.

A simbologia permite ao homem transmitir seus conhecimentos aprendidos e acumulados durante as diferentes gerações. Eles resguardam os valores considerados básicos para a perpetuação da cultura e da sociedade. A criação deles consiste, basicamente, na associação de significados àquilo que se pode perceber pelos sentidos, ou seja, ver, ouvir, tocar, cheirar (MARCONI; PRESOTTO, 2005, p. 31).

Os símbolos podem ser tanto materiais como imateriais. Em uma cultura específica a simbologia é sinônimo de união, pois acreditam nos mesmos aspectos materiais e imateriais – simbologia comum entre as pessoas. No entanto, com relação a culturas diferentes, a divergência simbólica pode causar conflito. De acordo com Chevalier; Gleebrant (1998) a história do símbolo atesta que todo objeto pode revestir-se de valor simbólico, seja ele natural (pedra, metais, fogo, etc) ou abstrato (forma geométrica, ritmo, etc).

O símbolo separa e une, comporta as duas idéias de separação e de reunião; evoca uma comunidade que foi dividida e que se pode reagrupar. Todo símbolo comporta uma parcela de signo partido; o sentido do símbolo revela-se naquilo que é simultaneamente rompimento e união de suas partes separadas. [...] os símbolos são sempre pluridimensionais. Exprimem, de fato, relações terra-céu, espaço-tempo, imanente-transcendente, como a taça voltada para o céu ou para a terra (CHEVALIER; GLEERBRANT, 1998, p. 1).

Nesta relação simbólica, Rosendahl (1996) destaca as Hierópolis que são cidades onde se destaca a prática religiosa, com predomínio de peregrinações e/ou romarias a um lugar sagrado. Estes lugares podem, também ser chamados de cidades-santuário, os quais, funcionam como centros de convergência de peregrinos que acabam por configurar a organização social do espaço. Juntamente o centro urbano se organiza na recepção dos fiéis, se especializando na função religiosa.

O desenvolvimento dos estudos sobre as hierópolis do Brasil tem exigido um esforço para se evidenciar as relações entre o sagrado e o espaço. A força propulsora do sagrado na re-organização espacial, ainda que periodicamente, nos locais de peregrinação, acentua a relação geografia e religião. Para nós, os núcleos de povoamento dotados, ainda que periodicamente, de atividades religiosas e comerciais, podem ser definidos como cidades, ao menos nos sucessivos tempos sagrados. Nestes períodos, as funções urbanas presentes nestes núcleos permitem

considera-los como um tipo particular de cidade, a hierópolis ou cidade-santuário (ROSENDAHL, 1996, p. 75).

A materialização do sagrado no espaço também pode ocorrer em grutas, pedras, entre outros, consagrando-o e tornando-o um lugar diferenciado, o que Rosendahl, (1996) denomina de Hierofania.

A diversidade de modalidades do sagrado relativiza bastante o conceito de hierofania. Este conceito só é delimitado pelo fato de toda e qualquer hierofania ser histórica. Muito embora separadas pelo contexto único de cada momento da história, as hierofanias possuem escalas de abrangência do local ao universal (GIL FILHO, 2007, p. 2).

No entanto, os lugares considerados sagrados por uma determinada população, estão relacionados a uma hierofania e também podem receber o nome de santuário (ROSENDAHL, 1996).

Marconi; Presotto (2005, p. 159) assinalam os santuários enfatizando sua importância, pois “[...] trata-se de uma construção considerada sagrada, onde se realizam cerimônias, cultos ou rituais, queimando-se incensos, acendendo-se velas, orando, etc. Podem estar vazios, abrigar objetos de culto ou se constituir na morada fixa ou temporária de deuses e espíritos”.

Deste modo, através das hierofanias tem-se as hierópolis, as quais, representam a fé e a devoção religiosa de uma dada população. Silva (2001, p. 237) diz que “[...] o homem subordina-se ao religioso à medida que uniformiza as diferenças e as incorpora num conjunto de referências homogêneas por meio dos cultos que freqüenta, configurando, assim, traços identificadores”.

Dentre os símbolos religiosos, ressalta-se a importância e o significado da Igreja. Esta passa a configurar para os habitantes das comunidades o lugar de paz e reconciliação. Confirma-se as idéias de Rosendahl, ao abordar

O cristão sabe que, ao entrar em uma igreja, um cemitério, em um espaço consagrado, vai encontrar aí um estado de espírito familiar, isto é, um espaço que ele já conhece e que, juntamente com outros crentes, vão reconstruir, ao mesmo tempo, uma comunidade visível, um pensamento e lembranças comuns que se formaram e conservaram nestes mesmos lugares em épocas anteriores (ROSENDAHL, 1996, p. 34).

De acordo com o Dicionário de Símbolos (1998), a igreja assume diversos significados.

A igreja é simbolizada por uma videira, uma barca, uma torre. Muitas vezes comparada à Virgem, é ainda denominada de esposa de Cristo [...] a Igreja cristã simboliza a imagem do mundo [...] a igreja simboliza Jerusalém, o reino dos eleitos, a igreja paradisíaca, o microcosmo e a alma humana [...] ela abriga em seu seio todos os justos e é igualmente considerada a mãe dos cristãos. E sob esse aspecto, se lhe pode aplicar todo o simbolismo da mãe (CHEVALIER; GLEERBRANT, 1998, p. 500).

Outra forma de expressão da fé são os capitéis, ou pequenas capelinhas. Estes são construídas em devoção aos santos da família ou grupo, ou por promessas alcançadas.

Os capitéis tornaram-se centros de peregrinação, por acasão de calamidade pública (secas, infestações de gafanhotos), bem como, por motivo de ordem diretamente espiritual, como a preparação das festas de natal, durante o tempo da quaresma, etc (DE BONI; COSTA, 1982, p. 147, apud MUNIZ, 1999, p. 25).

Para Marasciulo (1982, p. 26) “Através dos capitéis verifica-se uma afirmação de religiosidade popular, voltada para atender necessidades e interesses particulares ou comunitários”.

Outro símbolo religioso que deve ser enfatizado é o nicho. Este é semelhante a um capitel, no entanto, possui tamanho menor, pois é encontrado no interior das casas. Muniz (1999, p. 26) destaca “Os nichos são miniaturas dos capitéis, que cada família italiana usava dentro das casas, no jardim ou no telhado, dentro do nicho colocava-se o santo de devoção da família”.

As grutas também fazem parte da simbologia religiosa que transformam o espaço em espaço sagrado. Muniz (1999, p. 30) ressalta “As grutas foram também construídas pelas promessas feitas aos santos, em função das grandes calamidades da época: enchentes e secas ou também pela cura de alguma doença”.

As imagens de santos(as) demonstram a devoção da família. Para Muniz (1999, p. 32) “Os santos sempre tiveram um significado importantíssimo na vida do imigrante italiano”.

O culto aos santos tem diversas origens, conhecendo-se casos surgidos do respeito a vidas exemplares, de mitificações circunstanciais, de heranças culturais, de atribuições de milagres e aparições entre outras (SILVA; LOPES; GUERRA, 2003, p. 845).

Pode-se dizer então, que através dos santos, os católicos realizam a mediação com Deus. No entanto, a imagem do santo devoto pode apresentar formas diversas, variando de acordo com a religião e a fé do grupo cultural.

As imagens são representações de uma divindade, um espírito, um deus, através da escultura, da pintura, do desenho, etc. Podem ser antropomórficas (forma humana), zoomórficas (forma animal), antropozoomórficas (forma humana e animal) ou amorfas, ou seja, sem forma determinada (MARCONI; PRESOTTO, 2005, p. 154).

Outro símbolo religioso importante é a cruz. Ela está presente em lugar de destaque nas igrejas. Representa a crucificação de Jesus, sendo utilizada como forma de veneração. Aparece, geralmente junto ao terço, casas, igrejas e em alguns capitéis. Também simboliza a morte, por isso sua presença nos cemitérios e em locais onde ocorreram acidentes. Neste sentido, ressalta-se

As cruces se caracterizavam como um símbolo bastante forte. Se colocava uma cruz nos lugares como: acidente de cavalo, de carroça e mais tarde automobilístico e até mesmo de um crime, as cruces eram feitas de madeira, de pedra ou de ferro (MUNIZ, 1999, p. 27).

Para Chevalier; Gleebrant (1998, p. 309) “A cruz é um dos símbolos cuja presença é atestada desde a mais alta Antiguidade: no Egito, na China, em Cnossos, Creta, onde se encontrou uma cruz de mármore do séc. XV a.C.”

A tradição cristã enriqueceu prodigiosamente o simbolismo da cruz, condensando nessa imagem a história da salvação e a paixão do Salvador. A cruz simboliza o crucificado, o Cristo, o Salvador, o Verbo, a segunda pessoa da Santíssima Trindade. Ela é mais que uma figura de Jesus, ela se identifica com sua história humana, com a sua pessoa (CHEVALIER; GLEERBRANT, 1998, p. 310).

Para o dicionário de símbolos a cruz representa a ligação entre o céu e a terra, sendo o grande viés de comunicação e de destaque no espaço sagrado.

A cruz tem, em consequência, uma função de síntese e de medida. Nela se juntam o céu e a terra. Nela se confundem o tempo e o espaço. Ela é o cordão umbilical, jamais cortado, do cosmo ligado ao centro original. De todos os símbolos, ela é o mais universal, o mais totalizante. Ela é o símbolo do intermediário, do mediador, daquele que é, por natureza, reunião permanente do universo e comunicação terra-céu, de cima para baixo e de baixo para cima. Ela é a grande via de comunicação. É a cruz que recorta, ordena e mede os espaços sagrados, como os templos; é ela que desenha as praças nas cidades; que atravessa campos e cemitérios. A

interseção dos seus braços marca as encruzilhadas, nesse ponto central ergue-se um altar, uma pedra, um mastro. Centrípeta, seu poder é também centrífugo (CHEVALIER; GLEERBRANT, 1998, p. 310).

A presença dos sinos nas igrejas materializa outro símbolo religioso. Muniz (1999, p.29) enfatiza “Até hoje os sinos têm um significado bastante importante na vida cotidiana dos descendentes italianos, eles continuavam preservando os rituais feitos pelos seus antepassados”.

O simbolismo do sino está ligado, sobretudo, à percepção do som. Na Índia, por exemplo, ele simboliza o ouvido, e aquilo que o ouvido percebe, o som, que é reflexo da vibração primordial. [...] Pela posição do seu badalo, o sino evoca a posição de tudo o que está suspenso entre o céu e a terra, e por isso mesmo, estabelece uma comunicação entre os dois. Mas tem também o poder de entrar em relação com o mundo subterrâneo (CHEVALIER; GLEERBRANT, 1998, p. 835).

Outro símbolo que representa a religiosidade é o terço. Este, além de simbolizar o sagrado, promove a união da família e da comunidade que se reúne para rezá-lo. Muniz ressalta

Os imigrantes italianos sempre rezavam o terço a noite. Todas as famílias tinham a mesma forma de reza. As orações durante o terço variavam. Após ele cada família e cada comunidade rezava por intenções especiais e as devoções mais comuns eram: um Pai Nosso, uma Ave Maria e um Glória ao pai, ao Santo padroeiro da Igreja. Uma oração era feita às almas do purgatório da igreja, uma oração a Nossa Senhora, a Santa Senhora, a Santo Antônio e no fim o “bendito seja Deus” (MUNIZ, 1999, p. 31).

Também não se pode esquecer das promessas, festas sacras e da família. Com relação às promessas Muniz (1999, p. 33) esclarece “As promessas aos santos eram feitas constantemente pelos imigrantes italianos devido à fé que eles possuíam, somente através dessa fé que era possível alcançar uma graça”.

As festas sacras sempre apresentam um ritual religioso. Para Marconi; Presotto (2005, p. 154) “As formas de ritual variam de acordo com a organização do culto. Consistem em atos religiosos como rezar, cantar, dançar aos deuses, ofertar coisas, fazer sacrifícios. Há três formas principais de ritual: oração, oferenda e manifestações”.

Os imigrantes italianos guardavam rigorosamente as festas de preceito do calendário litúrgico. Não trabalhavam nos dias santos, aproveitando o dia para ir a igreja. Quando tinha missa ia toda família para ouvir o padre rezar

a liturgia. [...] nos dias festivos, depois da missa, as senhoras sentavam em frente a igreja, contavam histórias das lavouras e doenças, enquanto os homens jogavam bochas, a moda era o jogo de baralho e tomavam vinho, que era bebida predileta dos italianos (MUNIZ, 1999, p. 39).

Com relação à família Muniz (1999, p. 37) destaca que esta é a base cultural e religiosa do imigrante italiano “A família do imigrante italiano fundamentou-se no casamento patriarcal, do tipo monogâmico [...] o homem tinha que ser mais forte, capaz, mais velho, mais alto e mais corajoso que a mulher. Ele que mandava na esposa, nos filhos e na propriedade”.

Neste contexto, torna-se importante conceituar e buscar um entendimento a respeito dos símbolos religiosos, muito dos quais, provavelmente vai se ter contato durante o trabalho de campo. Estes materializam na paisagem a expressão de um código cultural significativo que é considerado um fenômeno bastante visível na Quarta Colônia de Imigração Italiana, que passa a diferenciar o espaço e caracterizar sua população. Deste modo, Brum Neto (2007, p. 42) aponta que “Geralmente a religiosidade serve como orientadora de condutas e ações coletivas, configurando um padrão a ser seguido”.

2 ABORDAGEM HISTÓRIA E SOCIOESPACIAL DA QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA

Considera-se importante conhecer a área de estudo, laboratório desta dissertação, através de seus diversos aspectos. Deste modo, quem não pertence, ou não conhece este recorte espacial, pode por meio deste capítulo, ter uma visão geográfica geral da mesma. Assim, inicialmente apresenta-se os aspectos históricos de formação da Quarta Colônia de Imigração Italiana, no estado Gaúcho. Posteriormente, destaca-se os fatores econômicos e socioespaciais que caracterizam os municípios pertencentes a este recorte espacial.

2.1 Abordagem Histórica

Ao final do século XIX, o Brasil e a Itália vivem momentos diferentes. O Brasil necessita de pessoas para seu povoamento e desenvolvimento. Já a Itália enfrentava problemas com sua super população. Segundo Rosso (1980), a Itália concentrava, em seu território, um intenso contingente populacional, necessitando de terras para oferecer a seus habitantes melhores condições de vida, visto que a unificação só agravou os problemas. Deste modo, a economia Italiana era dependente de poucos industriais e muitos latifundiários que exploravam a força operária e agrícola.

É de amplo consenso na literatura acerca da imigração o entendimento de que o fenômeno migratório ocorrido no século XIX e no século XX está intimamente relacionado ao processo de expansão do capitalismo europeu e, também, às transformações das estruturas políticas, econômicas e sociais, em pauta na Europa e no Brasil, herdados de um período anterior e constituídos pelo Regime feudal na Europa e pelo processo de acumulação mercantilista que ocasionou o Regime escravocrata no período colonial e que atingiu também o Brasil (NARDI, 2007, p. 31).

Neste sentido, Pissutti (2005) esclarece que o Brasil neste período desenvolvia a campanha abolicionista, e antes mesmo da completa abolição da escravatura em 1888, através da Lei Áurea, no Brasil, a partir de 1870, dava-se

início à imigração de europeus que iriam substituir o trabalho escravo. Foi então que o governo imperial, para suprir a falta de mão-de-obra na lavoura do café no interior do estado de São Paulo, subsidiou passagens incentivando a vinda de trabalhadores italianos da Lombardia, Mantova, Cremona, Calábria e Nápoles.

No norte da Itália as condições eram péssimas, neste período, fruto do subdesenvolvimento e das condições de feudalismo decadente. Na agricultura, os latifúndios continuavam com as explorações.

Esta economia tradicional e escravagista, aliada à situação política de instabilidade colocaram a população do norte da Itália a uma posição em que a maior segurança era optar pela saída do solo pátrio em busca de melhores condições de vida para si e seus filhos, pois, faltava-lhes a oportunidade de um sucesso econômico. Pretendiam adquirir uma propriedade agrícola e tornarem-se economicamente independentes, e o Brasil, vasto e rico território, necessitava de braços para o seu desenvolvimento (ROSSO, 1980, p. 3).

Neste contexto, Nardi (2007) enfatiza os motivos da vinda de europeus para o Brasil, ressaltando que

A necessidade de mão-de-obra especializada teria sido mais do que o racismo, o determinante da busca por imigrantes europeus, visando, em médio prazo, o aumento da produção agrícola, a formação da economia colonial e, em longo prazo, o branqueamento da população brasileira através da miscigenação (Nardi, 2007, p. 36).

Deste modo, migrar para o Brasil significava uma esperança de vida melhor para as famílias italianas. O Brasil, principalmente o sul, precisava de pessoas que se fixassem a terra, garantindo sua posse frente aos espanhóis. Nesta perspectiva Pissutti (2005, p. 17) destaca “Os italianos vieram para o Brasil atraídos pelas promessas feitas por parte do governo brasileiro, de terra fértil e em abundância, fato que fez o imigrante sonhar com uma vida melhor do que aquela que vinha tendo em seu país de origem”

Em meio ao século XVIII, para garantir a posse das terras do extremo Sul do Brasil, ameaçadas constantemente pelos espanhóis, para diversificar a economia sulista e fomentar o processo de formação do mercado interno, era preciso povoá-las, fixando o homem à terra através da prática agrícola, pois até então predominavam, na economia da província do Rio Grande de São Pedro, a pecuária extensiva e as charqueadas (SAQUET, 2003, p. 13).

No entanto, Saquet (2003), complementa que primeiramente, são trazidos, para o Rio Grande do Sul, colonizadores alemães, a partir de 1824. Estes fundam várias cidades, entre elas, Novo Hamburgo, São Leopoldo, Venâncio Aires e Santa Cruz do Sul.

Era necessário um maior índice populacional, no sul do Brasil. Deste modo, surge a possibilidade de conceder terras a italianos.

Os italianos procediam das mais diversas localidades da Itália, sendo que a maioria de origem rural. Entretanto, foi à porção norte da Itália, a responsável pelo envio do maior contingente de colonos. Nesta área, a crise econômica era mais acentuada, salientando-se a região do Vale do Pó, principalmente, nas províncias de Vêneto, Bellum, Treviso, Piemonte e Toscana. No período compreendido entre 1887 a 1914, a província de Vêneto ocupou o primeiro lugar no que diz respeito ao envio de italianos para o Brasil (BRUN NETO, 2004, p. 43).

Neste contexto, pode-se destacar Rosso (1980, p. 3) o qual aborda a aceitação dos italianos em migrarem para o Brasil. “Quando em 1870, o Governo imperial do Brasil decidiu povoar terras incultas e devolutas no sul do país, houve grande aceitação nas regiões Vêneto – Lombardo – Trentinas e iniciaram-se a partir de 1875 os fluxos migratórios para o Rio Grande do Sul”.

Assim, os italianos partem em direção ao Brasil. Muitas foram as dificuldades encontradas na viagem, pois atravessar o Atlântico, naquela época era muito arriscado. Enquanto isso, o governo brasileiro providenciava os loteamentos de terra para conceder-lhes. Isso se fez de forma complementar, para ocupar as terras e garantir o desenvolvimento.

A colonização italiana no extremo sul do Brasil foi promovida com um conteúdo complementar, porque necessitava-se satisfazer as cobranças externas sobre a situação dos imigrantes no Brasil e produzir alimentos para o mercado interno. E não só alimentos, mas ao mesmo tempo excedentes que foram comercializados sob a forma de mercadorias e, posteriormente, produtos com exclusivo valor de troca. Era preciso gerar sobretrabalho e fomentar mudanças nas relações produtivas e o mercado de trabalho livre. Mesmo com poucos recursos, os imigrantes italianos tiveram no Rio Grande do Sul, além do papel políticoestratégico, quatro atribuições principais: produtores de mercadorias; possíveis consumidores da produção de outros lugares (inclusive de importados); compradores da mercadoria terra contribuindo na sua valorização e incrementadores de novas relações de produção na economia regional (SAQUET, 2003, p. 44).

Torna-se de extrema importância ressaltar que com a colonização européia no Brasil passa-se a ter um grande número de famílias trabalhando na terra, garantindo

a posse do território e, conseqüentemente, o seu desenvolvimento. No entanto, estes imigrantes eram vistos como mercadorias de troca, principalmente pelo governo Italiano, o qual concedia vantagens alfandegárias as suas mercadorias.

[...] o governo italiano facilitou a des-territorialização externa e os países que recebiam migrantes concederam vantagens alfandegárias às mercadorias italianas. Houve um troca-troca em que os homens italianos eram mercadorias no mercado internacional, favorecendo os principais agentes econômicos e políticos italianos. Nesse processo, complementam-se os interesses do Estado e dos principais agentes econômicos, que garantem sua re-produção no jogo do poder político e na dinâmica econômica no processo de formação do território italiano (SAQUET, 2003, p. 66).

Segundo Moreira (2003), foi em 1875 que chegaram os primeiros italianos ao Rio Grande do Sul, fixando-se na parte superior da encosta e borda do planalto. Estes introduziram, neste território, a policultura, juntamente com a cultura da uva e a fabricação do vinho.

As colônias italianas do Rio Grande do Sul foram estabelecidas na Encosta da Serra, ao norte das colônias alemãs de São Sebastião do Caí, Montenegro, Estrela e Lajeado [...] As colônias italianas foram fundadas sob o mesmo regime de pequena propriedade das colônias alemãs, mas a extensão dos lotes foi consideravelmente reduzida. Em 1824, o lote colonial era de 77 hectares. Em 1848, o lote colonial diminuiu para 48 hectares. Durante a colonização italiana, os lotes não passavam de 25 hectares (MANFROI, 2001, P. 61).

Os Italianos se localizam em diferentes lugares, fundando as colônias de Imigração. Primeiramente, em Garibaldi, originando a primeira colônia “Conde D’Eu”, a segunda em Bento Gonçalves “Dona Isabel”, a terceira em Caxias do Sul “Duque de Caxias” e a última em Silveira Martins, onde se estabeleceu a Quarta Colônia Imperial do Rio Grande do Sul (Quadro 1).

Colônia	Data de fundação	Município	Área (ha)
Conde D’Eu	1874	Garibaldi	51.250
Dona Isabel	1875	Bento Gonçalves	76.400
Caxias	1875	Caxias	121.000
Silveira Martins	1877	Santa Maria	16.000

Quadro 1 – As colônias de Imigração italiana no RS.

Fonte: GIRON, I. S.; HERÉDIA, V., 2007.
Org. PICCIN, E. 2008.

Deste modo, os italianos enfrentaram inúmeras dificuldades até chegarem as terras destinadas. Estas eram delimitadas com base na presença alemã que já ocupara boa parte deste território.

Os imigrantes italianos da Quarta Colônia imperial desembarcaram no porto de Rio Grande e, seguiam de trem até Porto Alegre, ficavam em galpões armados na proximidade da praça da Harmonia. Ali permaneciam em péssimas condições aguardando as ordens das autoridades para seguir o caminho até o local destinado pelo Governo Imperial. Depois de muita espera e cansaço os imigrantes eram liberados. Tomavam um pequeno barco a vapor e seguiam pelo rio Jacuí até Rio Pardo, lá encontravam homens com carretas e bois que eram mandados pelo governo Imperial, afim de conduzi-los até o “barracão” de Val de Buía (MUNIZ, 1999, P. 12).

Em 1877², foi criada a Colônia Silveira Martins, situada no centro da província, na região de Santa Maria da Boca do Monte. Essa colônia estava longe das outras três colônias, separada delas pelos vales dos rios Taquari e Jacuí. Distava cerca de 400 Km da capital da província (GIRON; HERÉDIA, 2007).

Nesta perspectiva de análise Saquet (2003) complementa

A Colônia Silveira Martins foi fundada em 1878, em plena encosta do planalto. Seu processo de territorialização deu-se sob a lógica e o comando do capital, em que a expansão territorial é, concomitantemente, produção e apropriação de trabalho excedente e é mediada pela atuação do Governo de estado, a partir da des-territorialização italiana (SAQUET, 2003, p. 80).

De acordo com Giron; Herédia (2007) as primeiras 70 famílias de imigrantes italianos chegaram em 1877, conduzidas por barco até o rio pardo e o restante do caminho foi feito com carretas, levando 15 dias de viagem até o barracão em Val de Buía. No ano seguinte, mais 170 famílias são instaladas no sopé da Serra Geral. Foram povoadas as regiões próximas de Vale Vêneto, Vale Veronese, Nova Palma, Núcleo Norte, Nova Treviso e Dona Francisca. Os núcleos de povoamento dependiam uns dos outros.

Pode-se constatar que, houve um esforço por parte do imigrante em adaptar-se a nova realidade, através da miscigenação entre os costumes de sua origem e, os que adotaram em função das dificuldades que se apresentavam, bem como os obstáculos que tinham que transpor para habitar de fato o Rio Grande do Sul (BRUN NETO, 2004, p. 45).

² Existe uma certa divergência entre autores quanto ao ano de fundação da Quarta Colônia de Imigração Italiana. Para uns é 1877, para outros 1878.

Nardi (2007) destaca que a nova vida dos imigrantes no Brasil exigiu muito trabalho e dedicação. Os italianos viram-se sozinhos, em meio à mata virgem e sem recursos, obrigados a empreender esforço de imaginação e arte. Além do mais, tudo devia ser conquistado, a terra para o plantio, o espaço a ser transformado em território, os instrumentos de trabalho, a alimentação necessária à sobrevivência da família e o material para a construção da casa.

As várias levas de imigração italiana está associada a questões econômicas, sociais e políticas pela qual o contingente europeu estava passando. Fatores como a fome, a miséria e o abandono dos setores públicos foram pontos decisivos para que o colono imigrante abandonasse a pátria mãe. Desta forma, não tendo mais alternativas, decidem migrar para a América, em busca de sobrevivência, deixando para traz parentes, amigos e também a terra natal, trazendo consigo aquilo que lhes é fundamental nesse momento decisivo, a fé em Deus.

A religião foi a “fonte de energia” encorajando os imigrantes. Houve um esforço muito grande por parte destes em adaptar-se a nova realidade, através da miscigenação entre os costumes de sua origem e, os que adotaram em função das dificuldades que encontraram na “nova terra”. No entanto, não se pode deixar de ressaltar que

[...] a imigração italiana constituiu-se em uma importante contribuição à formação e ao desenvolvimento do Rio Grande do Sul, pois, assim como os demais povos que já se encontravam instalados nesta porção do território nacional, proporcionou a construção de um estado único e, ao mesmo tempo diversificado, com características culturais marcantes, onde a paisagem, muitas vezes, denuncia a origem étnica, mas que no todo é genuinamente gaúcha (BRUN NETO, 2004, p. 47).

Torna-se evidente as marcas culturais dos italianos e seus descendentes na Quarta Colônia de Imigração Italiana, expressas por meio da religiosidade, gastronomia, dos valores, vestuário, influência lingüística, entre outros. Assim, Nardi (2007) complementa que “Estes objetos concretizados e plenos da intencionalidade humana e da expressão cultural formam a paisagem cultural [...] e definem um cenário cultural diferenciado, provocando curiosidade, encanto de conhecer o diferente e, conseqüentemente, promove o turismo”.

2.2 Características econômicas e socioespaciais

A Quarta Colônia de Imigração Italiana é composta por sete municípios, os quais foram emancipados em datas distintas, possuindo características peculiares quanto a sua população e economia (Quadro 2).

MUNICÍPIO	ANO DE EMANCIPAÇÃO	EMANCIPADO DE
Faxinal do Soturno	1959	Cachoeira do Sul
Nova Palma	1960	Júlio de Castilhos
Dona Francisca	1965	Cachoeira do Sul
Silveira Martins	1987	Santa Maria
Ivorá	1988	Júlio de Castilhos
Pinhal Grande	1992	Júlio de Castilhos
São João do Polêsine	1992	Faxinal do Soturno

Quadro 2 – Emancipação dos municípios da Quarta Colônia de Imigração Italiana/RS.

Fonte: FEE, Fundação de Economia e Estatística, 2006.

Org. PICCIN, E. 2008.

Dos sete municípios que compõe a Quarta Colônia de Imigração Italiana, Faxinal do Soturno foi o primeiro a ser emancipado. Seu nome foi dado devido a proximidade com o rio Soturno e com a grande extensão de faxinal – campo coberto de mato curto.

Após um ano emancipou-se Nova Palma. No entanto, destaca-se que o início do seu povoamento deu-se em 1882, com a predominância de colonização italiana. O nome inicial foi "Barracão" devido à barraca que abrigava os agrimensores, passando posteriormente a chamar-se Nova Palma.

Dona Francisca teve sua emancipação decretada em 1965. Seu nome, de acordo com Nardi (2007, p. 27), foi colocado pelos primeiros imigrantes em homenagem a benfeitora local e esposa de Manoel Gonçalves Mostardeiro (proprietário das terras que foram loteadas para formar a localidade), Antoninha Becker Mostardeiro, conhecida por Dona Francisca.

Silveira Martins, berço da Quarta Colônia, emancipou-se em 11 de dezembro de 1987 a partir da lei nº 848. Nardi (2007) destaca que o município recebeu este nome em homenagem ao senador gaúcho, defensor da causa imigratória, Gaspar Silveira Martins.

Em 1988, ocorreu a emancipação de Ivorá. Seu nome é de origem indígena e significa “rio da praia formosa”, sendo sugerido pelo Instituto Geográfico e Histórico do Rio Grande do Sul, pois até então o local chamava-se Nova Údine. De acordo com Nardi (2007, p. 26), “Em termos econômicos Ivorá se comporta como um município essencialmente rural cuja base da economia está assentada nas atividades agropecuárias determinadas pelos cultivos de milho, feijão e fumo”.

Os últimos dois municípios a serem emancipados foram Pinhal Grande e São João do Polêsine. Ambos em 1992. Pinhal Grande foi emancipado de Júlio de Castilhos, sendo assim denominado devido a grande quantidade de pinheiros (*Araucária angustifolia*) em sua área. Já São João do Polêsine, de acordo com Nardi (2007, p. 28), “Formou-se a partir da combinação de duas características: o fato do padroeiro local ser São João Batista e, da semelhança do local com a região de Polêsine, na Itália, situada às margens do rio Pó, o maior da Itália, com 652 Km de extensão”.

Com relação a localização da Quarta Colônia de Imigração Italiana Budó (2008, p. 28) destaca que “A chamada Quarta Colônia de Imigração Italiana fica inserida na encosta do planalto, no centro do estado do Rio Grande do Sul, na Serra de São Martinho”.

Geomorfologicamente abrange três macro compartimentos de relevo, o topo do Planalto Meridional Brasileiro, o Rebordo deste planalto e a Depressão Central, formando um cenário de suntuosos contrastes geofísicos que possuem grande atratividade turística (PEREIRA 1985 apud NARDI, 2007).

Nas formas que correspondem a unidade Serra Geral, as formações responsáveis pelos diferentes aspectos de relevo (patamares, escarpas, relevos residuais, morros e outros) dos municípios em questão são: arenito eólico/fluvial da formação Botucatu e vulcânicas ácidas/básicas da formação Serra Geral (CASSOL JUNIOR et al, 2008, p. 9).

De acordo com Pereira (1985 apud Nardi, 2007), a Quarta Colônia de Imigração Italiana situa-se na área central do Estado, junto aos vales encaixados das encostas que formam o rebordo do Planalto Meridional Brasileiro (denominado

regionalmente de Serra de São Martinho) na área de transição entre o Planalto Meridional Brasileiro e a Depressão Central do Rio Grande do Sul, apresentando altitudes máximas em torno de 500 metros, ao norte, e mínimas de cerca de 40 metros, ao sul. Esta área possui grande amplitude altimétrica apresentando alta energia de relevo e declividade média que varia entre 5,6% e 45,5% da base para os setores mais elevados.

Nessa perspectiva, Cassol Junior et al (2008, p. 8) destaca que “Na depressão do Rio Jacuí, estão incluídos os sedimentos fluviais que compõem os terraços e várzeas, situadas, principalmente, ao longo do rio Soturno, sedimentos da formação Rosário do Sul e Santa Maria, as quais dão origem as formas colinosas, regionalmente denominadas de coxilhas”.

Em termos de condições climáticas, de acordo com Vieira (1984) o Rio Grande do Sul devido a sua posição geográfica (paralelo 30°) representa a paisagem de condições climáticas da zona tropical à temperada.

Assim, de acordo com Köppen (apud Cassol Junior, 2008, p. 8) este recorte espacial “enquadra-se na área de clima temperado chuvoso e quente do tipo Cfa, onde as temperaturas do mês mais frio oscilam numa média de -3° a 18° e a média do mês mais quente acima de 10° ”.

O clima da região, segundo a classificação de Koeppen, é do tipo subtropical úmido com verões quentes, sem estação seca definida apresentando precipitação regular o ano todo com índices pluviométricos anuais que oscilam em torno de 1500 a 1750 milímetros. Os meses menos chuvosos são março, novembro e dezembro. (PEREIRA 1985 apud NARDI, 2007, p. 22).

Os solos predominantes na Quarta Colônia são os argissolos que caracterizam-se por boa drenagem, presença de horizonte B textural, com argila de atividade baixa. São solos mediamente profundos, com deficiência natural de fósforo, ocorrendo em relevo ondulado e suave. Nas áreas mal drenadas a predomínio de solos planos que possuem limitações naturais de baixo teor de fósforo, limitações em relação a mecanização e em alguns casos deficiência de oxigênio para as raízes (CASSOL JUNIOR et al, 2008).

Com relação a vegetação, destaca-se que a grande maioria dos município possuem um grande remanescente da Floresta Estacional decidual, constituindo um importante patrimônio, em termos de diversidade biológica. Nos fundos de vales,

mesmo em declividades acentuadas, ocorrem florestas de galeria, assim, denominadas, devido à baixa drenagem do seu curso de água (CASSOL JUNIOR, 2008).

Os municípios que compõe o recorte espacial em análise têm sua economia alicerçada no setor primário. Destacando que na maioria dos municípios a população rural ultrapassa a urbana (Tabela 1).

Tabela 1 – População dos municípios pertencentes à Quarta Colônia de Imigração Italiana/RS.

Município	N° de habitantes	População Rural	População Urbana
Faxinal do Soturno	6940	2307	4633
Nova Palma	6310	3184	3126
Dona Francisca	4049	1358	2691
Silveira Martins	2332	1215	1117
Ivorá	2322	1526	796
Pinhal Grande	4899	3007	1892
São João do Polêsine	2927	1585	1342

Fonte: FEE, Fundação de Economia e Estatística/população, 2006.
Org. PICCIN, E. 2008.

Pela análise da tabela 1, percebe-se que somente Faxinal do Soturno e Dona Francisca caracterizam-se por apresentar um número maior de população na área urbana em relação a rural. Desta forma, pode-se abordar que

A dinâmica do crescimento populacional considerou as informações decorridas no período de 1997 a 2000. Neste período, a população apresentou taxa média de crescimento de +0,01%, sendo que em alguns municípios esta taxa foi negativa em até 0,95% em Ivorá e a de maior crescimento foi apresentado pelo município de Pinhal Grande, com 1,75 (CASSOL JUNIOR, 2008, p. 14).

Deste modo, ressalta-se que os municípios da Quarta Colônia de Imigração Italiana caracterizam-se por pequenas cidades em busca de novas alternativas de desenvolvimento, uma vez que, sua economia depende principalmente do setor

primário. Dentre as alternativas destaca-se as festas que atraem a população regional, por exemplo, as festas religiosas, Feira gastronômica, Festival do vinho e do Queijo, Exposição de Faxinal do Soturno (EXPOFAX), EXPOCOLÔNIA, Festival do peixe, Semana Cultural e festival de Inverno de Vale Vêneto, entre outras (BRUN NETO, 2004).

De acordo com Cassol Junior et al (2008, p. 17) “A estrutura fundiária da região, se caracteriza basicamente pela concentração do número de propriedades em estabelecimentos de até 50 ha. Vê-se, assim, a predominância da pequena propriedade”.

Com relação ao setor primário, Brum Neto (2004, p. 74) complementa que “A estrutura fundiária destes municípios, é constituída de pequenas propriedades, permanecendo assim desde o início do processo colonizador, uma vez que o imigrante europeu recebeu pequenos lotes para cultivar”.

A agricultura é responsável por cerca de três quartos da classe de atividade econômica do setor primário dos pequenos municípios da região considerada. Constata-se uma redução da participação da agricultura e da atividade pecuária, com incremento de propriedades que utilizam agricultura e pecuária em conjunto (CASSOL JUNIOR, 2008, p. 18).

A área plantada destina-se principalmente a lavoura temporária, destacando-se os cultivos de arroz, fumo, milho, soja e feijão. De acordo com Cassol Junior (2008), a economia do setor primário está baseada em poucos produtos agrícolas. No setor rural, o destaque é para o segmento da agricultura, onde as culturas temporárias respondem por grande parte do valor de produção, com destaque para a cultura do arroz irrigado e depois para os cultivos do fumo, milho, mandioca, soja, cana-de-açúcar e feijão.

A fruticultura ganha destaque em São João do Polêsine, onde cita-se os cultivos de banana, uva, laranja, figo e caqui. Dona Francisca apresenta como alternativa as agroindústrias (Quadro 3).

Apesar das transformações pelas quais tem passado a região da Quarta Colônia de Imigração Italiana ao longo de sua história, a paisagem rural ainda reflete a configuração herdada do processo de colonização iniciado no último quartel do século XIX. Nela ainda se pode perceber a existência de um modo de vida intrínseco à cultura étnica italiana, manifestado principalmente na forma de interação com a natureza, no sistema de produção agrícola de encosta, no artesanato, na convivência comunitária e na religiosidade (NARDI, 2007, p. 158).

	Pinhal Grande	Silveira Martins	Nova Palma	Ivorá	Faxinal do Soturno	Dona Francisca	São João do Polêsine
Início da colonização (ano)	1917	1877	1882	1883	1884	1886	1893
Emancipação (ano)	1992	1987	1960	1988	1959	1965	1992
Território (Km²)	477,1	118,3	313,5	122,9	169,9	114,3	85,6
Densidade Demográfica (hab/Km²)	10,3	19,7	20,1	18,9	40,8	35,4	34,2
Taxa de analfabetismo (%)	9,37	8,10	5,86	6,30	7,23	11,16	7,17
Expectativa de vida (anos)	73,16	73,11	73,16	72,75	71,40	69,00	71,40
Renda per capita (R\$)	14.107,00	7.943,00	13.263,00	9.058,00	9.218,00	10.676,00	9.070,00
Economia	Agricultura: soja, milho, feijão, trigo, fumo e videiras. Pecuária: bovinos de corte e leite, suínos e aves.	Agricultura: batata, soja e videiras. Pecuária: bovinos de corte e de leite	Agricultura: feijão, fumo, milho, soja. Pecuária: bovinos, ovinos e suínos. Indústria: móveis, alimentos e mineração	Agricultura: milho, feijão e fumo. Pecuária: bovinos de corte e de leite	Agricultura: arroz, soja, milho, feijão, fumo e frutas. Pecuária: gado de leite e corte	Agricultura: Arroz, fumo, milho, feijão e agroindústrias. Pecuária: bovinos de corte e de leite	Agricultura: arroz, milho, soja, feijão e cana-de-açúcar. Fruticultura: banana, uva, laranja, figo e caqui

Quadro 3 – Quadro síntese dos municípios que compõe a Quarta Colônia de Imigração Italiana/RS.

Fonte: Nardi, O., 2007.

Org: Piccin, E. 2008.

Os imigrantes italianos dedicaram-se ao setor primário. Assim, Budó (2008) destaca a dependência do imigrante em relação a terra, produzindo para seu próprio consumo.

A grande maioria dos descendentes de imigrantes italianos que se instalaram na Quarta Colônia, dependem diretamente daquilo que produzem na terra. São colonos e produzem grande parte do que

consomem. Em geral são proprietários de suas terras, que recebem como herança, muitas vezes comprando parte delas de outros herdeiros, para não fragmentá-las mais (BUDÓ, 2008, p. 29).

Analisando o quadro síntese (Quadro 4) pode-se concluir que a emancipação dos municípios não seguiu a mesma ordem da colonização. O primeiro a ser colonizado foi Silveira Martins (1877), no entanto, primeiramente emancipou-se Faxinal do Soturno (1959), seguido de Nova Palma (1960) e Dona Francisca (1965) para só, a partir destes, emancipar-se Silveira Martins (1987).

Quanto ao território (Km²), percebe-se que Pinhal Grande possui a maior área (477,1), seguido de Nova Palma (313,5), Faxinal do Soturno (169,9), Ivorá (122,9), Silveira Martins (118,3), Dona Francisca (114,3) e ultimamente São João do Polêsine (85,6).

Com relação à densidade demográfica (hab/Km²) dos municípios pertencentes a Quarta Colônia de Imigração Italiana, esta é maior em Faxinal do Soturno (40,8), seguido de Dona Francisca (35,5). A menor densidade demográfica encontra-se em Pinhal Grande (10,3), sendo os demais municípios intermediários.

Já, com relação a taxa de analfabetismo (%) os dados são preocupantes, pois em Dona Francisca é de (11,16), seguido de Pinhal Grande (9,37). O menor dado se encontra em Nova Palma, com apenas (5,86).

Pinhal Grande e Nova Palma possuem a maior expectativa da vida (anos) do recorte espacial, sendo (73,16). Porém, em Dona Francisca este índice é de apenas (69,0), sendo o mais baixo da referida área. Analisando, a renda per capita (R\$), o destaque é para Pinhal Grande (14.107,00). Em contraposição, o município com menor valor neste índice é Silveira Martins (7.943,00).

A indústria tem destaque apenas no município de Nova Palma, onde se apresenta a de móveis, alimentos e mineração. Já com relação ao setor comercial de todo o recorte espacial Cassol Junior (2008, p. 22) esclarece que “O setor comercial é quase que totalmente composto de pequenas empresas, atendendo o mercado local”.

O acesso a estes municípios se dá por rodovias e estradas. Neste contexto, cita-se novamente Cassol Junior (2008) o qual destaca que “Os municípios que abrangem a região do entorno de Santa Maria, na sua grande maioria, possuem um sistema de transportes baseado na via rodoviária, já que as vias férreas e aéreas só são disponíveis em Santa Maria”.

Destaca-se que na área de estudo encontram-se três usinas hidrelétricas. A hidrelétrica de Itaúba, pertencente ao município de Pinhal Grande, a de Dona Francisca, pertencente à Dona Francisca e Nova Palma e a Usina Hidrelétrica de Nova Palma (UHENPAL) pertencente a Nova Palma. No entanto, quanto ao fornecimento de energia Cassol Junior (2008, p. 26) aborda que “Quanto ao fornecimento de energia elétrica é realizado por duas fontes: a AES Sul – distribuidora de Energia S. A., antiga CEEE, complementada pela UHENPAL – Usina Hidroelétrica Nova Palma Ltda, com sede no município de Faxinal do Soturno e usina em Nova Palma”.

Assim, destacou-se elementos que caracterizam histórica, social e economicamente a Quarta Colônia de Imigração Italiana. Desta forma, enfatiza-se que estes imigrantes aliaram os aspectos físicos deste recorte espacial à sua ação humana e passaram a transformar este espaço, visando o desenvolvimento e progresso, registrando, desta forma, suas marcas culturais nesta colônia de imigração.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo disserta-se sobre a metodologia utilizada para a realização deste trabalho de pesquisa. Assim, inicialmente apresenta-se o método investigativo e, a seguir, as etapas percorridas para a obtenção dos resultados.

3.1 O método

Para a realização desta pesquisa foi adotado como método a fenomenologia. Torna-se complexo trabalhar com este método, no entanto, o mesmo é considerado o mais adequado cientificamente para atender a proposta de estudo sobre a questão cultural, mais especificamente o código religião. Desta forma, com base na fenomenologia, buscou-se analisar a religião enquanto um fenômeno que se constitui em um código cultural materializado na área de estudo e na vida de seus habitantes. Para isso, partiu-se de observações, entrevistas, convivência, percepção, conversas informais, aplicação de questionários qualitativos e das experiências de fé dos habitantes deste recorte espacial.

Para desenvolver esta dissertação baseada na fenomenologia, inicialmente fizeram-se inúmeras leituras, referente ao método proposto, a fim de entendê-lo e, posteriormente, estruturar os caminhos investigativos da pesquisa. Assim, analisou-se a origem, o significado, a maneira de se desenvolver uma pesquisa fenomenológica e como analisar o fenômeno religião, entre outros aspectos.

De acordo com Bello (2006) a fenomenologia é uma escola filosófica fundada por Edmund Husserl, na Alemanha, em fins do século 19 e na primeira metade do século 20. A palavra fenomenologia deriva do grego, onde *fenômeno* significa aquilo que se mostra. Como exemplo, na linguagem religiosa, utilizou o termo epifania para falar de algo que se manifesta que se mostra. Já o termo *logia*, deriva da palavra logos que significa pensamento. Neste contexto, a fenomenologia busca explicar os acontecimentos que se mostram e como se mostram a nós, buscando o significado, ou seja, o sentido daquilo que se mostra que tanto pode ser físico como abstrato.

Fenomenologia é a descrição de todos os fenômenos ou essências que aparecem à consciência e que são constituídas pela própria consciência, isto é, são as significações de todas as realidades, sejam estas, naturais, materiais, ideais ou culturais (SUERTEGARAY, 2005, p. 30).

Nesta linha de raciocínio Bello (2004, p. 258) adverte que “As religiões são fenômenos porque se manifestam em nós. Como fenômeno, a religião expressa a subjetividade humana”. Tal citação ratifica a escolha do método citado através da fenomenologia.

Guimarães (2000, p. 335) enfatiza que a fenomenologia é o método mais adequado para o estudo da religião e aborda que se deve considerar também o aspecto histórico, pois “[...] todo fenômeno religioso é sempre um fenômeno histórico e não existe fenômeno religioso em estado puro. Por conseguinte, o fenômeno religioso integra o âmbito das realidades do espírito de que se ocupam as ciências humanas”.

O objeto religioso não vem dissociado da questão de sua significação, e para se ter acesso à essência e à significação dos fenômenos religiosos é necessário que sejam considerados na sua totalidade. Trata-los apenas fragmentariamente é impossibilitar de conhecer aquilo que são e revelam. O recurso à fenomenologia visa atender a essa exigência (GUIMARÃES, 2000, p. 341).

A religião vista por meio da fenomenologia é abordada através da relação entre o fiel e a divindade. Este fato chega também a ser coletivo, onde um grupo de pessoas pratica a mesma religião. Assim, a relação com a divindade, que se manifesta nas diferentes religiões, tem reflexos, também na interpretação do ser humano (BELLO, 2004).

É importante enfatizar que a fenomenologia considera o espaço vivido, juntamente com a dimensão natural, social e cultural. Para Triviños (1990, p. 43) “A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, tornam a definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo”.

Neste contexto, ressalta-se Suertegaray (2005) quando a autora destaca a fenomenologia enquanto método e algumas de suas formas de analisar o objeto de estudo.

Pode-se dizer que o método fenomenológico consiste em descrever o fenômeno, aquilo que se apresenta imediatamente. Propõe-se a descrever os fenômenos da experiência. Esta descrição implica em procurar captar o sentido e significado dado pelos atores, agentes, grupos envolvidos, ao vivido. Exige, também, o reconhecimento da variabilidade e da complexidade do fenômeno que está sendo descrito. Para trabalhar nesta perspectiva, utiliza-se uma variabilidade de fontes e instrumentos técnicos, entre elas as entrevistas qualitativas, as histórias de vida. (SUERTEGARAY, 2005, p. 30).

Assim, para se estudar a Geografia da Religião com base na fenomenologia, deve-se considerar a percepção e as experiências vividas. Nesta pesquisa valorizou-se a percepção religiosa, através de entrevistas qualitativas e conversas informais, no recorte espacial em estudo, no qual se pode observar, por exemplo, a importância e o significado dos símbolos religiosos para seus habitantes. Paralelamente, levaram-se em consideração as experiências pessoais, ou seja, a vivência da fé, as promessas, o motivo das construções sacras, o ambiente sagrado, a história de cada símbolo religioso, entre outros aspectos que revelam a presença constante do fenômeno religioso.

Também, considerou-se a relação entre a percepção do fenômeno religioso e o vínculo ao local, ou aversão a este. Tuan (1983, p. 168), a este respeito aborda “A religião tanto pode vincular uma pessoa ao lugar como libertá-la dele”.

Este método preconiza que após a observação e a convivência com o fenômeno religioso, parte-se para a descrição. Rezende (1990, p. 19) ressalta que fazer fenomenologia “[...] é descrever, é dizer o que há, o que existe, o que acontece, o que se dá a conhecer”.

Além da necessidade do discurso para nos referirmos ao fenômeno, a fenomenologia nos prescreve a atitude descritiva como sendo realmente a que corresponde à densidade semântica do fenômeno experimentado. [...] Neste sentido, uma verdadeira descrição, supondo a consciência perceptiva, só pode ser feita por alguém que seja sujeito de seu próprio discurso e entre em contato com um mundo complexo tanto em sua constituição como em sua história. Didaticamente falando, podemos enumerar as seguintes características do discurso fenomenológico descritivo: deve ser significante, pertinente, relevante, referente, provocante, suficiente (REZENDE, 1990, p. 18).

Martins (1984) apresenta a tarefa do pesquisador na análise do fenômeno estudado. Neste sentido, destaca que

[...] a fenomenologia dirige-se para a experiência, emprega necessariamente uma forma de reflexão e esta reflexão deve incluir a possibilidade de observar as coisas como elas se manifestam na sua pureza original, e deixar-se guiar exclusivamente por elas. A sua tarefa será apenas descrever com sinceridade aquilo que, a luz desta evidência, se depara. Apresenta-se assim, o descritivo como um complemento necessário da atitude de evidenciação (MARTINS, 1984, p. 79).

Complementando a idéia da pesquisa fenomenológica Martins (1984, p. 79) aborda “Uma análise fenomenológica (ou descrição, como é tecnicamente chamada) é mais do que uma simples análise. É uma investigação daquilo que é genuinamente possível de ser descoberto e que está potencialmente presente, mas nem sempre visto”.

Desta forma, no primeiro momento, procurou-se descrever e explicar o fenômeno religião na Quarta Colônia de Imigração Italiana a partir das observações *in loco*, convivência, percepção, conversas informais e análise de questionários aplicados, destacando a materialização deste fenômeno na vida das pessoas.

Na segunda fase enfatizou-se o fenômeno materializado na área de estudo, destacando os símbolos religiosos, sua importância e significado. Salienta-se que, nesta dissertação se privilegia alguns símbolos para explicar o todo, pois devido à grande quantidade dos mesmos, era impossível descrever e explicar todos.

Como produto final apresenta-se o folder “Guia Turístico da Religião”. O mesmo se justifica, uma vez que, a partir desta análise fenomenológica é necessário divulgar este fenômeno, o qual faz parte do cotidiano dos habitantes deste recorte espacial. Destaca-se que o mapeamento de alguns símbolos religiosos se fez de forma complementar, enriquecendo, desta forma, o folder.

Neste contexto, o método fenomenológico é o alicerce desta pesquisa, demonstrando os caminhos a serem seguidos. Partiu-se, assim, da percepção religiosa, observando o número expressivo de igrejas, capitéis e símbolos sacros em geral, além da devoção e fé demonstrada pelas pessoas presentes no recorte espacial estudado, os quais expressam o código cultural religião que se constituiu no fenômeno estudado.

3.2 Procedimentos Técnicos

A primeira etapa da pesquisa esteve ligada ao aprofundamento teórico, referente à temática estudada, através de leituras e pesquisa bibliográfica, com o intuito de alicerçar o desenvolvimento teórico da investigação. Deste modo, buscou-se definir conceitos norteadores a serem trabalhados, os quais permitiram delinear a matriz teórica, o entendimento necessário para se estruturar e desenvolver o trabalho de campo, ou seja, a prática da pesquisa, essencial para o entendimento do código religião.

Dentre os conceitos chaves que fazem parte do referencial teórico enfatiza-se o de *Cultura*. Assim, optou-se por resgatar trabalhos de Geógrafos, Antropólogos e Sociólogos, no sentido de entender essa temática não apenas pelo viés geográfico, uma vez que, o mesmo perpassa suas fronteiras, necessitando da interdisciplinaridade para entendê-lo. Posteriormente, enfatizou-se o desenvolvimento da *Geografia Cultural* relacionada às escolas geográficas. Concomitantemente, buscou-se compreender o conceito de *Código Cultural*, *Identidade Cultural* e *Paisagem Cultural* para, a partir destes, aprofundar o conceito e o entendimento da *Religião* - a qual se constitui no conceito principal. A partir do mesmo, se desenvolveu os conceitos de *Espaço Sagrado*, *Espaço Profano* e *Fé*, destacando o significado de alguns *símbolos religiosos*, possíveis de serem encontrados e materializados na área de estudo.

A segunda etapa do trabalho consistiu-se em um primeiro contato com as Prefeituras de cada município. Neste sentido, realizaram-se entrevistas baseadas em um questionário, o qual estava direcionado ao Departamento de Cultura e Turismo das Prefeituras Municipais e aos padres das paróquias destas comunidades. Buscaram-se, também subsídios sobre o número aproximado de símbolos religiosos presentes em cada município como: igrejas, capitéis, grutas, festas e demais eventos religiosos significativos. Paralelamente, se verificou o interesse dos municípios pelo trabalho, averiguando a disponibilidade de acesso as comunidades. Também, nessa etapa, se coletaram informações preliminares para a estruturação e desenvolvimento da pesquisa (Anexo A).

Posteriormente, fez-se o resgate histórico de cada município buscando dados que apresentassem a organização espacial dos mesmos, com o objetivo de

caracterizar o recorte espacial em análise. Nesta etapa, contaram-se com o auxílio de livros, periódicos, sites, teses, dissertações, de informações disponibilizadas no Centro de Pesquisas Genealógicas em Nova Palma e de entrevistas a população local, entre outras.

A fase seguinte foi o trabalho de campo. Para a realização do mesmo, partiu-se para os municípios que integram o recorte espacial em estudo com o objetivo de observar, *in loco*, conviver e “experienciar” o fenômeno estudado. Paralelamente, realizou-se o mapeamento dos capitéis, igrejas e monumentos religiosos significativos. Também foram capturadas fotografias, as quais estão presentes no trabalho e no Guia Turístico da Religião.

Destaca-se que inicialmente, pretendia-se mapear todos os símbolos religiosos encontrados na área de estudo e percorrer todo o recorte espacial. Desta forma, começou-se pelo município de Pinhal Grande e defrontou-se com dificuldades no que diz respeito ao acesso as comunidades do interior do município e, principalmente, ao grande número de símbolos sacros além da localização ser de difícil acesso. Frente a essas dificuldades reorganizou-se a forma de coleta das informações. Neste sentido, optou-se por uma amostragem aleatória mapeando-se 10% dos símbolos religiosos em cada município.

Para a realização do processo de amostragem fez-se uma tabela estabelecendo o número mínimo de cada símbolo a ser mapeado em cada município, podendo este ser superior, mas nunca inferior a amostragem proposta (Tabela 2).

Desta forma, se visitou os municípios e algumas de suas comunidades, vivenciando e observando a religiosidade deste povo e mapeando com GPS alguns dos símbolos sacros encontrados (igrejas, capitéis, grutas, entre outros³ símbolos fixos). Paralelamente, os mesmos foram fotografados⁴, para ilustrar a religiosidade do recorte espacial e subsidiar o Guia Turístico da Religião.

Concomitantemente, entrevistaram-se algumas pessoas aleatoriamente nos referidos municípios e comunidades. O questionário foi composto por 12 questões subjetivas. Este foi aplicado a 0,5% da população de cada município, sendo 0,25%

³ Em alguns municípios existem outros símbolos considerados importantes para a população. Como exemplo cita-se as ermidas localizadas no município de São João do Polêsine e a Cruz Luminosa em Ivorá.

⁴ Existem também os símbolos denominados de não fixos como, por exemplo, o terço, as imagens sacras no interior das casas, os grupos de oração, entre outros. Estes também foram fotografados, pois, fazem parte da identidade cultural deste povo. No entanto, não foram mapeados.

dos questionários aplicados aos jovens, considerados para esta pesquisa pessoas entre 12 e 18 anos e 0,25% a adultos considerados os maiores de 18 anos. O número de questionários aplicados, em cada município, se fez suficiente, uma vez que, as respostas seguiam uma mesma linha de pensamento, ou seja, começaram a se repetir (Anexo B).

Tabela 2 - Número mínimo de símbolos a serem mapeados

Município	Número mínimo de igrejas a serem mapeadas	Número mínimo de capitéis a serem mapeados	Número mínimo de grutas a serem mapeadas	Outros símbolos
Faxinal do Soturno	2	1	1	-
Nova Palma	3	4	1	-
Dona Francisca	1	1	1	-
Silveira Martins	2	1	1	-
Ivorá	2	3	1	1
Pinhal Grande	2	1	1	-
São João do Polêsine	2	1	1	1

Fonte: Trabalho de campo, 2008.

Org: Piccin, E., 2009.

Para orientar o trabalho de campo, destacou-se o número mínimo de pessoas que deveriam ser entrevistadas, de forma aleatória, em cada município. Levou-se em consideração moradores urbanos e rurais, a fim de fornecer a pesquisa maior

cientificidade e credibilidade. Deste modo, totalizaram-se 150 questionários respondidos⁵, além de conversas informais⁶ (Tabela 3).

Tabela 3 - Número mínimo de pessoas a serem entrevistadas nos municípios que compõem o recorte espacial em estudo

Município	Número de habitantes	Número mínimo de habitantes jovens a serem entrevistados	Número mínimo de habitantes adultos a serem entrevistados
Faxinal do Soturno	6,940	17	18
Nova Palma	6,310	16	16
Dona Francisca	4,049	10	10
Silveira Martins	2,332	6	6
Ivorá	2,322	6	6
Pinhal Grande	4,899	12	12
São João do Polêsine	2,927	7	8

Fonte: FEE – Fundação de Economia e Estatística/população, 2006.
Org: Piccin, E, 2008.

As entrevistas tinham por finalidade conhecer a vivência religiosa das pessoas, entender a importância da religião para as mesmas e como esta é transmitida na família, ou seja, compreender a religião por meio da fenomenologia, destacando questões pertinentes ao código cultural religião na vivência diária dos habitantes da Quarta Colônia de Imigração Italiana.

⁵ Preferiu-se que os próprios entrevistados completassem o questionário. Os jovens não tiveram problemas e até preferiam que eu não lesse as respostas naquele momento. No entanto, alguns adultos pediram para que eu completasse o questionário de acordo com o que eles falavam.

⁶ As conversas informais foram realizadas com os próprios entrevistados e permitiram esclarecer dúvidas referentes à vivência religiosa.

Realizado o trabalho de campo, partiu-se para a compilação e análise dos resultados. Para isso, analisaram-se cada questionário⁷, levando em consideração, também as conversas informais, as informações extras, as observações *in loco*, convívio e o conhecimento empírico da área.

Para a análise dos questionários, inicialmente interpretou-se os mesmos, individualmente, buscando agrupá-los de acordo com a semelhança de respostas. Posteriormente, para uma interpretação mais aprofundada, partiu-se para a análise individual de cada questão. Com o objetivo de enriquecer o trabalho, citam-se algumas das respostas e as considerações expressas pelos entrevistados. Destaca-se que as mesmas foram escolhidas aleatoriamente como forma de melhor representar o total de respostas fornecidas. Deste modo, optou-se por identificar as pessoas por letras, para preservar sua identidade. Assim, a maioria das questões apresenta respostas de indivíduos nomeados pelas letras A, B, C e, assim, sucessivamente.

Como forma de melhor estruturar o capítulo dos resultados, optou-se por dividi-lo em três sub-capítulos. Esta divisão procurou atender aos objetivos propostos por esta pesquisa. Neste sentido, primeiramente disserta-se sobre a compreensão do código cultural religião na vida diária dos habitantes da Quarta Colônia de Imigração Italiana. Para isso, utilizou-se da análise das observações, vivência a campo, das conversas informais com a população local, dos questionários, das entrevistas realizadas com a população, de forma aleatória, e as realizadas com os padres e chefes de Departamento de Cultura e Turismo das respectivas unidades territoriais que compõe a área de estudo.

No segundo sub-capítulo dos resultados aborda-se a religião católica materializada nos símbolos religiosos. Descreve-se e explica-se o significado dos símbolos religiosos, sua importância na vida desta população, apontando alguns dos principais símbolos sacros encontrados no trabalho de campo. Foram fundamentais, as observações *in loco*, as conversas informais, as entrevistas e os questionários aplicados, pois os mesmos subsidiaram todas as informações que compõem este sub-capítulo.

⁷ Para a análise dos questionários contou-se com o apoio de uma doutoranda em estatística, a qual auxiliou na organização dos dados, uma vez que as informações qualitativas eram muito subjetivas e complexas para agrupá-las.

No terceiro sub-capítulo dos resultados intitulado “A religiosidade católica da Quarta Colônia de Imigração Italiana espacializada no Guia Turístico da Religião”, procura-se responder ao terceiro objetivo. Neste sentido, primeiramente, com base nas coordenadas geográficas de alguns símbolos religiosos, capturadas a campo com GPS, elaborou-se o mapa de cada município com seus referidos símbolos sacros georeferenciados e, após confeccionou-se o mapa do recorte espacial como um todo. Para isso, utilizou-se do Software Spring versão 4.3. Destaca-se que cada mapa teve sua arte final elaborada no Corel Draw 12.0.

Para a confecção dos mapas de cada município e do recorte espacial como um todo, contou-se com a ajuda de pessoas com conhecimento destes softwares. Deste modo, inicialmente fez-se a digitalização das cartas topográficas que abrangem a referida área de estudo na escala 1:50.000. A seguir, procedeu-se o georeferenciamento no Software Spring versão 4.3, onde foram importados no formato MNT, os pontos do GPS com a localização dos símbolos religiosos coletados a campo. Posteriormente, foram digitalizadas as principais rodovias pavimentadas e não-pavimentadas do referido recorte espacial.

Após estas etapas, os cartogramas, até então elaborados, foram exportados para o aplicativo Scarta, onde foram colocados os elementos cartográficos (escala gráfica e numérica, coordenadas geográficas, o norte, entre outros elementos cartográficos). Posteriormente, a carta elaborada foi exportada no formato postscript e importada no aplicativo Corel Draw versão 12.0, no qual, realizou-se a edição final dos cartogramas. Enfatiza-se que por não existir uma simbologia (convenções cartográficas) que representasse de forma adequada os símbolos religiosos, estes foram definidos pelos elaboradores no aplicativo Corel Draw versão 12.0.

Finalizada a elaboração dos mapas e respondido os objetivos da pesquisa, partiu-se para a elaboração do Guia Turístico da Religião o qual se constitui em um folder. Este foi elaborado no Corel Draw 12, no qual se organizou os mapas, as fotografias capturadas a campo e um pequeno texto sobre cada símbolo religioso mapeado. Salienta-se que as informações referentes a cada símbolo sacro foi obtido em trabalho de campo, através de conversas informais juntamente aos padres e a população local selecionada.

A elaboração do folder teve como preocupação fundamental fornecer subsídios para que seja incentivado, na área em estudo, o turismo religioso. Este ficará disponível no Departamento de Cultura e Turismo das Prefeituras Municipais, nas

igrejas paroquiais e nas principais escolas. Neste contexto, busca-se, incentivar o turismo religioso na Quarta Colônia de Imigração Italiana, frente a um dos códigos culturais mais expressivos da imigração italiana, ou seja, a religião católica.

4 A RELIGIÃO MATERIALIZADA NA QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA

Este capítulo discute os resultados da pesquisa. Desse modo, o mesmo está estruturado em três sub-capítulos como forma de melhor responder aos objetivos propostos por esta dissertação. Inicialmente disserta-se sobre a religião compreendida com base na fenomenologia, onde se busca descrever a religião na vida diária dos habitantes deste recorte espacial. Posteriormente, aborda-se sobre os símbolos religiosos materializados na área de estudo e por último apresenta-se o Guia Turístico da Religião, o qual ilustra a materialização da religião católica na Quarta Colônia de Imigração Italiana.

4.1 A compreensão do código cultural Religião na vida dos habitantes da Quarta Colônia de Imigração Italiana

Na Quarta Colônia de Imigração Italiana, a religião, mais especificamente a católica, configura-se em um fenômeno presente e perceptível. Esta expressa a cultura de um povo que, ao se inserir neste espaço, passou a transmitir e materializar seus códigos culturais⁸, dos quais, a religiosidade é considerada o mais expressivo.

Os imigrantes italianos deixaram um belo exemplo de perseverança baseado na religião, uma vez que a maioria das famílias eram e são católicas. Os ensinamentos cristãos são considerados alicerces da tradição familiar, representado principalmente na oração do terço diário. O pensamento do imigrante estava sempre voltado para o mundo religioso. Buscava na mesma subsídios para ter saúde, livrar-se dos perigos, ter uma boa safra. Através dessa perseverança e fé, encontravam o conforto espiritual de que necessitavam.

⁸ Reveja os conceitos de código cultural na página 26.

A fé trazida pelos imigrantes italianos, no início da colonização, se mantém até os dias atuais. Este legado cultural foi sendo transmitido às gerações, fazendo com que, se preservasse os costumes praticados na Itália. Isso fez com que a Quarta Colônia de Imigração Italiana tenha se tornado um espaço diferenciado pela significativa presença de descendentes de imigrantes italianos, os quais impregnaram na paisagem as características mais marcantes de sua cultura.

Deste modo, abordar sobre a temática religião católica torna-se complexo, uma vez que, a mesma faz parte da identidade cultural⁹ deste povo, identificando esta população pela fé e caracterizando este recorte espacial via materialização de construções e símbolos sacros.

Mediante das matrizes teóricas revisitadas e do trabalho “in loco” entende-se a cultura como um conjunto de aspectos materiais e imateriais, identificados através dos códigos culturais, que permeiam um determinado grupo social, que partilha as mesmas crenças e valores.

Neste contexto, a religião católica está presente na paisagem da Quarta Colônia de Imigração Italiana como código cultural material e imaterial. Como código material, é expressa, principalmente, por meio das construções sacras e símbolos religiosos, os quais tornam este espaço diferenciado. Como forma imaterial é perceptível via fé e devoção destes habitantes. No entanto, destaca-se que, na maioria das vezes, é a partir do aspecto imaterial que se consolida o material, ou seja, a partir da fé, das promessas, entre outras manifestações religiosas é que tem-se a materialização da religião, expressa por meio dos símbolos religiosos, via construção das igrejas, capitéis, grutas, entre outros.

Em alguns casos, percebe-se que, ocorre a “imposição da religião”, ou seja, o aspecto material se faz presente, mas ainda não se acredita, não se possui o aspecto imaterial. Um exemplo, deste fato, é o que ocorre, atualmente, com alguns jovens que vêem a religião como uma imposição dos pais. Outro, é o da própria igreja, enquanto instituição, diante da população, a qual se impõe através do número significativo de igrejas, da obrigatoriedade dos sacramentos, do pagamento do dízimo, entre outros.

⁹ Ver Identidade Cultural na página 28.

Deve-se ressaltar, que a religiosidade, tanto compreendida como código material quanto imaterial, está presente no cotidiano desta população, que, a partir da sua grande devoção e espiritualidade, transforma o espaço em espaço sagrado.

Por fazer parte da identidade cultural, a religião, é percebida e contemplada por todos os que a este recorte espacial se dirigem, pois nele, encontramos materializado a presença radiante do sagrado, em meio, a tantos outros, espaços profanos¹⁰.

Pode-se dizer então que o sagrado e o profano estão presentes em todos os lugares da área em estudo. Se encontram e se ressaltam, configurando um espaço distinto. A construção destes espaços acentua-se constantemente, fazendo com que a religião católica se torne, cada vez mais visível e presente na paisagem. A mesma orienta a vida destes habitantes, sendo transmitida ou imposta as gerações futuras e contribuindo para a configuração da paisagem cultural¹¹.

Destaca-se, que a religião católica foi e ainda é fundamental na vida dos imigrantes italianos. Por meio desta, os mesmos tinham incentivo e força para enfrentar as dificuldades, juntamente com o apoio dos padres que atuavam como conselheiros e também como psicólogos. Por meio das confissões, os padres ouviam os desabafos e problemas enfrentados por estes imigrantes, ajudando-os e fazendo com que eles se sentissem amparados. Atualmente, a figura do padre ainda é importante e respeitada. Tal influência pode ser observada, pois basta surgir um problema, em um dos municípios deste recorte espacial, que imediatamente um grupo de pessoas vai a procura do páraço para lhe contar o problema, ouvi-lo e buscar uma solução cabível.

As crenças dos italianos sempre estiveram associadas à religiosidade e se materializavam através de rituais e consagrações realizadas pelo padre. As bênçãos, as caminhadas e as procissões em homenagem a determinado santo ainda fazem parte do cotidiano de seus descendentes. Pode-se dizer que o padre exerce influência e autoridade sobre o grupo, pois é considerado elemento de ordem, moralidade e estabilidade da população deste recorte espacial.

Neste contexto, a igreja católica desempenha um papel importante na vida destas famílias. A figura do padre é expressiva sendo o mesmo referencia e conhecedor da maioria dos fiéis e os mantém ligados à religiosidade realizando visita

¹⁰ Ver conceituações de espaço sagrado e espaço profano nas páginas 46 a 53.

¹¹ Ver Paisagem Cultural na pagina 30.

as casas. Destaca-se que a visita do padre é uma honra para a família, a qual prepara um ambiente especial da casa para recepciona-lo, ou então, através de almoços ou jantas mais sofisticadas.

Para as famílias pertencentes a área de estudo desta dissertação ter um filho padre ou uma filha freira é um orgulho para os pais. Tal fato foi evidenciado na realização das entrevistas. Percebeu-se a satisfação de algumas famílias ao enfatizarem que possuem parentes ligados diretamente à vida religiosa.

Deste modo, pode-se dizer que a religião católica, enquanto instituição, ainda influência na vida destes habitantes. O indivíduo crente materializa no espaço e em seus atos cotidianos, os ensinamentos religiosos apreendidos, configurando um ambiente diferenciado, ou seja, um ambiente sagrado. A maneira carinhosa com que muitos se referem à religião e o cuidado em conservar os símbolos religiosos comprovam a importância da religião católica, enquanto código cultural consolidado na área em estudo.

Pode-se dizer que a religião católica é predominante no recorte espacial estudado. Muitas outras religiões estão se inserindo nestes municípios. No entanto, o fator cultural impõe resistência não permitindo ou dificultando esta mudança. As pessoas, principalmente os descendentes de italianos, mantêm um vínculo muito significativo com a religiosidade católica. O que se pode perceber é que as demais religiões têm como adeptos pessoas oriundas de outros municípios, os quais se deslocaram, há pouco tempo, para os municípios da Quarta Colônia de Imigração Italiana, principalmente em função de emprego ou de melhor qualidade de vida e trouxeram consigo, a sua religião.

A tabela 4 demonstra que a religião católica ainda é predominante em todos os municípios deste recorte espacial. Tal fato comprova, mais uma vez, a expressividade desta religião na vida dos descendentes de italianos, os quais constituem a quase totalidade dos habitantes da Quarta Colônia de Imigração Italiana (Tabela 4).

São João do Polêsine é considerado o município com maior porcentagem de habitantes católicos, correspondendo a 99,22% de sua população. Ivorá apresenta 98,05%. O município com menor porcentagem de católicos é Dona Francisca com 87,48%, destacando que, é neste município, que se tem grande influência de outras religiões 11,54%, dentre elas, a igreja Evangélica.

Tabela 4– Porcentagem de Católicos Apostólicos Romanos na Quarta Colônia de Imigração italiana/RS.

Municípios	Faxinal do Soturno	Nova Palma	Dona Francisca	Silveira Martins	Pinhal Grande	São João do Polêsine	Ivorá
Religião							
Católica Apostólica Romana (%)	92,24	93,68	87,48	92,48	96,32	99,22	98,05
Outras Religiões (%)	6,54	5,88	11,54	3,22	3,68	0,53	1,8
Sem religião (%)	0,41	0,31	0,98	4,30	-	0,25	0,15
Sem declaração (%)	0,81	0,13	-	-	-	-	-

Fonte: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/SIDRA - 2000
Org: PICCIN, E.; 2008

Pode-se inferir que a religião católica está associada à descendência européia, principalmente italiana. O que ocorre em Dona Francisca é que além dos descendentes de italianos encontra-se grande contingente de descendentes de alemães, o que explica a forte influência da religião evangélica.

Com relação ao município de Dona Francisca Brum Neto (2008) destaca que a religiosidade dos imigrantes alemães está relacionada à confissão católica e luterana, sendo que os imigrantes que vieram do norte da Alemanha eram, em sua grande maioria luterana, já no sul predominava os católicos. Assim, segundo a autora, no Rio Grande do Sul, a instalação dos imigrantes, também seguiu a confissão, pois formaram-se grupos mais ou menos homogêneos, de acordo com a religião a que pertenciam. A igreja, seja católica ou luterana, sempre exerceu influência no cotidiano dos primeiros habitantes das colônias e também, de seus descendentes. Cada pequena vila centrava-se em uma capela.

No entanto, uma dificuldade encontrada no desenvolvimento da pesquisa foi verificar a porcentagem de descendentes de italianos presente em cada município do recorte espacial em estudo. A única variável utilizada pelo IBGE é a de cor e raça, porém, sabe-se que abordar estas variáveis, atualmente, é bastante complexo.

De acordo com os dados do IBGE (2000) a grande maioria da população, de todos os municípios, deste recorte espacial, consideraram-se branca. O que, de uma certa forma, caracteriza os descendentes europeus, mesmo sabendo, empiricamente, que os descendentes de italianos são, ainda, a grande maioria da população deste recorte espacial.

Os descendentes de italianos são considerados um povo muito religioso e, tal afirmação pode ser constatada na organização do espaço por essa etnia. Os municípios que integram a Quarta Colônia de Imigração Italiana são classificados como de baixa densidade demográfica e seguem um padrão de organização urbana, pois, todos tem no centro uma praça na qual se localiza a igreja, como ponto centralizador da paisagem e foco de coesão social, uma vez que ir na missa ainda se constitui uma tradição nesses municípios.

Desta forma, percebe-se o papel fundamental exercido pela igreja. Ela representa a coesão social, pois é nesta estrutura que se realiza as missas, as confissões, os batizados, casamentos, funerais, catequeses, reuniões, entre outros.

Tendo como base os subsídios das entrevistas, destaca-se que as informações variaram significativamente de acordo com a faixa etária. Neste sentido, agrupou-se as respostas semelhantes, uma vez que, por serem de cunho pessoal, obteve-se inúmeras respostas distintas, na forma escrita, mas que, em essência tem o mesmo significado.

Desta forma, procurando enfatizar o trabalho de campo através das entrevistas e informações orais, resgata-se as perguntas que direcionam a busca das informações para este trabalho.

No que diz respeito à primeira pergunta a qual indagava “*Você se considera uma pessoa religiosa?*” Pode-se concluir que nos sete municípios nenhum adulto respondeu “não”. Em contraposição 3 jovens em Faxinal do Soturno, 2 em Pinhal Grande e 1 em São João do Polêsine deram esta resposta (Tabela 5).

Tabela 5 – Você se considera uma pessoa religiosa?

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO	SIM	NÃO	MEIO TERMO
Faxinal do Soturno	Jovens	12	3	2
	Adultos	17	-	1
Nova Palma	Jovens	11	-	5
	Adultos	15	-	1
Dona Francisca	Jovens	8	-	2
	Adultos	8	-	2
Silveira Martins	Jovens	5	-	1
	Adultos	6	-	-
Pinhal Grande	Jovens	7	2	3
	Adultos	10	-	2
São João do Polêsine	Jovens	5	1	1
	Adultos	8	-	-
Ivorá	Jovens	5	-	1
	Adultos	6	-	-

Fonte: Entrevistas a população local, 2008.

Org: PICCIN, E.; 2008.

Salienta-se que a grande maioria da população de jovens e adultos se consideram pessoas religiosas e fazem questão de demonstrar tal fato com bastante convicção. Outros, responderam o meio termo, ou seja, nem sim, nem não. Por exemplo: “tenho minhas dúvidas”, “não muito”, e assim por diante. No entanto, destaca-se que a maioria das respostas consideradas “em parte” referem-se a população jovem.

Quando se questionou o “Por quê?” em se considerar uma pessoa religiosa ou não, pode-se destacar algumas respostas¹², dos que responderam sim. O indivíduo A de 42 anos salientou que *“porque creio em Deus e nos santos, freqüento as missas e a comunidade. Quando preciso de apoio acho em Deus meu porto*

¹² Em algumas questões considerou-se importante descrever algumas das respostas fornecidas pelos indivíduos entrevistados. Estas foram escolhidas aleatoriamente como forma de melhor representar o total de respostas fornecidas.

seguro". Já o entrevistado B, de 16 anos, ressaltou "*pois meus avós e pais são muito religiosos e assim eu me sinto também, pois rezo, vou a missa, etc*".

Quanto aos jovens que responderam não, destaca-se C de 15 anos, quando o mesmo enfatiza "*Não frequento a igreja, não rezo nunca, só vou na igreja quando é casamento, porque tem festa depois e porque geralmente sou obrigado pelos meus pais*". Neste contexto, o entrevistado D de 16 anos destaca "*porque para mim quando participo de missas, rezas, a minha vida não muda*". Com relação aos que responderam "em parte" destaca-se o indivíduo E de 35 anos "*Pois, tenho minhas dúvidas em relação à religião*" e F de 15 "*pois não gosto de ir na missa, mas rezo quando sinto necessidade*".

É importante destacar que durante as entrevistas percebeu-se que os adultos, em sua grande maioria, ainda praticam a religião católica, ou dizem acreditar na mesma. Por outro lado, os jovens acreditam nela porque foram ensinados assim, ou seja, este código cultural, a religião, é transmitida na família. No entanto, para alguns jovens a religiosidade está em declínio, pois eles realmente não acreditam, ou estão em dúvidas quanto à sua religião. Deste modo, acabam sendo obrigados pelos pais a participar de missas, entre outros eventos religiosos, mas isso não significa muito para eles, pois não passa de algo exterior, imposto por costumes familiares e que quando adultos provavelmente poderão abandoná-la.

A segunda questão buscava saber dos entrevistados "Qual o significado da religião em sua vida?" Os jovens, em sua grande maioria, associam a religião com sua participação nas missas, da comunidade e principalmente, rezar. Cita-se por exemplo, o jovem A de 16 anos que destaca "*significa participar das missas, encontros, procissões, festas. Ter fé à Nossa Senhora, rezar todos os dias*". Já o B de 63 anos, diz "*significa algo muito importante, uma força a mais, uma proteção, é ter Deus sempre presente através dos sacramentos. Poder pedir perdão e também ajuda nos momentos difíceis*".

Enfatiza-se que a grande maioria da população questionada teve dificuldades para responder sobre o significado da religião. Alguns, nem responderam, pois alegaram que não sabiam como explicar em palavras.

Com relação à terceira questão "Sua família, seus pais e avós acreditam em uma religião? Que religião?" Ressalta-se que dos 150 questionários aplicados 142 pessoas responderam "*sim, católica*", sete responderam "*sim, evangélica*" e uma pessoa respondeu "*sim, meus avós são católicos, eu e meus pais somos da*

Assembléia de Deus". Tal fato demonstra, mais uma vez, a predominância da religião católica nos municípios pertencentes à Quarta Colônia de Imigração Italiana. É interessante ressaltar que, mesmo aqueles que responderam não acreditar, ou que ainda possuem dúvidas quanto a religião, nesta questão se consideram católicos.

A quarta pergunta questionava "Você acha que a educação dos filhos deve se dar a partir dos ensinamentos religiosos? Por quê?" A grande maioria dos entrevistados adultos concordam que sim, pois através dos ensinamentos religiosos ensina-se a respeitar a família e a ter uma vida digna, de boa conduta pessoal. Já cinco destes entrevistados alegaram que em algumas questões é preciso considerar o lado científico, as experiências dos pais e a realidade do mundo atual não prendendo-se apenas ao que diz a religião.

Quanto aos jovens as opiniões sobre esta questão divergem. Apenas 41 dos entrevistados afirmaram que sim, 4 que não e 29 responderam que depende, ou seja, que os pais devem ensinar o que é correto e bom para os filhos não importando se é, ou não, de acordo com os ensinamentos religiosos. Também, destacaram que os pais não podem obrigar os filhos a acreditar e participar de uma religião, mas devem ensinar e dar liberdade de escolha religiosa.

No que diz respeito a pergunta cinco "O que você sente ao participar de um ato religioso (missa, romaria, procissões, etc)?" As respostas foram diversificadas. No entanto, pode-se perceber que a grande maioria dos entrevistados se sente em paz consigo mesmo e com Deus. A jovem A de 19 anos concorda "*Sinto Deus perto de mim é como se eu tivesse sendo abençoada, dá uma paz muito grande*" e a entrevistada B, de 42 anos, ressaltou "*Eu me sinto bem, na presença de Deus e dos meus amigos*".

Ao se questionar "De que forma a religiosidade é transmitida na família?" Percebeu-se nesta sexta questão a diferenciação de como os jovens, enquanto filhos vêem esta ser transmitida e de como os adultos enquanto pais tentam passar aos filhos este código cultural. Assim, pode-se dizer que a grande maioria dos pais vê a religião como uma herança, da qual eles se sentem obrigados a transmitir aos filhos, pois é algo bom e necessário. Já alguns jovens acham que os pais forçam muito e praticamente obrigam a freqüentar a igreja, rezar o terço, conviver com o santuário dentro de casa, entre outras práticas.

No entanto, o que se pode perceber é que a religião é transmitida na família, ou pelo menos se tentar fazer isso. A entrevistada A de 49 anos destaca *“Desde quando meus filhos eram pequenos eu já ensinei as orações para eles da mesma forma que minha mãe me ensinou e eles rezavam junto com nós. Sempre participaram em tudo com a gente, foram batizados, fizeram primeira comunhão e um já fez até a crisma. Eu sempre tentei mostrar que a religião é importante, pois uma pessoa sem religião não tem valor nenhum”*. Já B, de 14 anos, aborda *“desde pequeno meus pais sempre me obrigaram a ir na igreja, sempre fui na catequese”*

Com relação à questão sete *“Qual a sua opinião em relação à igreja católica?”* Percebe-se que alguns dos entrevistados possuem uma certa indignação com relação a igreja católica enquanto instituição religiosa. Acham que é melhor acreditar do que não acreditar, mas muitos gostariam que ela fosse mais humana e que ocorressem algumas mudanças, pois principalmente para os jovens, a igreja precisa se adequar aos novos tempos. Deste modo, a adolescente A, de 17 anos, ressalta *“Faça o que eu digo, não faça o que eu faço. A igreja católica prega a humildade, a ajuda ao próximo, o amor e condena a avareza. Entretanto, se queremos que rezem uma missa quando algum ente nosso morre, devemos pagar. O próprio papa, usa um anel enorme todo de ouro. Acho isso injusto”*. Nesta linha de raciocínio, o entrevistado B de 32 anos, enfatiza *“Pode melhorar em alguns pontos e abrir as portas para a realidade em que vivemos”*. No entanto C, de 27 anos, comenta *“A gente tem que acreditar, acho que há muitas coisas a serem melhoradas, antigamente a igreja vendia indulgências, hoje é contra o uso de anticoncepcionais, porém é a base de uma família”*.

Outros concordam com as afirmações e proibições da igreja católica. A senhora D, de 61 anos, afirma *“Eu concordo e acredito na igreja católica, se não fosse ela não sei o que seria do mundo”*. No entanto, a grande maioria dos entrevistados concordam em alguns pontos e discordam em outros. O entrevistado E, de 27 anos, descreve *“Eu concordo em alguns pontos, pois é uma igreja séria e de conduta respeitada, porém deveriam repensar algumas coisas quanto aos métodos anticoncepcionais”*. A jovem F, de 15 anos, adverte *“A igreja católica, na minha opinião, tem razão em muitos aspectos, mas em compensação é errada em muitos outros. Mas acredito que os cristãos podem segui-la com muita fé mantendo sua cabeça em nosso mundo atual e mantendo suas opiniões em relação a ela”*.

Na questão oito “Qual o evento religioso mais significativo para você? Por quê?”. As respostas seguiram uma mesma tendência e foram agrupadas no quadro abaixo (Tabela 6).

Tabela 6 – Qual o evento religioso mais significativo para você?

	Roma- rias e proci- sões	Festa do padro- eiro	Missões	Natal	Páscoa	GMUH – Gideões Missio nários da Última Hora	Campa- nhas da igreja evangéli- ca	Nenhum	Não res- pondeu
Jovens	26	13	8	15	–	4	–	5	3
Adultos	23	13	26	7	5	-	2	–	–

Fonte; Entrevistas a população local, 2008.
Org: PICCIN, E.; 2008.

Dentre os jovens, a grande maioria, respondeu algo relacionado a romarias e procissões seguido de missa de Natal e em terceiro lugar a festa do padroeiro na sua comunidade. Assim, ressalta-se o indivíduo A de 14 anos o qual destaca “As romarias, pois há pessoas de todos os lugares reunidas em um único local, felizes por estarem na presença de Deus”. Já, para B de 17 anos “A Páscoa e o Natal, pois representam a morte e ressurreição e o nascimento de Cristo, homem de fé e que move todas as religiões. Também porque é especialmente nestas datas que a minha família fica toda reunida” e C de 17 anos ressalta “A festa do padroeiro da minha comunidade Anjo da Guarda. Por que é um evento da nossa comunidade, onde todas as pessoas se juntam para um só objetivo trazer felicidades para os outros e para o padroeiro”.

Destaca-se que dentre as romarias citadas, a grande maioria dos entrevistados salientam como as mais expressivas a Romaria de Nossa Senhora Medianeira a qual acontece no município de Santa Maria/RS e a Romaria de Nossa Senhora da Saúde em Silveira Martins/RS.

Com relação aos indivíduos adultos, a maioria, respondeu que as missões são consideradas o evento mais importante, seguido das romarias e procissões, e em terceiro lugar, as festas do padroeiro na comunidade. Pelo que se pode perceber as missões realizadas em cada paróquia foram um marco importante da vida de fé destes habitantes. A senhora D de 58 anos destaca *“É um momento maravilhoso de encontro com Deus, comigo mesma e com meus amigos e vizinhos da comunidade. A gente reza, canta, agradece a Deus e reafirma a nossa fé”*.

A unanimidade de opiniões ocorreu na questão nove, na qual era indagado “No seu entendimento, existe relação entre imigração italiana e religiosidade? Por quê?” Todos concordam que sim, no entanto alguns não justificaram o porquê. O jovem A de 17 anos ressalta *“Sim, pois eles são muito religiosos e introduziram isto para nós”*. Já o entrevistado B de 51 anos destaca *“Sim, porque foram os italianos que construíram as igrejas e os capitéis aqui na região, também trouxeram muitos santos da Itália. Os italianos são muito católicos, se eles não tivessem vindo para o Brasil acho que não teríamos tantos católicos aqui”*.

Com relação a questão dez “Se existisse uma rota turístico-religiosa pelas igrejas e demais construções sacras da Quarta Colônia de Imigração Italiana, você gostaria de participar? Por quê?” A grande maioria da população entrevistada respondeu sim. O interessante foi verificar a relação que as pessoas fizeram entre religião católica e descendência italiana. O entrevistado A, de 18 anos, respondeu *“Sim, para conhecer melhor e dar valor a cultura italiana”*.

Na questão onze “Você acha que a religião influencia os atos de nossa vida cotidiana?” A quase totalidade das respostas foram afirmativas. O entrevistado A de 18 anos ressalta *“Sim, pois quando fazemos algo de ruim sabemos que é errado e isso é uma coisa que a gente aprende com a religião”* e B, de 52 anos, aborda *“Influencia sim, a maioria das pessoas envolvidas em crimes, violência não possuem Deus no coração e por isso acabam seguindo caminhos errados”*. Até mesmo C, de 16 anos, que afirmou não se considerar uma pessoa católica, pois tem suas dúvidas em relação a igreja, nesta questão aborda *“Tem, pois crescemos acreditando que Deus está em tudo e todo lugar”*

A última questão indagava “Sua família recebe a visita da santinha? (Imagem de Nossa Senhora) O que ela representa para você?” Pode-se dizer que as respostas surpreenderam, pois de forma muito positiva todos os que se dizem católicos recebem mensalmente a visita da imagem de Nossa Senhora em seus

lares e, a grande maioria, considera este fato muito positivo. Essa questão demonstra, pelo que se pode observar, que as famílias ainda tem por costume se reunir para rezar o terço, pelo menos, no dia em que são contemplados com a visita da santinha, como é popularmente chamada.

O indivíduo A, de 52 anos, com relação a visita da imagem de Nossa Senhora e seu significado destaca “*Sim, uma forma de venerar a fé que temos*”. A jovem B de 18 anos comenta “*Sim, representa um momento único onde toda a família se reúne para rezar*”. Apenas poucos jovens que dizem não ter religião e apresentam uma certa revolta quanto a mesma, dizem que a presença da imagem da santa lembra o terço e que isso para eles não tem significado algum. Um exemplo é C, de 16 anos que respondeu a esta questão assim “*Sim, um terço de puro tédio*”. Neste sentido, destaca-se a “imposição” da religião pela família, levando a revolta de muitos filhos, principalmente os adolescentes.

Desta forma, pode-se dizer que a religião católica faz parte do cotidiano dos moradores da Quarta Colônia de Imigração Italiana, mesmo de quem não a tem como religião oficial, pois está materializada através das construções sacras presentes em todo este recorte espacial. Também, se expressa nas ações, na família, na convivência diária e na forma de entender a cultura por meio deste código cultural.

Assim, pode-se dizer que mesmo os jovens, sendo mais críticos em relação à religião, consideram, em sua grande maioria, que esta faz parte de sua cultura e, com certeza, será transmitida as gerações futuras como um código cultural consolidado. É preciso que os jovens se questionem e reflitam sobre a religião, pois, só assim passarão a tê-la como algo espontâneo, que surge no seu interior como uma necessidade¹³, e não imposto pela família.

É importante salientar que das pessoas entrevistadas, nenhuma enfatizou não acreditar em Deus. Portanto, a fé¹⁴ surge como um fator importante, que, talvez, explique a conservação dos símbolos e a construção de outros recentemente, a permanência das festas religiosas e romarias com grande contingente populacional.

Percebeu-se que, principalmente, os jovens se contradiziam em algumas questões. Cita-se, por exemplo, A, de 17 anos, que declarou não se considerar uma

¹³ Na página 41, Pagotti (2001) traz uma importante contribuição quando destaca que a religião surge nos momentos de crise e necessidade. Talvez, isso explique a grande religiosidade dos imigrantes italianos, ou, esta busca e incerteza dos jovens atualmente.

¹⁴ Ver Fé na página 53.

pessoa religiosa, no entanto, acha fundamental que a educação dos filhos se dê a partir dos ensinamentos religiosos e gostaria muito de participar de uma rota turístico-religiosa pela Quarta Colônia de Imigração Italiana. Talvez isto explique esta busca em “descobrir” a religiosidade, sentir se realmente ela se faz ou não importante em sua vida e verificar até que ponto ela é relevante.

Com relação as entrevistas e questionários aplicados aos padres e chefes de Departamento de Cultura e Turismo das prefeituras municipais deste recorte espacial, ressalta-se que, é muito gratificante saber que alguns projetos e trabalhos vêm sendo realizados em prol da valorização dos símbolos religiosos e do possível desenvolvimento do Turismo Religioso neste recorte espacial.

Em Pinhal Grande, por exemplo, por incentivo da paróquia, já existe um calendário com a relação de todas as festas religiosas e datas importantes do município. No início de cada ano a equipe do dízimo, de cada comunidade, faz uma visita as casas entregando o calendário e reforçando sobre a importância de pagar o dízimo. Também a prefeitura, visando contribuir com a cultura local financiou a criação de um livro “Pinhal Grande contribuição ao estudo da história de seu município” de autoria de Firmino Costa, o qual destaca os primeiros habitantes deste município e a criação de cada comunidade com dados importantes sobre a construção das respectivas igrejas.

Em Nova Palma a chefe do Departamento de Cultura e Turismo, desenvolveu um projeto, no qual a mesma, com auxílio de uma estagiária, realizou o mapeamento e o resgate histórico de todos os capitéis presentes neste município. Já em Silveira Martins o chefe do Departamento de Cultura e Turismo pretende realizar, junto ao Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural – PPGPPC, da UFSM no qual está inserido, o resgate histórico dos símbolos religiosos e históricos de seu município.

Em Ivorá existem alguns livros disponíveis na prefeitura e junto à paróquia que contam a história deste município, ressaltando a religião católica como o principal alicerce para a criação do município e desenvolvimento de seu povo.

Pode-se dizer que todos os padre e chefes de Departamento de Cultura e Turismo, dos municípios pertencentes a este recorte espacial, concordam que existe uma grande relação entre religião católica e imigração italiana, pois foram estes imigrantes que durante o processo de colonização imprimiram através dos símbolos religiosos aspectos peculiares de sua cultura nesta área italiana do espaço gaúcho.

De acordo com alguns padres, são os descendentes de italianos, em sua grande maioria, que mantêm, atualmente, a igreja católica como a religião de maior número de fiéis neste recorte espacial. Também ressaltam que é devido à participação e ajuda do povo que muitos dos eventos religiosos são considerados um sucesso, atraindo devotos em nível regional.

Assim, a religião é compreendida através da fenomenologia como uma força superior, onde as pessoas se apóiam e buscam forças para enfrentar as dificuldades. É ela também, que mantém a cultura preservada, garantindo a perpetuação das tradições como a união da família, o casamento religioso, as festas sacras, a preservação dos símbolos relacionados à religião, a prática dos sacramentos, principalmente o de batizar os filhos ao nascer, entre outros.

É por meio da religião católica que a população, deste recorte espacial, continua unida. Deste modo, através da participação comunitária as famílias se organizam na promoção das festas, procissões, elaboração dos cultos e missas, solucionando problemas de estrutura física da comunidade, fazendo campanhas em benefício da comunidade, paróquia ou diocese. Assim, as pessoas acabam se envolvendo e se relacionando com os demais de uma forma saudável e em benefício do que acreditam ser espiritualmente relevante.

4.2 A religião católica materializada nos símbolos religiosos

Através das entrevistas e da observação “in loco” percebeu-se que a religião católica assume um papel fundamental na vida dos descendentes de italianos que residem na Quarta Colônia de Imigração Italiana. Ela está materializada na paisagem através das construções sacras, as quais reafirmam a fé e a necessidade destas pessoas em residir em meio ao espaço sagrado. A religião, também faz parte do cotidiano destas pessoas, por meio dos ensinamentos transmitidos aos filhos e da vivência diária.

Pode-se dizer que a maior relação entre imigração italiana/religião católica, ocorreu e ocorre na construção e conservação dos símbolos religiosos, os quais expressam a fé e devoção destes habitantes. As construções sacras tornam este

espaço peculiar devido a expressividade e beleza dos mesmos. O motivo das construções sacras é geralmente, como centro de oração, promessa ou devoção a um determinado santo(a). A conservação dos símbolos religiosos e a construção de outros, recentemente, revelam que a religião católica na Quarta Colônia de Imigração Italiana tem um papel significativo e é transmitida através das gerações, como um código cultural consolidado.

Assim, os Italianos e seus descendentes, aos poucos, foram materializando no recorte espacial em análise, e em todas as colônias de imigração italiana, sua cultura, representada através da religiosidade, da arquitetura, vestimentas, gastronomia, entre outros códigos, recriando no Brasil a lembrança da Itália.

As construções sacras relacionadas à religião católica, na área de estudo, variam em número de acordo com cada município. Com relação às igrejas/capelas em Nova Palma foram encontradas 23, Pinhal Grande 16, Silveira Martins e Faxinal do Soturno 15, Ivorá 14, São João do Polêsine 11, e em Dona Francisca¹⁵ apenas 8 (Tabela 7).

Tabela 7 - As construções sacras da Quarta Colônia de Imigração italiana/RS

Municípios	Igrejas/capelas	Capitéis	Grutas	Outros¹⁶
Nova Palma	23	38	5	-
Ivorá	14	24	7	3
Pinhal Grande	16	1	5	-
Silveira Martins	15	4	5	-
Faxinal do Soturno	15	2	1	-
São João do Polêsine	11	3	2	10
Dona Francisca	8	2	-	3

Fonte: Trabalho de campo, 2008.

Org: Piccin, E.; 2008.

¹⁵ Destaca-se, que em Dona Francisca o reduzido número de igrejas católicas está relacionada com a área do município e também com a importante presença da igreja evangélica.

¹⁶ Refere-se a outras construções sacras importantes nestes municípios, como a presença das ermidas em São João do Polêsine.

Destaca-se que as igrejas/capelas estão distribuídas por comunidades e foram construídas com o objetivo de ser um centro de oração. Assim, na sede do município encontra-se a igreja matriz, as demais estão localizadas nas comunidades rurais. Cada uma dessas igrejas/capelas possui o seu padroeiro, ou seja, um santo(a) escolhido pela comunidade para ser o “pai”, o protetor da comunidade.

As comunidades são organizadas com pessoas que morram próximas, sendo geralmente, compostas por habitantes com grau de parentesco. No centro destas, encontra-se uma capela, onde são rezadas as missas e realizada as orações comunitárias. As comunidades variam significativamente em número de habitantes. Juntamente a igreja, encontra-se um salão comunitário, onde são realizadas festas e reuniões religiosas.

Assim, configura-se as localidades rurais. Aos domingos, considerado o dia do descanso e de orações, os habitantes das comunidade se reúnem para rezar e, posteriormente, tem-se atividades de lazer como o jogar bochas, cartas e futebol. Entre as mulheres, tem-se a presença do chimarrão e comentários sobre os fatos da semana.

Pode-se dizer que na Quarta Colônia de Imigração Italiana a igreja é um ponto de referência, não somente para as orações, mas também, para as atividades relacionadas a educação e a sociabilidade do grupo cultural. São encontros festivos e benéficos, reuniões e até mesmo cursos de instrução para a comunidade que se realizam no espaço da igreja, ou seja, no espaço sagrado.

Cada comunidade tem os seus ministros, pessoas preparadas para a realização dos cultos aos domingos, visto que, pelo grande número de comunidades, em cada município, o padre vai apenas uma vez por mês, em cada uma delas para rezar a Santa Missa.

Nesta pesquisa visitou-se algumas igrejas onde se pode observar a presença do sagrado, a sua conservação e também a beleza e as diferenças arquitetônicas entre elas. Destaca-se que as igrejas não seguem um padrão arquitetônico e de construção o que favorece, de um certo modo, o interesse pelo turismo religioso nesta área de estudo, pela diversidade sacra.

Dentre as igrejas visitadas destaca-se a Igreja do Corpo de Deus localizada em um distrito de São João do Polêsine chamado Vale Vêneto. Lugar colonizado por italianos onde a igreja é considerada o ponto central deste espaço, sendo muito

visitada por turistas que se dirigem ao local (Fotografia 1)¹⁷. Outra igreja que se torna importante destacar é de Santo Antônio de Pádua localizada na sede do município de Silveira Martins. Esta é considerada a única igreja com torre cilíndrica da América Latina (Fotografia 2). Também, na comunidade de Vila Cruz, no município de Nova Palma encontra-se a igreja Nossa Senhora da Anunciação com arquitetura que reproduz a Igreja matriz de Salletto Racolana – Província de Udine na Itália. No entanto, todas são importantes e cada uma é única quanto ao estilo, pintura, ornamentos sacros, entre outros aspectos que fazem de cada símbolo¹⁸ uma nova forma de contemplar o espaço sagrado.



Fotografia 1: Igreja corpo de Deus – Vale Vêneto/São João do Polêsine/RS

Fonte: Trabalho de campo, 2008.

Org: PICCIN, E., 2008.

¹⁷ As fotografias que ilustram cada símbolo religioso deste sub-capítulo foram escolhidas aleatoriamente, uma vez que, as demais, se fazem presente no folder Guia Turístico da Religião.

¹⁸ As demais igrejas e símbolos religiosos visitados estão descritos e ilustrados no Guia Turístico da Religião da Quarta Colônia de Imigração Italiana/ RS que se encontra na página 122.

Em Vale Vêneto, distrito de São João do Polêsine destaca-se a presença de mais dois símbolos importantes para este recorte espacial. O seminário Rainha dos Apóstolos dos padres Palotinos e o Antigo Colégio das irmãs do Imaculado Coração de Maria. Estas construções estão localizadas próximas a Igreja e também, servem de testemunhas de uma vida dedicada a fé e á devoção da qual a população local tanto se orgulha.

Convém ressaltar que, o interior das Igrejas, através de suas belas pinturas, reafirmam a fé e o ambiente sagrado. Desta forma, pode-se perceber, na prática, o conceito de espaço sagrado descrito por Rosendahl (1996). Também se encontra destacado a hierarquia do sagrado, onde o altar, o lugar mais sagrado, ganha destaque na Igreja. Posteriormente, o lugar ocupado pelo coro sacro, e só então, em terceiro lugar o ocupado pela comunidade de leigos.

Percebeu-se, também, que em alguns lugares, esta hierarquia está sendo alterada, principalmente nas igrejas construídas recentemente, as quais valorizam o espaço reservado aos fiéis. São igrejas com menor altura e com formato mais arredondado, onde o altar é estruturado de forma simples e próximo a população de fiéis, sendo os primeiros bancos reservados as pessoas que coordenam a liturgia e os cantos sacros.

Junto às igrejas pode-se perceber a presença de outros símbolos religiosos importante como o sino. Em sua maioria, os mesmos, estão localizados em uma torre construída ao lado da igreja. Desta forma, o som se espalha até os lugares mais distantes. Ressalta-se que muitos dos sinos presentes na área de estudo foram trazidos da Itália e constituem-se em verdadeiras relíquias religiosas.

O sino tem um significado importante para o imigrante italiano, pois era através das diferentes badaladas que este sabia que horas eram, se alguém tinha nascido ou falecido, o horário da missa, entre outras informações. Salienta-se que na atualidade, em alguns municípios da área em estudo, o sino continua tendo papel significativo no que diz respeito às informações que o mesmo transmite aos habitantes através das distintas badaladas. O mesmo toca as seis da manhã, ao meio dia e as seis da tarde. Uma hora antes do horário da missa e também nos sepultamentos.

A torre também é algo a ser enfatizado, pois, a mesma chama a atenção pelo formato, altura e características da construção (Fotografia 2).



Fotografia 2 - Torre da igreja Santo Antônio de Pádua - Silveira Martins/RS

Fonte: Trabalho de campo, 2008.

Org: PICCIN, E., 2008.

Enquanto as igrejas/capelas estão localizadas no centro da comunidade, os capitéis, em sua grande maioria, estão distribuídos pelo interior da mesma, na proximidade das casas e das estradas. Os capitéis foram construídos, quase que totalmente, como formas de pagamento de promessas, ou delimitando uma determinada comunidade ou linha. Cita-se por exemplo a Linha Sete em Nova Palma ou também chamada de comunidade de Vila Cruz). Outros foram construídos como centro de oração antes da construção ou finalização da construção da igreja.

Os capitéis também são expressivos na Quarta Colônia de Imigração Italiana. Nesta área salienta-se Nova Palma com um total de 38 e Ivorá, onde são encontrados 24 capitéis. Nos demais municípios o número é reduzido, sendo 4 em

Silveira Martins, 3 em São João do Polêsine, 2 em Dona Francisca e Faxinal do Soturno e, apenas 1 em Pinhal Grande.

Os capitéis foram construídos para expressar a fé e para atender interesses particulares ou comunitários. Esta religiosidade popular é manifestada através das peregrinações e procissões aos capitéis, novenas, tríduos e solenidades festivas, sendo estas, realizadas quase sempre em agradecimento a fenômenos naturais, à produção agrícola, doenças, culto aos mortos e, principalmente, ao santo padroeiro de cada capitel.

Dentre os capitéis visitados destaca-se o capitel Madona Della Guárdia localizado na rua Garibaldi no município de Ivorá. Foi construído em 1943 devido a devoção do médico Ricardo Cusolich que trabalhou durante muito tempo neste município e que trouxe a imagem da santa da Itália. Destaca-se que este capitel é bastante visitado por turistas e, principalmente, por alunos da Escola Padre Pedro M. Copetti a qual se localiza nas proximidades (Fotografia 3).

Assim, a presença significativa de capitéis na Quarta Colônia de Imigração Italiana torna este espaço diferenciado. Estes expressam a fé e a necessidade de sacralizar o espaço, o que acaba chamando a atenção de quem se desloca a estes municípios e desperta o interesse em saber o porquê das construções.

Ao contrário do que aconteceu em outras colônias de imigração italiana, onde muitos capitéis foram destruídos, no recorte espacial estudado, muitos capitéis foram restaurados, preservando este código cultural tão importante para os descendentes de italianos que, através dos mesmos, recordam seus antepassados e mantêm viva sua cultura através da religiosidade.



Fotografia 3 - Capitel Madona Della Guárdia – Ivorá/RS

Fonte: Trabalho de campo, 2008.

Org: PICCIN, E., 2008.

Outro símbolo religioso significativo são as grutas. Estas são expressão de fé e devoção. Também se fazem importantes como simbolismo religioso, embora em menor número. A construção das mesmas ocorreram, quase que totalmente, por promessa. Estão localizadas, em sua grande maioria, na zona rural dos municípios, próximas a riachos ou em meio à mata. São reflexos do sagrado, locais de orações e algumas, pontos turísticos do município. Em Ivorá foram encontradas 7 grutas, em Nova Palma, Pinhal Grande e Silveira Martins 5, São João do Polêsine 2 e Faxinal do Soturno apenas 1.

Assim, tem-se também, as conhecidas “festas na gruta” que ocorrem em honra ao santo(a) padroeiro da mesma. Estas atraem inúmeras pessoas que

aproveitam o momento para realizar e/ou pagar promessas, encontrar amigos e festejar com sua família as bênçãos do padroeiro.

As grutas configuram-se em um espaço diferenciado, onde as belezas naturais e o sagrado se unem, resultando em um ambiente de paz e tranquilidade que é contemplada e admirada pelos fiéis. Dentre as grutas existentes destaca-se a de Nossa Senhora de Lourdes em Nova Palma. No seu entorno existe inúmeras placas que descrevem as graças alcançadas (Fotografia 4).



Fotografia 4 - Gruta Nossa Senhora de Lourdes – Nova Palma/RS

Fonte: Trabalho de campo, 2008.

Org: PICCIN, E., 2008.

Alguns municípios apresentam outros símbolos religiosos relacionados à igreja católica, os quais, torna-se importante ressaltar. Em São João do Polêsine, por exemplo, é significativa a presença de Ermidas (Fotografia 5). Estas constituem-se em pequenas construções sacras localizadas no interior do município e expressam a devoção a Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt.



Fotografia 5 - Ermida de Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt – São João do Polêsine/RS.

Fonte: Trabalho de campo, 2008.

Org: PICCIN, E., 2008.

As primeiras ermidas localizadas na Quarta Colônia de Imigração Italiana foram construídas por João Luiz Pozzobom, que ao visitar a Alemanha e Roma, encontrou diversas ermidas nas ruas e praças. Estas simbolizavam pontos de parada, reflexão e encontro com Deus. Assim, João L. Pozzobon trouxe esta idéia para o Brasil, disseminando a mesma, principalmente, para aqueles lugares longe das Igrejas, onde as pessoas tinham dificuldade de participar das missas e orações. Deste modo, construiu a primeira ermida na localidade de Arroio Grande/RS. Posteriormente, começou a construir pequenas ermidas em diversos lugares, principalmente nas encruzilhadas das estradas.

As ermidas são construções simples, contendo uma imagem da Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt, em bronze, no centro da mesma e uma cruz

na parte superior. As imagens da santa foram bentas no Santuário de Schoenstatt, e também, junto à população no local onde eram colocadas. Nesta ocasião, realizava-se uma romaria com os vizinhos, uma pregação e uma oração de consagração.

Também no município de São João do Polêsine encontra-se a casa que era de João Luiz Pozzobon (Fotografia 6). Homem de muita fé que nasceu neste município em 12 de dezembro de 1904 em uma família de descendentes de italianos. Sendo sua família profundamente religiosa, desde jovem João L. Pozzobon teve uma educação católica muito rígida. Hoje é conhecido pelo mundo inteiro por dedicar sua vida a levar a Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt às famílias, hospitais, escolas e presídios, rezando o terço, aconselhando os casais, crianças, doentes e consolando os presos.



Fotografia 6 - Casa de João Luiz Pozzobom – São João do Polêsine/RS.

Fonte: Trabalho de campo, 2008.

Org: PICCIN, E., 2008

Pozzobon faleceu em um acidente, no dia 27 de Junho de 1985, em Santa

Maria, atropelado por um caminhão, quando se dirigia ao Santuário, para a missa. Não só a população da Quarta Colônia de Imigração Italiana, mas o mundo todo já o considera um santo. No entanto, o processo de canonização foi aberto em 1994, no qual busca-se comprovar milagres concedidos por este homem, descendente de italianos, que residiu na Quarta Colônia de Imigração Italiana (Anexo 4).

A casa é considerada, atualmente, um símbolo religioso, sendo visitado por inúmeras pessoas durante todo o ano. É reconhecido como um lugar santo, onde as pessoas que se dirigem até lá aproveitam para pedir graças a João Luiz Pozzobon e a Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt que era sua santa protetora.

Em Ivorá, 3 são os monumentos de destaque, sendo o Monumento à Santíssima Trindade, as estações da via sacra no monte Grappa e a Cruz Luminosa. O monumento à Santíssima Trindade, ou também conhecido como monumento à São Cristóvão, Santa Lúcia e Santo Antônio é considerado um ponto turístico da cidade, simbolizando a Santíssima Trindade e a Eucaristia, este foi construído em 2000. É preservado até hoje, estando localizado próximo a cidade.

As estações da via sacra¹⁹, de Ivorá, estão localizadas no monte Grappa, onde é realizado, todo ano, a missa na qual se relembra a crucificação de Jesus. Este dia é celebrado na sexta-feira santa que antecede a Páscoa. Neste local foram construídas quinze capelinhas que relembram as quinze estações da via sacra, ou seja, os momentos marcantes enfrentados por Jesus até sua crucificação. Para percorrer as capelinhas é preciso enfrentar uma trilha pelo morro, segurando-se em cordas. Estas construções foram feitas com a participação e doações da comunidade.

Com relação à cruz luminosa a mesma está localizada no alto de um morro, podendo ser observada por todos os moradores da cidade. Foi construída também no ano 2000 em honra ao ano Jubilar e é muito visitada pelas pessoas de toda a região (Fotografia 6).

A cruz²⁰ é considerada outro símbolo religioso importante e com um significado muito expressivo para a igreja católica. É apresentada como forma de veneração e fé, aparece junto a igreja, ao terço, em alguns capitéis e em algumas

¹⁹ Em Vale Vêneto, distrito de São João do Polêsine também se encontra, materializado no espaço, as capelinhas que representam as estações da via sacra. Ver no Guia Turístico da Religião que se faz presente na página 122.

²⁰ Reveja conceituação de Cruz na pagina 58.

casas. Sua presença como marco e ponto turístico de Ivorá revela, mais uma vez, a religiosidade desta população.



Fotografia 7 - Cruz Luminosa – Ivorá/RS

Fonte: Trabalho de campo, 2008.

Org: PICCIN, E., 2008

Pode-se destacar que com certa freqüência encontram-se nas estradas, ou mesmo nos campos, cruzeiros que servem como reverência a uma divindade ou, marcam o local de um acidente, assim, como de uma batalha realizada em conflitos históricos. Além de materializarem a religiosidade, esse símbolo demonstra o respeito do povo ao reverenciar certos aspectos ligados à fé e as crenças no

²¹ Ver questão sobre a visita da imagem de Nossa Senhora na página 98.

sobrenatural.

Outro símbolo que representa a religiosidade e que se faz presente na Quarta Colônia de Imigração Italiana e na vida cotidiana dos descendentes de imigrantes italianos, é o terço. Este, além de simbolizar o sagrado, promove a união da família e da comunidade que se reúne para rezá-lo. Um entrevistado comenta que, enquanto criança, ia e voltava da lavoura com seus pais e irmãos rezando o terço.

Inferre-se, que de acordo com as respostas dos entrevistados rezar o terço talvez, seja um costume que esteja se perdendo, pois durante as entrevistas pode-se perceber que alguns jovens tem aversão ao terço e, que em muitas famílias, ele está sendo abandonado, ou, então, o terço só é rezado quando recebem a visita, em seus lares, da imagem de Nossa Senhora²¹ (santinha). No entanto, ainda pode-se observar muitas casas com a presença de um santuário particular, do qual, o terço, ou o chamado rosário, tem lugar de destaque, juntamente com imagens do padroeiro, flores e velas. Isso ressalta o espaço sagrado dentro das residências, à religiosidade da família e o ensinamento religioso sendo passado as gerações futuras, ou seja, a preocupação dos pais em transmitir os ensinamentos baseados neste código cultural que orienta e modifica condutas de vida (Fotografia 8).

As imagens sacras também se fazem presentes em muitas casas, da Quarta Colônia de Imigração Italiana, principalmente, através de estátuas e quadros do santo protetor da família. Algumas pessoas, durante as visitas, comentam que sempre é bom ter a imagem de um santo abençoando a casa, é uma proteção a mais. Outros destacam que sentem falta do tempo em que a família se reunia, a noite, para rezar o terço e pedir graças ao santo(a) devoto(a).

A figura do santo protetor traz tranquilidade e segurança a família, que se sente protegida e amparada, pois acreditam que Deus por intermédio do santo(a) está olhando por eles. Assim, diante de qualquer problema o mesmo é solicitado em forma de promessas.



Fotografia 8 – Santuário na casa de uma família em Pinhal Grande/RS
Fonte: Trabalho de campo, 2008.
Org: PICCIN, E., 2008.

Também, os grupos de oração, ou de famílias, como são popularmente chamados, ainda se fazem presente em muitos municípios. Nestes, as famílias se reúnem quinzenalmente, principalmente à noite, após o jantar para rezar. Durante o trabalho de campo teve-se a oportunidade de participar de um, no qual destaca-se a ausência de jovens. Tal fato, demonstra mais uma vez que as gerações futuras deverão retomar estes hábitos, ou então, com o decorrer do tempo, os mesmos, tendem a desaparecer.

Não se pode deixar de ressaltar as procissões e romarias. Destaca-se a romaria à Nossa Senhora da Saúde, a qual tem grande presença de fiéis, pois é

considerada a padroeira da Quarta Colônia de Imigração Italiana (Fotografia 9).



Fotografia 9 – Romaria Nossa Senhora da Saúde - Linha Quarta/Silveira Martins/RS
Fonte: Trabalho de campo, 2008.
Org: PICCIN, E., 2008.

Saúde era o que os imigrantes italianos mais almejavam, por este motivo a Nossa Senhora da Saúde foi escolhida para ser a protetora do recorte espacial em análise. No entanto, atualmente ela ainda é muito venerada, milhares de pessoas participam da romaria a esta santa, sendo o momento da bênção a saúde, o mais esperado por todos (Anexo C).

A romaria a Nossa Senhora da Saúde ocorre geralmente no terceiro domingo do mês de novembro na comunidade de Linha Quarta localizada no município de Silveira Martins, onde existe um santuário em honra a esta santa. Porém, ressalta-se que, na semana que antecede ao domingo da romaria, a santa e alguns fiéis percorrem os sete municípios que integram a Quarta Colônia de Imigração Italiana, onde se tem a procissão e a realização de uma missa, na matriz de cada município.

Deste modo, as pessoas que, por algum motivo, não podem se deslocar até a romaria no domingo tem a oportunidade de receber as bênçãos desta padroeira no seu município.

As romarias realizam-se como forma de expressão de fé, reunindo um grande número de católicos que rezam, cantam, agradecem as graças alcançadas, fazem pedidos e celebram juntos, a experiência religiosa. Rosendahl (1996, p. 73), menciona que “As romarias são, em realidade, manifestações religiosas em que o povo busca uma forma de reivindicar, com maior liberdade, suas crenças religiosas”.

Muitos dos entrevistados ressaltaram que participam de romarias e procissões em outros municípios, como por exemplo, a romaria à Nossa Senhora Medianeira em Santa Maria/RS, a qual reúne milhares de fiéis todo o ano. Porém, deve-se destacar a presença constante do espaço profano agregado as romarias. Este é manifestado através dos camelôs e pequenas barraquinhas, que se utilizam do grande contingente populacional para vender suas mercadorias como CDs, bonés, roupas, imagens sacras e demais objetos que acabam sendo comprados pelas pessoas como uma lembrança da romaria.

Outro símbolo religioso a ser destacado é o das festas sacras, pois percebeu-se que a maioria das festas realizadas nos municípios pertencentes a este recorte espacial estão relacionadas com o fator religioso, em devoção a um santo(a), o que representa mais uma confirmação da fé destes habitantes. Estas festas visam lucro a comunidade promotora e este é aplicado em melhorias na própria localidade. Cada comunidade é composta por um conselho, eleito pela comunidade, que administra a mesma por um período de dois anos. Durante as festas religiosas ocorre uma espécie de “troca de visitas”, ou seja, as pessoas procuram participar das festas em outras comunidades, para que também, os mesmos participem quando acontecer na sua.

Assim, destaca-se que a religiosidade deste povo está atrelada a outro código cultural, as festividades. Estas ocorrem em datas importantes para a comunidade em que ocorre, como padroeiro, emancipação do município e, relativas a imigração e a produtos característicos da cultura.

As festas religiosas obedecem uma seqüência, ou seja, inicialmente tem-se a missa em homenagem ao padroeiro, após a procissão e por último, o almoço com presença da gastronomia italiana. À tarde realizam-se jogos e reunião dançante.

Também, durante todo o dia são vendidos doces, bebidas em geral e artesanatos locais. Destaca-se que, muitas das festas realizadas na área de estudo, atraem um público regional que vem principalmente em busca de dois códigos culturais, a religião e a gastronomia.

As festas típicas relembram o passado e são acompanhadas sempre por um grande número de fiéis. Essa tradição religiosa parece não ter sofrido interferência dos novos valores culturais, agregados com as inúmeras mudanças em que a sociedade vem sofrendo. Os mais idosos parecem fazer questão de conservar esse legado e nos mais novos, este compromisso de preservar também existe.

Através das entrevistas e das conversas informais realizadas, pode-se perceber que a família se configura em um símbolo muito importante, uma vez que, esta é a base, o alicerce, algo importante a ser preservado. Os descendentes de italianos procuram preservar e manter a sua família sempre unida, pois isso é uma tradição e um ensinamento da religião católica.

O cemitério também representa um dos símbolos importantes para os descendentes italianos. Estes cultuam a veneração aos seus mortos, pois acreditam na vida após a morte. As pessoas, com uma idade mais avançada, passam a planejar sua morte, escolhem o lugar no cemitério e solicitam para os familiares construir uma grande tumba. Observa-se, também, que a visita aos túmulos ocorrem quase que semanalmente. São depositadas flores e rezado terços. As visitas geralmente ocorrem aos sábados e domingos. Muitos túmulos são ornamentados com santos e anjos vindos da Itália. Hoje, esses constituem-se, em verdadeiras obras de artes, manifestada no espaço sagrado para muitos italianos e descendentes.

A religiosidade é manifestada com grande significado na morte. Os descendentes de italianos demonstram suas crenças expressas nos cemitérios construídos na área de estudo. Esses se encontram situados na cidade, geralmente, em alguns dos acessos, na margem das estradas e revelam alguns aspectos importantes para interpretar as crenças e os ritos de passagem. Cada família possui uma espécie de mausoléu, identificado pelo sobrenome, o qual permite manter juntos os restos mortais dos seus familiares.

Além desses, existem outros cemitérios, tidos como particulares, construídos no meio rural em uma parte da propriedade, para enterrar apenas quem pertence a

família e constitui-se em uma forma de preservação junto a propriedade.

As celebrações de Natal e Páscoa, também são momentos marcantes para a igreja católica e, portanto pra estes imigrantes. Nestas, o ambiente físico das igrejas e residências se transformam e a população aproveita para reafirmar sua fé, por meio da comemoração do nascimento e ressurreição de Jesus Cristo.

O natal é considerado uma das maiores festas religiosas. Neste período a população, independente de seu credo religioso cultua o espírito de solidariedade, bondade e paz. De acordo com o Universocatólico (2009), a igreja de Roma foi a pioneira na adoção e institucionalização da celebração de natal em 25 de dezembro. Historicamente, dizem que a festa de natal surgiu muito antes do nascimento de Jesus Cristo, sendo promovida por culturas ancestrais para comemorar o solstício de inverno e trazer boa sorte na agricultura, significando uma virada das sombras para a luz. Foi preciso que o império Romano adotasse o cristianismo como religião oficial, no século IV, para a partir daí, instituir o Natal como a data comemorativa ao nascimento de Jesus, no dia 25 de dezembro. Destaca-se que esta não é uma data histórica, mas a comemoração de um fato histórico, o nascimento de Jesus.

Muitos são os símbolos que representam o natal como: A árvore que representa a vida renovada, o nascimento de Jesus, através de suas folhas sempre verdes e cheias de vida; Os presentes simbolizam a oferta dos três reis magos; Velas significam a boa vontade, pois no passado europeu, estas apareciam nas janelas indicando que os moradores estavam receptivos; Os cartões surgiram na Inglaterra em 1843, criados por John Horsley que o deu a Henry Cole, o qual sugeriu fazer cartas rápidas para felicitar os familiares; Comidas Típicas simbolizam a fartura, uma vez que as sociedades antigas passavam fome e encontravam na carne, o mais importante prato, uma forma de reverenciar a Deus e, o Presépio relembra e reproduz o nascimento de Jesus (UNIVERSOCATÓLICO, 2009).

Nas casas, a preparação dos símbolos anunciam a chegada do Natal. Na igreja, a organização do pinheiro e o do presépio trazem vida e transformação a este espaço sagrado.

Já a Páscoa é considerada o momento mais importante do calendário religioso da igreja católica. A celebração começa com um período de preparação chamado Quaresma, o qual tem início na quarta-feira de cinzas após o carnaval. Deste modo, são 40 dias em que os fiéis aproveitam para lembrar as provações e

reflexões de Jesus durante a sua travessia de 40 dias no deserto. É um momento de penitência, jejum e de muita oração.

A palavra Páscoa tem origem do hebraico Pessach que significa passagem. Assim, para os cristãos, a páscoa simboliza a ressurreição de Jesus Cristo, depois de sua morte por crucificação. Para os Judeus, esta é a festa anual que comemora a libertação deste povo, depois de séculos de cativeiro no Egito (UNIVERSOCATÓLICO, 2009).

Da mesma forma que o natal, as casas e a igreja, também se transformam no período pascal, pois este também tem seus símbolos. Dentre eles destaca-se: A *cruz*, a qual, traduz, ao mesmo tempo, sofrimento e ressurreição; O *cordeiro* simboliza cristo que é o cordeiro de Deus, e se sacrificou em favor de todo o rebanho; *pão e vinho* representam o corpo e sangue de Jesus, eles são dados aos seus discípulos, durante a ceia, para celebrar a vida eterna. O *círio* que é uma grande vela que lembra que Cristo é a luz dos povos. Nela está gravado Alfa e ômega que querem dizer que Deus é o princípio e o fim de tudo. O *ovo de páscoa* que simboliza a existência da vida e, o *coelho* que por ser um animal com grande capacidade de reprodução, simboliza a capacidade da Igreja de produzir novos discípulos constantemente (UNIVERSOCATÓLICO, 2009).

4.3 A religiosidade católica da Quarta Colônia de Imigração Italiana espacializada no Guia Turístico da Religião

O Guia Turístico da Religião da Quarta Colônia de Imigração Italiana/RS vem a sintetizar o trabalho de pesquisa realizado e ao mesmo tempo, contribuir para uma maior divulgação dos símbolos religiosos que expressam este código cultural tão importante para este recorte espacial, a religião.

A religiosidade católica é um fenômeno presente na vida diária dos habitantes deste recorte espacial. Ao se resgatar a vivência religiosa e a presença de símbolos relacionados à igreja católica, está se resgatando a cultura de um povo, sua história, seus legados, ou seja, sua realidade diária.

A partir da confecção do folder pode-se perceber as riquezas sacras existentes na Quarta Colônia de Imigração Italiana. Neste sentido, resgatam-se as expressões da religiosidade as quais podem ser visitadas. Essa diversidade sacra resulta do processo de construção de espaços sagrados e manifestações de fé através das construções de igrejas, capitéis, dos cemitérios, da cruz, das romarias, as festividades religiosas, as missas, entre outras as quais fazem esta interação com as divindades cultuadas. No entanto, percebeu-se que as mesmas são pouco exploradas, principalmente no que diz respeito ao turismo religioso, podendo este ser estimulado neste recorte espacial uma vez que a presença do código religião está materializado de forma expressiva. Por outro lado, o deslocamento de pessoas em busca de eventos religiosos, atualmente, é bastante intenso na área de estudo, criando intercâmbio ativos de caráter sociocultural e econômico entre os municípios integrantes.

Sabe-se que para a criação de uma rota turística religiosa é necessário infraestrutura, como: hotéis, restaurantes, acesso rodoviário em boas condições, guias turísticos capacitados que saibam da história e cultura deste povo, entre outros aspectos.

Neste contexto, o Guia Turístico Religioso, produto final desta pesquisa, visa, inicialmente, apresentar aos moradores da Quarta Colônia de Imigração Italiana e aos órgãos administrativos a potencialidade dos símbolos religiosos dos municípios que compõem este recorte espacial. Assim, se está contando um pouco da história de alguns símbolos, destacando que estes fazem parte da cultura local e, conseqüentemente devem se preservados e podem subsidiar o turismo religioso desta porção do espaço gaúcho.

Buscando divulgar a religiosidade nesta área, o folder confeccionado será disponibilizado nas paróquias, nos Departamentos de Cultura e Turismo das prefeituras municipais e nas principais escolas, posteriormente a defesa desta dissertação, como forma de retribuir a esta população as contribuições e disponibilidade em colaborar com a referida pesquisa.

Assim, neste sub capítulo apresenta-se o Guia Turístico da Religião contendo algumas fotografias e a história dos símbolos religiosos visitados. Destaca-se que as informações contidas no folder foram obtidas em trabalho de campo por meio de entrevistas a população local, bem como a captura das fotografias que integram o mesmo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de cultura e o entendimento do código religião é complexo, mas essencial para se compreender a constante dinâmica social que se materializa no espaço, uma vez que, entende-se a cultura como um conjunto de aspectos materiais e imateriais, os quais identificam um determinado grupo, que partilha das mesmas crenças.

Cada código cultural corresponde por um aspecto da cultura e quando considerados em conjunto estes definem a mesma. Neste contexto, esta pesquisa teve como objetivo primordial investigar a religião católica nos municípios que compõem a Quarta Colônia de Imigração Italiana, uma vez que a mesma é um código cultural significativo, o qual caracteriza estes imigrantes e expressa a sua identidade cultural.

Por meio do código religião as pessoas se reconhecem, se identificam mediante simbologias comuns, materializados via costumes e tradições que originam formas e hábitos particulares, os quais remetem a um modo de vida singular diferenciando-os das demais culturas.

A relação estabelecida entre código e identidade está implícita na existência do grupo cultural. Estes são fatores que originam a sua “marca”, dotada de um poder descritivo, pois os mesmos expressam o modo de vida e a organização social mediada pelos aspectos mais significativos. Entretanto não se pode esquecer que a mesma está sujeita as constantes transformações, as quais são adquiridas no meio em que em que esta cultura se estabelece.

As crenças sempre estiveram presentes nas diversas culturas que compõe a superfície terrestre, manifestando-se de formas diferenciadas de acordo com as tradições e ritos de cada grupo social. No entanto, esta pode ser considerada como um código fundamental. Na área de estudo, a religiosidade é marcante, pois a mesma esta materializada com códigos sacros que remetem a chegada dos imigrantes, os quais passaram a expressar a sua fé por meio das construções sacras e dos ensinamentos diários formando uma paisagem singular que existe e se reproduz na atualidade.

Neste sentido a igreja católica foi e é marcante no cotidiano dos habitantes destes municípios, participando também, das decisões políticas, sociais e econômicas. A religião como código cultural cria laços de união entre as pessoas, caracterizando um espaço próprio, perceptível no decorrer do tempo. Na Quarta Colônia de Imigração Italiana existe uma relação expressiva entre imigração italiana e religiosidade. Esta é visível através da construção e conservação dos símbolos religiosos, como igrejas, capitéis, grutas e demais monumentos religiosos. Deve-se ressaltar também que, foi a religião a grande impulsionadora do desenvolvimento destes municípios, pois através da fé e do apoio dos padres, os italianos recebiam incentivos, pois os padres ajudavam na organização da comunidade e também no planejamento familiar.

A religiosidade também se expressa no cotidiano destas pessoas, através dos ensinamentos e da veneração aos símbolos sacros como a cruz, o sino, as imagens de santos, a reza do terço, as festas sacras, romarias, entre outros, os quais simbolizam a presença do sagrado nos municípios, nas comunidades e nas residências. No entanto, é através da fé que a religiosidade se perpetua e se preserva no decorrer do tempo.

Deste modo, pode-se ressaltar que, os imigrantes italianos continuaram, no Brasil, a reproduzir os costumes religiosos trazidos da Itália. Tal fato contribuiu para a fixação deste povo à nova terra, criando uma identidade cultural singular, a qual foi transmitida, através das gerações, juntamente com os princípios e os valores cristãos, alicerces de sua fé e “busca constante” frente às dificuldades.

Portanto, estudar o legado religioso deixado pelos italianos constitui-se em uma forma de entender as razões de sua partida, da Itália e da sua chegada/colonização no Brasil e por último, na Quarta Colônia de Imigração Italiana. Assim, diante de um espaço totalmente desconhecido, a religião era o vínculo maior que os unia e, Deus, a busca em todas as adversidades e dificuldades.

Entre o conjunto de fatores sociais e culturais que marcaram os imigrantes italianos, estava presente a fé intensa, a qual se revelava tanto nos indivíduos quanto no grupo. Entende-se, desta forma, que a crença em Deus foi o alicerce para estas pessoas vencerem as dificuldades encontradas na nova terra.

A preservação dos símbolos religiosos da Quarta Colônia de Imigração Italiana é fator de orgulho para esta população. Para eles a religião católica está acima de tudo e é motivadora em todos os sentidos. A “força da fé” está presente na

decoreção da igreja para a festa do padroeiro, na oferenda, na missa, no terço em família entre outros. Parece que tudo o que está relacionado à religião é motivo de felicidade. Todo esse conjunto de fatores remete a um forte legado religioso deixado pelos antepassados o qual é preservado e repassado para as gerações futuras.

Assim, através da religiosidade pode-se entender a organização socioespacial desta população, pois por meio deste código cultural, foi possível compreender a vivência e os aspectos culturais significativos, materializados através de uma simbologia própria. Neste sentido, o estudo da religião católica na Quarta Colônia de Imigração Italiana torna-se significativo e a Geografia deve explorar a riqueza deste código e de suas manifestações no espaço, o que torna esse tema instigante e estimulante. Paralelamente, alimenta um debate interno na Geografia e também, permite com que ela dialogue com as outras ciências na busca de subsídios para a dinâmica espacial.

Ressalta-se que dos códigos culturais expressivos no recorte espacial em estudo, além da religiosidade destaca-se a língua falada, a gastronomia e as festividades como responsáveis pela identificação dessa cultura. A igreja como foco centralizador está construída na praça, ponto principal em todos os municípios, expressando a importância da fé católica e toda a simbologia sacra, presente nos mesmos. Representa o marco da cultura desta população, a qual, busca ressaltar os símbolos mais significativos de sua cultura. Estes, juntamente com as cantigas italianas, a comida típica, a horta, o forno a lenha, as reuniões de família e as festas, são traços reveladores da identidade deste povo. Salienta-se que todos os outros códigos são antecedidos pela religião. Cita-se, por exemplo, a reza antes das refeições, a missa antes das festividades, a bênção das casas e da horta, os cantos sacros durante as reuniões de família, entre outros.

Torna-se, portanto, de fundamental importância que se divulgue a prática religiosa da Quarta Colônia de Imigração Italiana, laboratório dessa dissertação. O Guia turístico da Religião, produto final desta pesquisa, pretende fornecer subsídios para o possível desenvolvimento do turismo religioso o qual contribuirá para o desenvolvimento local/regional.

A Geografia tem incorporado nas suas pesquisas, recentemente o estudo relacionado à religião, tornando-se, esta temática, fundamental para a compreensão da cultura, do espaço e da sociedade como um todo.

Destaca-se que no estudo do código religião trabalhou-se com a fé, a subjetividade, com sentimentos profundos, enraizados na cultura e nas tradições. Isso explica a opção pela fenomenologia como método de estudo e a grande valorização das entrevistas, dos questionários e das conversas informais. Juntamente, aborda-se que os questionários aplicados foram significativos, pois além de serem condizentes com a pesquisa do IBGE, sobre a religião, expressaram a realidade, os sentimentos e as experiências de fé desta população.

Destaca-se, também, que este trabalho, além do cunho acadêmico, foi relevante pessoalmente, pois sendo moradora de Pinhal Grande, um dos municípios que compõe a área em análise e tendo conhecimento da cultura local, assim como da religião, muitas informações novas foram acrescentadas. Tal fato, além de me auxiliar no desenvolvimento desta pesquisa, enriqueceu meus conhecimentos, fazendo com que eu valorize ainda mais o espaço vivido.

É importante deixar documentado que as entrevistas com os padres, Chefes de Departamento de Cultura e Turismo das Prefeituras Municipais e com a população local, a visita as igrejas, grutas, ermidas, cemitérios, entre outros símbolos sacros foram relevantes e fundamentais. Alia, também, a eles a emoção das pessoas lembrando a história de sua localidade, a disposição e atenção das mesmas para com as entrevistas as quais foram gratificantes e enriqueceram a pesquisa além de propiciar a aproximação entre a cultura, a religiosidade e desenvolvimento da dissertação.

Desta forma, pode-se inferir que os objetivos propostos foram atingidos, uma vez que, procurou-se expressar a realidade de fé dos habitantes da Quarta Colônia de Imigração Italiana. Destaca-se, que a religião católica é um código cultural consolidado no recorte espacial em estudo, pois faz parte da identidade cultural desta população, sendo representada na paisagem por meio de símbolos sacros e na vida diária através das ações, do convívio familiar, da participação comunitária e da fé.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. M. Dioceses como territórios de ocupação da igreja católica no estado do Rio Grande do Sul. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro: UERJ, n. 21, jan. 2007.

ANGONESI, M. A. G. **As representações de religiosidade e a educação ambiental**: um estudo com os educadores da escola estadual Augusto Ruschi. 1999. 53f. Monografia (especialização em Educação Ambiental) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1999.

AZEVEDO, A. C. A. **Dicionário Histórico de religiões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

BEALS, A. **Antropologia Cultural**. Tradução de Hernando Asayuz. México: Pax-México, 1971.

BELLO, A. A. **Fenomenologia e ciências humanas**: psicologia, história e religião. Organização e tradução Miguel Mahfoud e marina Massimi. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

_____. **Introdução à Fenomenologia**. Tradução Ir. Jacinta Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, SP: EDUSC, 2006.

BEZZI, M. L. Região como foco de identidade cultural. **Geografia**. Rio Claro, v. 27, n. 1, 2002. p. 5-19.

_____. MARAFON, G. **Manual didático sobre a evolução do pensamento geográfico**. Santa Maria: UFSM, CCNE, Curso de Geografia, 2003. (Inédito)

BRANDENBURG L. E. Concepção epistemológicas no Ensino Religioso; desafios para a práxis. **Estudos Teológicos**. v. 46, n. 2, 2006. p. 45-59.

BRUM NETO, H. **O processo de ocupação étnico-cultural e sua influência na organização do espaço geográfico da microrregião geográfica de Restinga Seca**. 2004. 96 p. Trabalho de Graduação A (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.

_____. **Região cultural**: a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha. 2006. 51 p. Qualificação de dissertação de mestrado (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.

_____. **Região cultural**: a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha. 2007. 319 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

BUDÓ, M. L. D. **O antigo e o novo**: o cuidado em saúde no cotidiano de uma cultura Italiana. Disponível em < <http://ojs.c3sl.ufpr.br> >. Acesso em: 2 de jun. 2008.

CAPALBO, C. Espaço e religião: uma perspectiva filosófica. In: **Manifestações da cultura no espaço**. CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org). Rio de Janeiro: EduERJ, 1999.

CARVALHO, J. J. A religião como sistema simbólico: uma atualização teórica. **Fragmentos de cultura**. Goiânia, v. 11, n. 1, jan/fev. 2001. p. 33-54.

CASSOL JUNIOR, I. et al. **Diagnóstico sócio-econômico do entorno de santa Maria – RS**. Disponível em < <http://www.planalto.gov.br/sri/cooperaçãointernacional> >. Acesso em: 2 de jun. 2008.

CHEVALIER, J. GLEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**. Tradução: Silva, V. C.; et al. 12 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

CHRISTOFOLETTI, A. As características da Nova Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 1, n. 1, 1976. p. 3 – 33.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Tradução: Luiz Fugazzola Pimenta; Margareth Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

_____. A geografia cultural: o estado da arte. In: **Manifestações da cultura no espaço**. CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org). Rio de Janeiro: Ed da UERJ, 1999.

_____. O papel da nova Geografia cultural na compreensão da ação humana. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org) **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

_____. A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na Geografia. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. A evolução recente da geografia cultural de língua francesa. **Geosul**. Florianópolis, v. 18, n. 35, jan/jun. 2003. p. 7-25.

_____. As abordagens da geografia cultural. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. C. ; CORRÊA, R. L. **Explorações geográficas percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1997.

CORRÊA, R. L. A dimensão cultural do espaço: alguns temas. **Espaço e cultura**. Rio de Janeiro. Núcleo de Estudos e pesquisas sobre espaço e cultura, n. 1, out., 1995.

_____. Geografia cultural: passado e futuro – uma introdução. In: **Manifestações da cultura no espaço**. CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org). Rio de Janeiro: EduERJ, 1999.

_____. Carl Sauer e a Escola de Berkeley: uma apreciação. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org) **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

_____. **Geografia cultural: um século (1)**. Rio de Janeiro: UERJ, 2000.

_____. **Religião, identidade e território**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

COSGROVE, D. E. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, p. 5, 30 dez, 1996.

_____. A Geografia está em toda parte: cultura e simbologismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Ed. da Uerj, 1998. p. 92 – 123.

_____. Geografia cultural do milênio. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EduERJ, 1999.

_____. Em direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da teoria. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

COSGROVE, D. E.; JACKSON, P. Novos rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

COSTA SOBRINHO, J. B. O ritmo da vida religiosa no interior do Brasil. **Fragmentos de cultura**. Goiânia, v. 11, n. 1, jan/fev. 2001. p. 179- 192

COUTINHO, S. R. Vivências religiosas a partir dos sujeitos: o método biográfico no estudo da história do cristianismo no Brasil. **Fragmentos de cultura**. Goiânia, v. 13, n. 4, jul/ago. 2003. p. 833-843.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução: Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru: Ed. da USC, 2002.

ERTHAL, D. **A influência Palotina no ethos cultural das populações de imigrantes e descendentes de italianos em Vale Vêneto**. 2005. 100f. Dissertação (Mestrado em Integração Latino-americana) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2005.

FRANÇA, M. C. **Pequenos centros paulistas de função religiosa**. São Paulo: IGEOG-USP, 1975.

FUCHS, H. L. O ensino religioso: uma questão paradigmática no currículo a partir da interdisciplinariedade. **Estudos Teológicos**. v. 46, n. 2, 2006. p. 7-22

GIL FILHO, S. F. Estrutura e territorialidade católica no Brasil. In: **Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Vol. 10. 15 jan. 2006. Disponível em: < <http://www.ub.es/geocrit>>. Acesso em: 12 jul. 2007.

_____. **O sagrado e a religião.** Disponível em < <http://www.geog.ufpr.br>>. Acesso em: 12 jul. 2007.

_____. **Por uma geografia do sagrado.** Disponível em <<http://www.geog.ufpr.br/geografiadareligião>>. Acesso em: 12 jul. 2007.

_____. **O fenômeno da religião e método.** Disponível em <<http://www.bahai.org.br>>. Acesso em: 12 jul. 2007.

GIRON, L. S.; HERÉDIA, V. Cultura e religião. In: GIRON, L. S.; HERÉDIA, V. **História da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Est, 2007.

GONZÁLEZ, L. J. F.; DOMINGOS, T. R. E. Representación ideológica de los lugares sagrados: Estúdio de la experiência religiosa de una favela. **Fragmentos de cultura.** Goiânia, v. 14, n. 10, out. 2004. p. 1781- 1795.

GUAZINA, M. J. C. **Ivorá – RS estudo do município.** 1995. 50f. Trabalho de Graduação (Graduação Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1995.

GUIA PRÁTICO DE ANTROPOLOGIA. Preparado por uma comissão do Real Instituto de Antropologia da Grã-Bratânia e da Irlanda: tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1971.

GUIMARÃES, A. E. **O sagrado e a história:** Fenômeno religioso e valorização da história à luz do anti-historicismo de Mircea Eliade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

HALL, S. **Identidades culturais na pós-modernidade.** Tradução: SILVA, T. T da; LOURO, G. L. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HAESBAERT, R. Território, cultura e des-territorialização. In: ROSENDAHL, Z.; CORREA, R. L. (org). **Religião, identidade e território.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

HEIDRICH, A. L. Aspectos culturais e ideológicos da construção da regionalidade gaúcha. In: VERDUM, R.; BASSO, L. A.; SUERTAGARAY, D. M. A. (org). **Rio Grande do Sul: Paisagens e territórios em transformação.** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004. p. 215 – 232.

HOLZER, W. Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: **Manifestações da cultura no espaço.** CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org). Rio de Janeiro: EduERJ, 1999.

HUSSERL, E. **A idéia da fenomenologia.** Tradução: Artur Morão. São Paulo: Martins, [1970].

JACÓB, A. S. Veiga valle e a autoria da imagem do divino padre eterno de trindade. **Fragmentos de cultura.** Goiânia, v. 11, n. 2, mar/abr. 2001. p. 269-292.

KAMINSKI, S. T. **Levantamento do potencial tecnológico da Quarta Colônia de Imigração Italiana no Brasil**. 2001, 220 p. . Dissertação de Mestrado (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2001.

KLEIN, R. O lugar e o papel dos símbolos no processo educativo-religioso. **Estudos Teológicos**. v. 46, n. 2, 2006. p. 74-83.

LORENZONI, L. C. **Turismo religioso na região centro do Rio Grande do Sul**. 2006. Trabalho de Graduação (Graduação Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.

LUFT, C. P. **Dicionário Luft**. Português. São Paulo: Ática, 2001.

MAIA, D. S. A geografia e o estudo dos costumes e das tradições. In: **Terra livre**. São Paulo, n. 16, 1º semestre/2001. p. 71 – 98

MANFROI, O. **A colonização Italiana no Rio Grande do Sul**: implicações econômicas, políticas e culturais. Porto Alegre: Est, 2001.

MARASCIULO, L. C. **Capitéis**: Tradição da religiosidade popular. 1982. Monografia (Especialização em História Administrativa e Social do Brasil) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição, Santa Maria, 1982.

MARCONI, M. A.; PRESOTTO, Z. M. N. **Antropologia**: uma introdução. São Paulo: Atlas, 2005.

MARTINS, J.; DICHTCHEKENIAN, M. F. F. B. (org). **Temas fundamentais de fenomenologia**. São Paulo: Moraes, 1984.

MEZZOMO, F. A. O campo religioso em questão: uma abordagem teórico-metodológica. **Fragmentos de cultura**. Goiânia, v. 14, n. 10, out. 2004. p. 1847-1865

MONINI, I. Mito e religião. **Fragmentos de cultura**. Goiânia, v. 11, n. 1, jan/fev. 2001. p. 167- 172.

MOURA, O. **As idéias católicas no Brasil**: direções do pensamento católico do Brasil no século XX. São Paulo: Convívio, 1978.

MOREIRA, I. **O espaço Rio-Grandense**. São Paulo: Ática, 2003.

MUNIZ, E. F. **Imigração e religião**: a influência do catolicismo na quarta colônia imperial Silveira Martins. 1999. 53f. Monografia (especialização em história do Brasil) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1999.

NARDI, O. **O meio rural da Quarta Colônia de Imigração Italiana como tema e cenário turístico**. 2007. 187f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

OLIVEIRA, I. D. **Religião no centro-oeste: impacto sociocultural**. Goiânia: Ed. da UCG, 2007.

PAGOTTI, A. W. Reflexões sobre a abordagem psicanalítica das manifestações religiosas. **Fragmentos de cultura**. Goiânia, v. 11, n. 1, jan/fev. 2001. p. 65- 76.

PICCIN, E. **A compreensão da cultura de Ivorá – RS através da religião**: um instrumento didático de percepção espacial. 2007. 94f. Trabalho de Graduação (graduação em geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

PISSUTTI, M. D. D. **A formação histórica e socioespacial da cidade de São João do Polêsine – RS**. 2005. 106f. Monografia de Especialização (Especialização em Geociências) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2005.

PIVATTO, P. Ciência e fé. **Fé & Cultura** – temas. HAMMES, E. J. (org). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

PORTELLA, R. A (re)significação da religião no cotidiano: novos enfoques para uma antiga prática. **Fragmentos de cultura**. Goiânia, v. 14, n. 10, out. 2004. p. 1811-1831

POZZEBON, F. **Um estudo antropológico sobre a presença da religiosidade dentre os imigrantes italianos e seus descendentes em Vale Vêneto**. 2004. 55f. Trabalho de Graduação (Graduação em ciências sociais) –Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.

REZENDE, A. M. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

RICHTMANN, F. P. **O sentido da Cultura Cristã**. São Paulo: Helderr, 1968.

RODRIGUES, A. B. (org). **Turismo Rural: prática e perspectivas**. São Paulo: Contexto, 2001.

ROSENDAHL, Z. Geografia da religião: uma proposta. **Espaço e Cultura**, ano I, out 1995. p. 45 – 74.

_____. **Espaço e Religião**: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ, 1996.

_____. O espaço, o sagrado e o profano. In: **Manifestações da cultura no espaço**. CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org). Rio de Janeiro: EduERJ, 1999.

_____. Geografia da religião: uma proposição temática. **GEOUSP_ Espaço e tempo**. São Paulo, n. 11, 2002. p. 9 -19.

_____. Espaço, cultura e religião. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ROSSO, L. L. C. **A contribuição do imigrante italiano na formação da colônia de Ivorá**. 1980. 12f. Trabalho de Graduação (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1980.

SANCHIS, P. No mapa das religiões, há lugar para a “religiosidade”? In: **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis, n. 30, out. 2001. p. 1-26.

SANTIN, S. **A imigração esquecida**. Caxias do Sul: EDUCS, 1986.

SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: Técnica e tempo-razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SAQUET, M. A. Alguns aspectos da formação econômica da ex-Colônia Silveira Martins (1878- 1925). In: MARIN, J. R. (org). **Quarta Colônia**: Novos olhares. Porto Alegre: EST, 1999. p 56-73.

_____. **Os tempos e os territórios da colonização italiana**: o desenvolvimento econômico na Colônia Silveira Martins (RS). Porto Alegre: Edições EST, 2003.

SARAIVA, A. L.; SILVA, J. C. O sagrado e o profano em festejos religiosos: uma diferenciação espacial. **Fragmentos de cultura**. Goiânia, v. 13, set. 2003. p. 45 - 54.

SAUER, C. O. Geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SAUER, S. Religião e pós-modernidade: anotações esparsas de um debate contemporâneo. **Fragmentos de cultura**. Goiânia, v. 13, set. 2003. p. 55 - 74.

SEEMANN, J. Mapeando culturas e espaço: uma revisão para a geografia cultural no Brasil. In: ALMEIDA, M. G. de; RATTTS, A. J. P. **Geografia**: Leituras culturais. Goiânia: Alternativa, 2003.

SEMPRINI, A. As raízes históricas e a situação atual. In: SEMPRINI, A. **Multiculturalismo**. Bauru: EDUSC, 1999.

SILVA, A. F. Geografia, religião e representação social. In: SILVA, A. A. D.; GALENO, A. (Org). **Geografia**: ciência do complexus. Porto Alegre: Meridional, 2004.

SILVA, L. C. M.; LOPES, J. L. S.; GUERRA, G. A. D. Religiosidade popular e devoção doméstica: a festa de Nossa Senhora da Batalha na ilha de Cotijuba. **Fragmentos de cultura**. Goiânia, v. 13, n. 4, jul/ago. 2003. p. 845-859.

SILVA, M. C. A importância da religião e a RCC. **Fragmentos de cultura**. Goiânia, v. 11, n. 2, p. 229-238, mar/abr. 2001

SILVA, S. A. **Paisagem e Território no Ensino de Geografia**. Fortaleza: Premius, 2003.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T.(org), **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, W. A. S. **Religião e sociedade contemporânea: Uma análise da religião no mundo atual**. Aparecida do Taboado: Secretaria municipal de Educação, Cultura, desporto e lazer de Aparecida do Taboado. Minas Gerais, 2007.

SIQUEIRA, D. O sagrado na pós-modernidade. **Fragmentos de cultura**. Goiânia, v. 13, set. 2003. p. 75-90.

SUERTEGARAY, D. M. A. Geografia e interdisciplinariedade. Espaço geográfico; interface natureza e sociedade. **Geosul**. Florianópolis. v. 18, n. 35, jan/jun. 2003. p. 43-53

_____. Notas sobre epistemología da Geografia. In: **Cadernos Geográficos**. Florianópolis, n. 12, maio. 2005.

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução: OLIVEIRA, L. de. São Paulo: DIFEL, 1980.

_____. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

UNIVERSO CATÓLICO. Disponível em: <<http://www.universocatolico.com.br>> Acesso em 13 maio 2008.

VASCONCELOS, P. A. Cultura, religião e escravidão na Bahia (1549 – 1888). **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, jun. 1996. p. 8 -18.

VEJA. **Cristianismo e catolicismo**. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/perguntas_catolicismo/01.html>. Acesso em 20 jun. 2008.

WAGNER, P. L.; MIKESELL, M. W. Os temas da geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T.(org), **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ANEXOS

ANEXO A – Questionário aplicado aos padres e aos chefes de Departamento de Cultura e Turismo dos municípios

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIENCIAS NATURAIS E EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA/MESTRADO**

Mestranda: Eunice Piccin, eunice.piccin@mail.ufsm.br

Orientadora: Prof^a Dr^a Meri Lourdes Bezzi, meri@oslo.ccne.ufsm.br

**GEOGRAFIA DA RELIGIÃO: A IDENTIDADE CULTURAL DA
QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA/RS**

Procedência do entrevistado

.....

1) A religião católica é predominante neste município?

() Sim () Não

2) No seu entendimento, existe relação entre imigração italiana e religiosidade?

Por quê?.....

.....

.....

.....

.....

3) Sabe-se que as igrejas, capitéis, festas religiosas, sinos, terço, imagens de santos são alguns dos símbolos utilizados pelas pessoas para expressar sua cultura através do código cultural religião. Estes símbolos são expressivos no município?

() Sim () Não

4) Quantas igrejas e capitéis existem no município?

.....

.....

5) Qual o evento religioso mais significativo?

.....
.....
.....
.....

6) Existe o interesse que se faça o mapeamento dos símbolos religiosos (Igrejas e capitéis)?

() Sim () Não

7) Existe o interesse, por parte do município, que se crie um floder, ressaltando as festas e os símbolos religiosos locais para que sejam divulgados, promovendo o turismo religioso?

() Sim () Não

ANEXO B – Questionários aplicado à população em geral**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIENCIAS NATURAIS E EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA/MESTRADO****Mestranda:** Eunice Piccin, eunice.piccin@mail.ufsm.br**Orientadora:** Prof^a Dr^a Meri Lourdes Bezzi, meri@oslo.ccne.ufsm.br**GEOGRAFIA DA RELIGIÃO: A IDENTIDADE CULTURAL DA QUARTA COLÔNIA
DE IMIGRAÇÃO ITALIANA/RS****Idade****1) Você se considera uma pessoa religiosa? Por quê?**

.....
.....
.....
.....

2) Qual o significado da religião em sua vida?

.....
.....
.....
.....
.....

3) Sua família, seus pais e avós acreditavam em uma religião? Que religião?

.....
.....
.....

4) Você acha que a educação dos filhos deve se dar a partir dos ensinamentos religiosos? Por quê?

.....
.....
.....
.....
.....

5) O que você sente ao participar de um ato religioso (missa, romaria, procissões, etc)?

.....
.....
.....
.....
.....

6) De que forma a sua religiosidade é transmitida na família?

.....
.....
.....
.....

7) Qual a sua opinião em relação à igreja católica?

.....
.....
.....
.....
.....

8) Qual o evento religioso mais significativo para você? Por quê? (Local e regional)

.....
.....
.....

9) No seu entendimento, existe relação entre imigração italiana e religiosidade? Por quê?

.....
.....
.....
.....
.....

10) Se existisse uma rota turístico-religiosa pelas igrejas e demais construções sacras da Quarta Colônia de Imigração Italiana, você gostaria de participar? Por quê?

.....
.....
.....
.....

11) Você acha que a religião influencia os atos de nossa vida cotidiana?

.....
.....
.....
.....

12) Sua família recebe a visita da santinha? (Imagem de Nossa Senhora) O que ela representa para você?

.....
.....
.....
.....
.....

Outras considerações importantes a respeito da religiosidade.

.....
.....

ANEXO C – Romaria Nossa Senhora da Saúde – Padroeira da Quarta Colônia de Imigração Italiana/RS

14 Sexta-feira, 21 de novembro de 2008

NA REGIÃO

Cidades do Vale - O Jornal da Quarta Colônia

Silveira Martins

Romeiros participaram da Romaria de Nossa Senhora da Saúde

Católicos foram até a comunidade de Linha Quarta Norte, interior de Silveira Martins, para participar dos festejos da Romaria de Nossa Senhora da Saúde, padroeira da região

Ela é considerada a padroeira da região, tanto que na comunidade de Linha Quarta, interior de Silveira Martins, há um santuário para Nossa Senhora da Saúde.

E foi no último final de semana que aconteceu a festa em honra à N. Sra. da Saúde. Porém, dezenas de voluntários estavam envolvidos, há pelo menos duas semanas, com a produção dos alimentos que foram comercializados durante a festa do último sábado e domingo.

Para celebrar, orar e interceder pela padroeira da Quarta Colônia houve, no sábado, uma romaria que levou a imagem de Nossa Senhora da Saúde de Três Mártires até o Santuário que fica na Linha Quarta Norte. Logo após, foi celebrada a primeira missa do final de semana, que fez parte da programação da festa.

No domingo pela manhã, eram esperados pela organização aproximadamente dez mil pessoas, mas, mais uma vez, o tempo prejudicou a romaria, pelo menos na parte da manhã, quando o sol ainda teimava em não aparecer. Nesta manhã foram realizadas algumas missas e à tarde, quan-



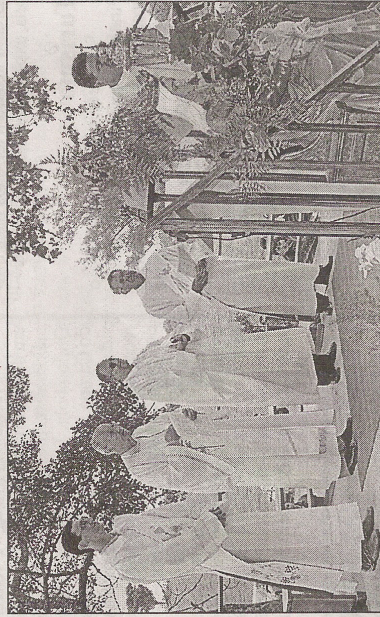
Centenas de pessoas acompanharam a celebração



Houve a bênção da Nossa Senhora da Saúde



Fieis no momento da Eucaristia



Párocos que celebraram a missa

ANEXO D – A possível Beatificação de João Luiz Pozzobon, descendente de Italianos que residiu na Quarta Colônia de Imigração Italiana/RS.

6 Sexta-feira, 1º de maio de 2009

Cultura/Turismo

São João do Polêsine

João Luiz Pozzobon está próximo de ser beatificado

Lideranças da Quarta Colônia integram a comissão que trabalha para que o Diácono que nasceu em São João do Polêsine, em 1904, seja beatificado. João Luiz Pozzobon morreu em 1985, vítima de um atropelamento em Santa Maria



Casa onde nasceu e viveu a infância em Polêsine

Um pequeno comerciante gaúcho é candidato a beato. João Luiz Pozzobon nasceu em 1904, na cidade de São João do Polêsine. Leigo e pai de sete filhos, dedicou sua vida à evangelização. A morte foi em 1985, vítima de um atropelamento na cidade de Santa Maria, onde viveu boa parte de sua vida. Na sua cidade natal, a casa em que viveu foi preservada e até hoje abriga objetos pessoais de Pozzobon.

Para que o Diácono seja considerado um beato, é preciso

que tenha feito milagres comprovados. Na lista está a cura de uma médica infectologista que sofreu um acidente vascular cerebral (AVC).

- Sônia, Valserina e eu fazemos parte da Comissão Pró-Canonização do Diácono João Luiz Pozzobon, por isso frequentemente nos reunimos com o restante da comissão em Santa Maria. Realmente o processo de canonização já está pronto, e está sendo encaminhado a Roma. O pe. Argemiro já conseguiu em-

presas aéreas que vão levar o processo de Santa Maria a Porto Alegre, de Porto Alegre a São Paulo e, por fim, até Roma, sem custo nenhum, – disse o polesinense Assis Cadore.

O processo de beatificação, iniciado em 1994 e comandado pela Diocese de Santa Maria, será encerrado no próximo dia 8. A entrega, no Vaticano, será feita em solenidade marcada para 17 de maio.



Diácono João Luiz Pozzobon e sua caminhada de fé